FAUSTINO XAVIER DE NOVAES

POESIAS POSTHUMAS

PUBLICADAS

POR

ANTONIO MOUTINHO DE SOUSA

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ERNESTO CHARDRON | EUGENIO CHARDRON

PORTO | BRAGA

1877

POESIAS POSTHUMAS

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES

POESIAS POSTHUMAS

PUBLICADAS

POR

ANTONIO MOUTINHO DE SOUSA

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ERNESTO CHARDRON | EUGENIO CHARDRON

PORTO | BRAGA

1877

A propriedade no Brazil pertence ao distincto escriptor o exc.mo snr. J. M. Machado d'Assis.

PORTO: 1877 — TYP. DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA
62, Rua da Cancella Velha, 62

SYMPHONIA D'ABERTURA

(PRIMEIRA FOLHA D'UM ALBUM)

Se Bocage e o gran Camões
Podessem resuscitar,
E as minhas producções
Tentassem analysar...
Oh! que então, desapontados,
Co'os cabellos erriçados,
Ambos de raiva a tremer...
Soltando um choro profundo,
Diriam adeus ao mundo,
Tornariam a morrer.

Eu affectando tristeza
Rezar-lhes-hia por alma.
Depois com mais afouteza
De vate colhêra a palma!
Mas p'ra que tanto receio
Se a campa os guarda em seu seio?
Basta que eu tema na terra
Alguns *invejosos* vates,
Que se escrevo disparates,
Té n'isso me fazem guerra!

Se com arte eu manejára
Como Rubens o pincel...
Com vivas côr's eu traçára
Do mundo a copia fiel;
Mas ao vêr tantas mazellas,
Quem sabe se estas costellas
Me seriam descompostas?
E se alguem, dando cavaco,
Sem ter pena do casaco,
Me poria um pau ás costas?

Não importa: haja valor
Que é fraqueza esmorecer!
Mas, fallarei eu d'amor
Em brancos peitos a arder?
Pintarei negros ciumes
(Pondo o livro em maus costumes)?
Descreverei por mui rara
A minha—ELLA—sem par?
Tudo isso é mais vulgar
Que os pasteis de Santa Clara!

Mas se fallo, digo mal!
Se escrevo, é criticando!
Esta mania fatal
É forçoso ir acabando...
Porém como? É não fallar!
Dizendo-me:—*Vem passear*—
Responderei:—*Eu não vou*—
Só p'ra não ter que dizer.
Pedindo-me p'ra escrever,
Não escrevo e arrumou!

A UM TRADUCTOR DE VERSOS

(1862)

Traductor.
Deixa o mau sestro
De ser, como o papagaio,
Nas reproducções tão destro;
Pois mostras em cada ensaio
Que se não traduz um estro.

Mas o papagaio é grave,
E prudente, fica mudo
Se encontra prisão na trave:
—Tu, que intentas dizer tudo,
Menos do que elle és suave.

Na lingua mostrando a raça,
Quando, mais duro que a rocha
Gritas que o rei vai á caça,
Se o povo diz: «Tó carocha»,
Amuas, perdes a graça.

Sujeito á musa emprestada
Que, se diz *cœur* Lamartine,
«*Coração*» apenas brada,
Se elle um breve *pied* define,
Dás na traducção patada.

Engoles versos amenos
Que vomitas, como louco,
Uns grandes, outros pequenos;
—Que de francez sabes pouco,
De portuguez pouco menos.

Com tão grande empresa a braços,
Cuidas que te não desdoura
Fazer prosa em largos traços,
Abrir depois a tesoura,
Cortar a prosa em pedaços.

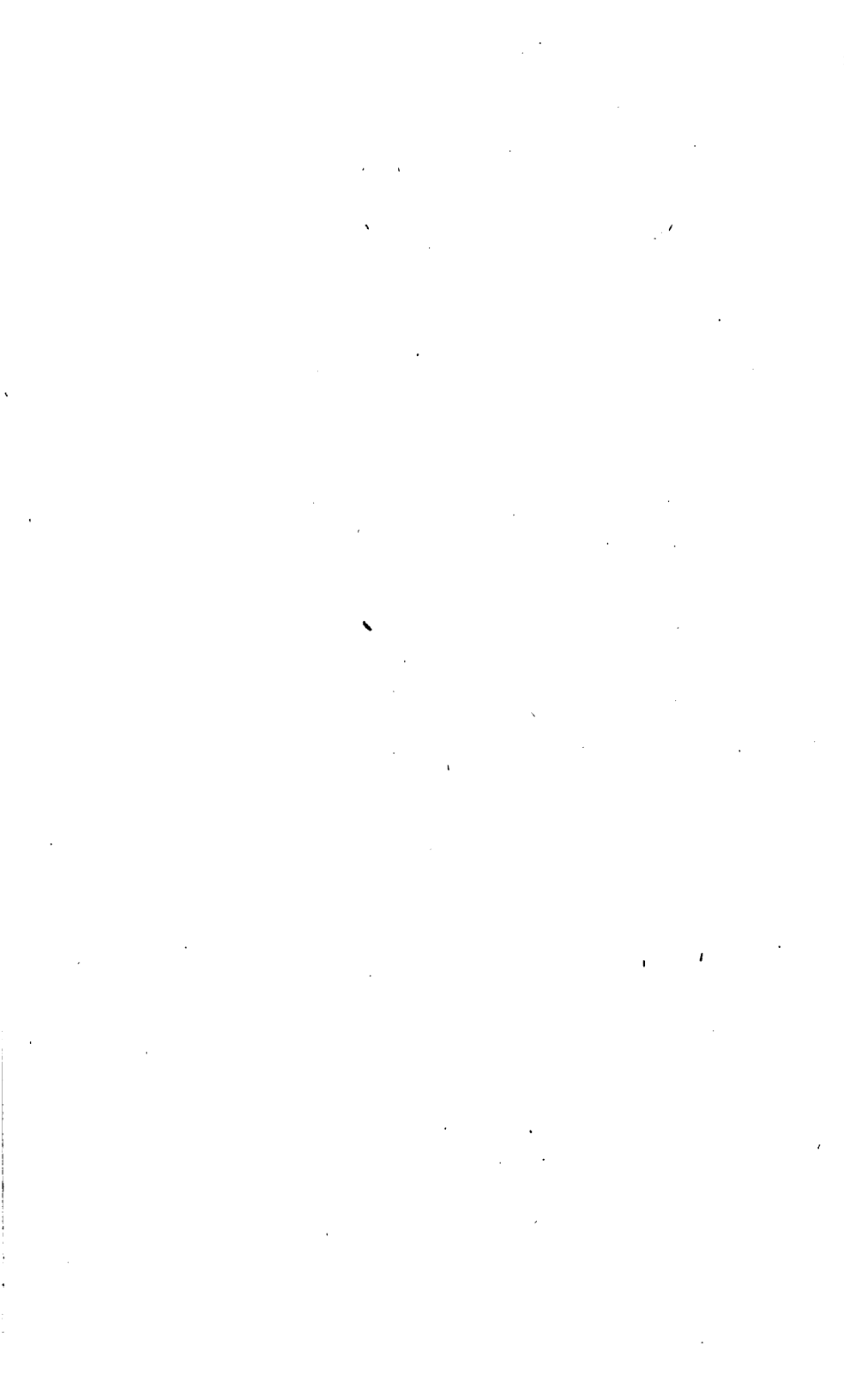
Levas mais longe a ousadia
Quando, juntando os dispersos,
N'essa tua algaravia,
Chamas aos pedaços versos,
E á traducção poesia.

Disse-te o mestre na escóla
Que te via já pejada
Da lingua patria a cachola;
Mas déste ao francez entrada,
Houve adulterio na bola.

E o mundo até se espantára
Se essa intelligencia pécca
Na creação se esmerára;
Visto que és só ama sêcca
De filhos que outrem gerára.

Desde a infancia mal guiado,
Gastarás a vida inteira
Do teu trilho desviado,
E porque erraste a carreira
Paga-se caro o calçado.

Montado em dous idiomas,
Julgas conquista segura
De grande e sabio os diplomas;
E de molestia sem cura
Só n'isso vejo os symptomas.

Mas se uma estrella funesta
Te aponta por essa via
Uma subsistencia honesta;
Por—TRADUCTOR—te annuncia:
—Basta pôr um—T—na testa.

IMPROVISO

Pela acerba doença acommettida,
No leito da agonia jaz prostrada
A mais terna das mães, a esposa amada,
A amiga bemfazeja e condoída!

Quanto custa, SENHOR, vêl-a opprimida,
Por angustias crueis martyrisada!
Não queiraes esta dôr vêr augmentada,
Meu Deus, meu Redemptor, salvai-lhe a vida.

Mas se o alto decreto está lavrado,
Livrai-me, grande Deus, da iniqua sorte
De vêr de minha mãi, o fim jurado!!

Suspendei, suspendei o extremo córte!
Não cáia esse cutelo levantado,
Sem que lhe dê signal á minha morte.

A FRANCISCO PALHA

(IMPROVISO)

Agradecendo-lhe a mimosa poesia que lhe mandou para ser publicada no *Bardo*

O Bardo que nunca empalha,
Não deseja ir empalhando,
Sem PALHA os nùmeros dando,
Ao povo que espera o PALHA.
É mister que o PALHA valha
Á redacção empalhada!
Se o PALHA não dá mais nada,
Êrgo contra o PALHA um ralho!—
Pois diz o povo se empalho,
Bardo sem PALHA é palhada!

A ANTONIO PEREIRA DA CUNHA

(IMPROVISO)

Pelo mesmo motivo

Metti ao CUNHA uma cunha,
E o CUNHA deu de si,
Outra cunha lhe metti,
Não bole o CUNHA uma unha!
Sobre cunha, cunha punha,
E o CUNHA não se moveu!
Mas tal cunha se metteu,
P'r'o CUNHA ser apertado...
Que ao vêr-se tão acunhado, —
Emfim o CUNHA cedeu!

DINHEIRO!

PARODIA AO CANTO I DOS «LUSIADAS»

> E em quanto eu estes canto e a vós não posso,
> Sublime rei, que não me atrevo a tanto,
> Tomai as redeas vós do reino vosso,
> Dareis materia a nunca ouvido canto.
>
> CAMÕES, cant. I, est. 15.

I

Valem pouco os *Barões assignalados*
Que, despidos na *praia lusitana,*
Por mares nunca d'antes navegados
A nado foram vêr a *Taprobana:*
Outros heroes eu canto que, *esforçados,*
Foram pescar mais longe carne *humana,*
E palacios, depois, *edificaram,*
E seus nomes, crismados, *sublimaram.*

II

N'estas grandes empresas, *gloriosas,*
Vai-se a elastica bolsa *dilatando,*
Como as leis da moral, por *viciosas,*
Se vão n'estas viagens *devastando:*
Bem sabem estas almas *valerosas,*
De péas a consciencia *libertando,*
Que é monarcha o dinheiro em toda *a parte,*
Se aos vassallos não falta *engenho e arte.*

III

Ama o dinheiro o grego e o *troiano,*
E, falso, ninguem diz se algum *fizeram;*
Nem juro, *d'Alexandre e de Trajano*
Que soubessem ganhar o que *tiveram:*
Turco, mouro, francez ou *lusitano,*
Todos á sua voz *obedeceram;*
E com razão;—sabemos como *canta,*
E como, tendo-o, a gente *se alevanta.*

IV

Por elle mil brazões se tem *creado,*
Por elle é manso e meigo o tigre *ardente,*
É por elle o pedante *celebrado,*
Por elle vive o louco *alegremente;*
E até, por elle, o vate *sublimado,*
Avesado a beber agua *corrente,*
Se perde, quando a sêde um dia *ordene*
Que prefira o COGNAC á de *Hypocrene.*

V

Sáia, pois, d'esta gaita *sonorosa,*
Que á sábia gente agrade, e á gente *ruda,*
Alto som de trombeta *bellicosa,*
Aureo poder cantando, que não *muda:*
Tenha a tuba da fama, tão *famosa,*
No debil sôpro valiosa *ajuda:*
Venha meu canto ouvir todo o *universo,*
Sem que saiba ninguem se é prosa ou *verso.*

VI

Dá-me a paciencia alheia a *segurança,*
De que hei-de FLAUTEAR com *liberdade,*
E não menos certissima esperança
De ser ouvido em toda a *christandade;*
Que a tudo agora, sem temor, se *lança*
Um menino qualquer de tenra *idade,*
E sei de gente, sem que Deus o *mande,*
Que antes de ser pequena já é *grande.*

VII

Eu, que sinto o meu estro *florescente,*
Que tenho a protecção da musa *amada,*
Aos povos do Levante, e aos do *Occidente,*
Risonha a mostrarei, por mim *chamada,*
Galhofeira, e enfeitada, no *presente,*
Embora velha já, musa *passada;*
Quem a balda no berço não *deixou,*
Tambem mais tarde emenda não *tomou.*

VIII

Tem no mundo a sandice um vasto *imperio,*
Não diz a historia onde reinou *primeiro,*
Nem póde alguem prevêr em que *hemispherio*
Seu reinado ha-de ser o *derradeiro;*
E, rico, eu provarei, sem *vituperio,*
Que é irmão do cavallo o *cavalleiro,*
Que mais fé que o christão tem o *gentio,*
Que é dôce a agua do mar, como a do *rio.*

IX

E, subindo orgulhoso á *magestade,*
Sobre o throno a reinar, que eu já *contemplo,*
Serei mais que os heroes da prisca *idade,*
Se consigo habitar um aureo *templo;*
Nem creio que haja aqui *benignidade,*
Antes, sim, de justiça altivo *exemplo:*
Cessam de reis os contos *valerosos,*
Quando os CONTOS DE REIS são *numerosos.*

X

Basta, sem por orgulho ser *movido,*
De no mundo tornar meu nome *eterno,*
Mostrar-me só dos grandes *conhecido,*
Chamar ao MONTE-CHRISTO avô *paterno;*
Assim, pelo dinheiro *engrandecido,*
Como nobre sem par, *senhor superno,*
Vereis que ha-de julgar cousa *excellente*
Arrastar-se a meus pés, vaidosa *gente.*

XI

Loucuras que eu fizer, serão *façanhas,*
Verdades minhas fallas *mentirosas,*
E hão-de buscar-me, até, gentes *estranhas,*
De vêr-me e de saudar-me *desejosas;*
De mim se hão-de contar acções *tamanhas*
Que, d'outro, as julgariam *fabulosas;*
Cahirão *Rodamonte, e o vão Rugeiro,*
E Orlando, inda que fôra verdadeiro.

XII

Um cavallo terei, altivo e *fero,*
Trinta pagens por dia ao meu *serviço,*
E em cada bêco um inspirado *Homero,*
Meus dotes a cantar, como eu *cubiço.*
Se por valente celebrar-me *quero,*
Cesar esquece, foi poltrão *Magriço,*
E se inveja me causa o *illustre Gama,*
N'uma canôa, eu só, roubo-lhe a *fama.*

XIII

Atravessando o mar, entro na *França,*
Da lingua que aprendi perco a *memoria;*
Gaguejando francez, e em riste a *lança,*
De mil duellos sahirei com *gloria;*
Aqui virei depois, com *segurança,*
Em gago portuguez cantar *victoria:*
Serei de muitas ordens *cavalleiro,*
D'outras muitas mordomo e irmão *terceiro.*

XIV

Serão, pelos meus feitos, *esquecidos*
Aquelles, que nos reinos lá da Aurora
Fizeram, só per armas tão sabidos,
Uma antiga bandeira *vencedôra:*
Se por Castro, e Albuquerque, tão *temidos,*
Inda a familia com saudade *chora,*
Mais heroe eu serei, que — rico e *forte* —
Hei-de, em vez de morrer, matar a *morte.*

XV

Sendo só minha lei o «quero e *posso*»,
Sem jámais encontrar quem valha *tanto*,
Direi aos reis da terra: «O poder *vosso*
Vai agora ficar mettido ao *canto*.»
Quando eu solte do cofre o peso *grosso*,
(*Que pelo mundo todo faça espanto*)
Pasmarão de meus *feitos singulares*
De Africa as terras, e do Oriente os mares.

XVI

Para os pequenos, orgulhoso e *frio*,
Para os grandes, fidalgo *afigurado*,
Entre gentios eu serei *gentio*,
Entre christãos, ás crenças *inclinado*;
E, por mais estender meu *senhorio*,
Ao pai, que de bom *dote apparelhado*
Adorne o feminil pimpolho *tenro*,
Irei, ufano, impôr-me para *genro*.

XVII

Descreverei a *olympica morada*,
Com soberbo exterior, salas *famosas*,
E nas paredes, sobre a côr *dourada*,
Pinturas de batalhas *sanguinosas*,
Onde seja, pela arte, *renovada*
A época das armas *valerosas*;
Á noiva promettendo, em tenra *idade*,
Gozos que os anjos tem na *eternidade*.

XVIII

Direi que o tempo se deslisa *lento*
Entre as grandezas que os mortaes *desejam*;
Que é tardio da morte o *atrevimento*
Contra os humanos que opulentos *sejam*;
Que a seu lado, através do *salso argento*,
Farei que estranhos no fastigio a *vejam*:
Que a seus pés abatido o mais *irado*,
Meu poder pelo amor queira *invocado*.

XIX

D'esses que pela gloria *navegavam*,
De si meigas esposas *apartando*,
E livres, longe d'ellas, *respiravam*,
Bochechas infieis ao vento *inchando*,
Direi que maus consortes se *mostravam*,
Relações conjugaes, sem fé, *cortando*;
E que as juras ás damas *consagradas*,
Pelo vicio não devem ser *cortadas*.

XX

Presa a dama, e seu dote *luminoso*,
O trilho seguirei da altiva *gente*,
E o triumpho cantando, *glorioso*,
Irei — só — viajar todo o *Oriente*;
E assim, dourado, a reluzir *formoso*,
Com ouro e com audacia *juntamente*,
Conquistador serei, qual deus *Tonante*,
E nas guerras do amor um novo *Atlante*.

XXI

Deixarei á mulher um *regimento,*
Para mais não gastar do que fôr *dado;*
Sem ter em simples gozo o *pensamento,*
Se não quizer, na volta, vêr-me *irado;*
Livre só eu serei: — nem um *momento*
Vive de amor meu peito *congelado;*
Se existe essa loucura, eu não sei *onde,*
Sei só que na minha alma não se *esconde.*

XXII

Mostrarei que de mais eu era *dino,*
Como digno de Venus foi *Vulcano,*
Ella, a deusa do oceano *crystallino,*
Elle, entre monstros, monstro *soberano:*
Que o dinheiro no mundo é sêr *divino,*
Como a virtude preconceito *humano:*
— Quem tem d'ouro a corôa *rutilante,*
A fronte curva só ao *diamante.*

XXIII

Em luzentes assentos marchetados,
Uns loucos eu já vi, que um dia *estavam*
D'orgulho a rebentar quando, *assentados,*
Sobre cousas de letras *concertavam:*
Outros, vaidosos, no trabalho *honrados,*
Ao pé dos litteratos se *assentavam:*
— Eu, com riso nos labios, fui *dizendo:*
Sois pobres! É defeito *grave e horrendo!*

XXIV

Eternos moradores do luzente,
Estellifero polo, e claro assento,
Somos nós, que passamos entre a *gente,*
Metal á vista, occulto o *pensamento:*
Eu só penso, e só vejo *claramente*
Como é dos Fados grandes certo intento,
Que pelo ouro *se esqueçam os humanos*
De Assyrios, Persas, Gregos e Romanos.

XXV

Já de mais tem o mundo *concedido*
Dos sabios ao congresso tão *pequeno;*
Que um discurso, de imagens *guarnecido,*
Tão pouco importa como um verso *ameno;*
Ninguem é respeitado, nem *temido,*
Quando a pé, pelo chão, marcha *sereno;*
Ouro, e mais ouro, que elevando á *gloria,*
Sobre a penna, que é d'aço, tem *victoria.*

XXVI

Falla de um tal Camões *a fama antiga,*
Da voga que os seus versos *alcançaram,*
De um olho que furou gente *inimiga,*
N'essas guerras que *tanto se afamaram;*
Mas... coitado!... cahiu, que a fome *obriga,*
E nem os cantos seus o *alevantaram;*
Pouco mais aqui foi que um *peregrino,*
E bem magro subiu ao Sêr *divino.*

XXVII

Corria o mundo todo, *commettendo*
Mil desvarios de cabeça *leve,*
E, quando o premio vil ia *temendo*
De quem, sem ouro, a figurar *se atreve,*
Por um olho viuvo pouco *vendo,*
Temendo a inteira escuridão em *breve,*
Andava aos tropeções, em vão *perfia,*
Sem saber se era noite, ou se era *dia.*

XXVIII

E curvado ao poder *do Fado eterno*
(*Cuja alta lei não póde ser quebrada*).
Não teve a protecção d'alto *governo,*
Nem nas casas bancarias teve *entrada:*
Bom PONCHE não tomou no frio *inverno*
Para animar-lhe a vida *trabalhada:*
E agora?—Leve a terra, ao menos, *seja,*
Se leve, qual foi cá, ser lá *deseja.*

XXIX

Chorava, ao recordar feitos *passados,*
As perdidas viagens, e os *perigos,*
Em que os braços cançou, *exp'rimentados*
Nos sopapos que deu nos *inimigos;*
E d'estes vendo alguns *agasalhados,*
Só em finaes de cartas teve *amigos;*
Nem d'esses que cantou, da altiva *frota,*
Souberam filhos aplanar-lhe a *rota.*

XXX

Se ás verdades amargas que *dizia*
Não encontrava o premio *respondendo,*
É que o povo d'então não *differia*
De nós, que damos tudo... *recebendo.*
Nem o louvor seu fado *consentia,*
Que lhe davam, seu genio *conhecendo*:
Quiz gordo fradalhão, lá no *Oriente,*
Tornar-lhe o poema em pó, cegar a *gente.*

XXXI

Pensava o Frei-Poeta *que viria*
Todo o povo de *Italia, França e Hespanha,*
E que tudo a seus pés *sujeitaria*
Na cidade immortal que o Tejo *banha:*
Orgulhoso, sonhou que *venceria*
A fama sua, toda a fama *estranha,*
Julgando pouco para sua *gloria*
Pasmosa erudição, grande *memoria.*

XXXII

Suppunha vêr o mundo *sujugado,*
E nunca lhe tirou fortuna, ou caso,
Nem conseguiu seu estro vêr *cantado*
Por *quantos bebem a agua do Parnaso;*
Odiou Camões, e quiz vêr *sepultado*
Seu tão celebre nome em negro vaso,
Sendo pobre, tambem, que a mais não *chegam*
Os que no mar das letras só *navegam...*

XXXIII

Ergue altivas canções *a Venus bella,*
Canta os feitos da gente *lusitana,*
Per quantas calidades via n'ella,
Da antiga, sem pavor, gente *romana:*
Julga brilhante, aqui, a sua *estrella,*
Como ao longe, *na terra tingitana;*
E pretende fazer quanto *imagina,*
Na lingua de seus paes, e na *latina.*

XXXIV

E se os risos não vê de *Cytheréa*
Que os maviosos cantos só *entende;*
Se estende a mão pesada á *clara déa*
E ella a mão, desdenhosa, não lhe *estende,*
Não cede o orgulho seu, nem *arrecéa*
Que não possa vencer o *que pretende:*
Sempre os zoilos na audacia *permanecem*
Quando os instinctos maus os *favorecem.*

XXXV

Qual Austro fero, ou Bóreas na espessura,
De silvestre arvoredo abastecida,
Rompendo os ramos vão da matta escura,
Com impetu, e braveza desmedida,
Brama toda a montanha, o som murmura,
Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida:
Tal andava o tumulto levantado
De Macedo *no Olympo consagrado.*

XXXVI

No Motim Litterario *sustentava*
Que eram todos uns loucos *em perfia;*
Que este a severa critica *obrigava,*
E aquelle um azorrague *merecia;*
Mas, quando sobre os mais se *levantava,*
Merencorio no gesto parecia,
Cada nome, na lista *pendurado,*
Deitando pera traz, medonho e irado.

XXXVII

Vendo, por fim, seu throno *de diamante*
Sobre bases d'arêa mal *seguro,*
Em longo soliloquio viu *diante*
Surgir-lhe o desengano, atroz e *duro:*
Então, na intelligencia *penetrante*
Um pensamento lhe passou, mais *puro:*
Conheceu-se Macedo, e, de *torvado,*
Um pouco a luz perdeu, como enfiado.

XXXVIII

E' disse assi: «*Ó Padre, a cujo imperio*
Tudo aquillo obedece, que creaste:
Se esta gente, não quer, n'este *hemispherio,*
Obras eternisar, que *tanto amaste,*
Não manejes tão forte o *vituperio,*
(Que não se curva alguem ao que *ordenaste*)
Não quer o povo, que é *juiz direito,*
Razões de quem parece que é suspeito.»

XXXIX

E foi justo que o Padre *não mostràsse*
Contra o mundo rancor *demasiado;*
Que, após a reflexão, não *sustentasse*
Ser das musas de Lysia o mais *privado:*
Mas esta tenção sua agora passe,
Porque emfim vem de estamago damnado,
Que nunca tirará alheia inveja
O bem, que outrem merece, e o ceo deseja.

XL

Do genio de Camões a *fortaleza,*
De Macedo a censura, mal *tomada,*
A idéa d'ambos, de que é vil *fraqueza*
Desistir-se da cousa começada,
Deu tudo á desventura *ligeireza,*
Que já do berço aos dous veio *talhada:*
Ouro! Só ouro, que inda em bruto, *informe,*
Dará causa a que o mundo *se reforme.*

XLI

Só tu, dinheiro, és grande e *poderoso!*
O teu divino sêr não *consentiu*
Que menos te fizesse *valeroso*
O que a invenção dos homens *esparziu:*
Impéras absoluto, e, *glorioso,*
Jámais o teu dominio *se partiu:*
Tens no mundo reaes *acatamentos,*
Guardam povos e reis teus *aposentos.*

XLII

Ou tenhas do metal a côr *formosa,*
Ou pintado em papel, *omnipotente*
Dobras submissa a gente *bellicosa,*
Seja da banda do Austro ou do *Oriente:*
Ouro divino! Tua lei *famosa*
Propaga em clima frio, ou clima *ardente;*
Nem mais forte que tu fôra *Typheu,*
Nem Jupiter, que em ti se *converteu.*

XLIII

Os meus heroes, se *os ventos os levavam*
Sobre as aguas do mar a porto *amigo,*
Era por ti, sómente, que *mostravam*
A constancia e o valor ante o *perigo:*
Se altivos, fortes, sobre as leis *passavam,*
Seguindo, sem temor, costume *antigo,*
É que a razão, prudente, lhes *mostrava,*
Se os crimes sujam, que o dinheiro *lava.*

XLIV

Vasco da Gama, o forte capitão
Que a tamanhas empresas se offerece,
De suberbo, e de altivo coração,
Nem assim teu poder o *favorece:*
Com vaidade sem fim, cega a *razão,*
Todo o globo pequeno *lhe parece:*
Mais mundos inventar *determinava,*
Mas não lhe succedeu como cuidava.

XLV

Com outros, seus iguaes, em *companhia,*
Cheirando, ora esta praia, e logo *aquella,*
Buscava a que mais vasta parecia,
Cortando o longo mar com larga vella:
E desvairados, todos, *de alegria*
Por verem nova terra, e o povo *d'ella,*
«*Que gente será esta, (em si diziam)*
«*Que costumes, que lei, que rei teriam?*»

XLVI

Soffrendo, a viajar por tal *maneira,*
Rigorosas dietas, e *compridas,*
Uns sobre outros dormindo n'uma *esteira,*
Quando eu tinha almofadas *bem tecidas,*
Da lua a luz só tendo *verdadeira,*
Tendo eu as serpentinas *accendidas,*
Nem sonhavam que o pobre, e *não prudente,*
Quanto mais fogo tem, mais frio *sente.*

XLVII

Levavam na partida bons *vestidos*
De varias côres, brancos, e listrados,
Mas, gastos na viagem, só *cingidos*
Os farrapos traziam *sobraçados:*
E, de todo, mais tarde já *despidos,*
Da cintura pendentes os *terçados,*
Inda, afoutos, nas aguas *navegando,*
Dizem que em birimbaus iam *tocando.*

XLVIII

Os povos, lá das praias, *acenavam,*
Elles, de cá, pediam que *esperassem,*
E do navio á borda se *inclinavam*
Aguardando que os ventos *amainassem:*
E em quanto os marinheiros *trabalhavam,*
Sem que as rudes manobras *acabassem,*
Vão alguns espreitar lá da verga *alta,*
Este dança, outro canta, aquelle *salta.*

XLIX

E n'esta patuscada, a pobre *gente*
Aos abysmos baixava, ao céo *subia,*
E tornando a descer, *humanamente,*
Famosos trambolhões só *recebia:*
Manda-se a mesa *pôr em continente,*
Vazios, sujos pratos só *havia;*
—Na praia os outros, a brincar, se *deitam,*
E, comida que chega, *nada enjeitam.*

L

Comendo alegremente perguntavam
Pela arabica lingua, «d'onde vinham?
«Quem eram? de que terra? que buscavam?
Ou que partes do mar corrido tinham?»
Os fortes lusitanos lhe tornavam
As discretas respostas, que convinham:
«Os portuguezes somos do Occidente;
«Imos buscando as terras do Oriente.

LI

«*Do mar temos corrido, e navegado*
«*Toda a parte do Antarctico e Callisto;*
«De mosquitos o barco *rodeado,*
«Medonhas passarolas *temos visto;*
«Sempre longe o peixinho, *tam amado,*
«Proximo o tubarão, menos *bemquisto;*
«Não podemos andar *com leda fronte,*
«*Mas no lago entraremos de Acheronte.*

LII

«Seccos, mirrados, por aqui *andamos,*
«E é para nós maná chuva de *rega;*
«Mas ás vezes, se ao largo *navegamos,*
«Em ondas cá por dentro o mar *navega;*
«Mas deixemos massadas, e *saibamos,*
«(*Se entre vós a verdade não se nega*)
«*Quem sois; que terra é esta que habitaes:*
«Se de gente só tendes os *sinais.*»

LIII

«*Somos* (*um dos das ilhas lhe tornou*)
«Uns patuscos, sem leis, e sem *nação;*
«Chora por nós a Mãi que nos *creou;*
«Mas deixal-a chorar, que tem *razão:*
«Certas cousas por lá nos *ensinou*
«Sobre as leis de Mafoma, e de *Abrahão,*
«E nós fomos á cara ao *senhorio,*
«Porque somos christãos e elle é *gentio.*

LIV

«Tinha lá no torrão em *que habitamos*
«De rebeca aprendiz, inda na *escala,*
«E, a fugir-lhe, nas *ondas navegamos*
«*De Quiloa, de Mombaça, e de Sofala:*
«Contra os dous um refugio *procuramos,*
«Que tal terra fugimos *de habital-a:*
«*E porque tudo, emfim, vos notifique,*
«O nome d'este forno é *Moçambique.*

LV

«*E já que de tão longe navegais,*
«Se vindes bem sortidos de agua *ardente,*
«Vamos todos beber, por que *sejais*
«*Guiados pelas ondas sabiamente:*
«*Tambem será bem feito que tenhais*
«*Da terra algum refresco, e que o Regente*
«Que a barcada governe, mal nos *veja,*
«De mais alguns petiscos nos *proveja.*»

LVI

Alli, só em folguedo *se tornou*
A expedição de Gama *& companhia:*
Por isso o amigo Vasco *se apartou,*
Fez ao seu povo a usada *cortezia,*
E do porão no *fundo se encerrou,*
Onde não penetrasse a luz do *dia:*
Não consentiu que alguem lhe *alumiasse,*
Só á sucia ordenou que *repousasse.*

LVII

De noite pôz-se a pannos toda a *frota,*
Com extranha alegria e não cuidada;
Que não era entre gente *tão remota*
Recepção tão grosseira a *desejada;*
N'uma taboa, com giz, tomou-se *nota*
Da exquisita aventura *desusada,*
E como era fado todos *creram,*
Inda mais sobre as ondas se *estenderam.*

LVIII

Ao longe os vagos lumes *rutilavam*
E sobre as crespas *ondas neptuninas*
Os peixes a saltar, *acompanhavam,*
Brilhando, como em terra alvas *boninas;*
Melhor, se fritos fossem, *repousavam*
Nas animadas covas *peregrinas;*
Que o estomago, ha muito, *vigiava*
Por vêr se entrava alguem, qual *costumava.*

LIX

Ergueu-se, emfim, a *Aurora marchetada,*
Os fermosos cabellos espalhou,
Deu bons dias ao mestre, teve *entrada,*
E o Gama de seus sonhos *acordou;*
Levantou-se d'um pulo *toda a armada,*
Cada qual a seu modo *se adornou,*
E o estomago, só, sem *alegria,*
Aos couces ás paredes se *partia.*

LX

Mais juizo tive eu que, *navegando*
Entre a America e as terras *lusitanas,*
Comprei, vendi, ganhei, de mim *cuidando,*
Mesmo em certas empresas *inhumanas:*
Depois, ricos palacios *habitando,*
Com grandezas sem fim, mais que *asianas,*
Tenho sido, por força *do Destino,*
Como em Constantinopla *o Constantino.*

LXI

No mundo assim se vive *alegremente,*
Em dôce e reverente *companhia,*
Escondendo com ouro, no *presente,*
As nodoas que o passado já *trazia;*
Vê-se na adulação fervor *ardente,*
Affavel nos semblantes a *alegria;*
Que é um templo o palacio que *recebe,*
E onde a gente vadia *come e bebe.*

LXII

Seja o dono Allemão, Francez, ou *Luso,*
Nem o intenta saber gente *admirada,*
Que alli, por seu, adopta qualquer *uso,*
Curvada em submissão, sempre *enleada:*
No meio da grandeza, este *confuso,*
Com ficticios desdens aquella *armada,*
D'onde a riqueza vem, quem lhes *dizia*
Se de Australia, d'Angola, ou da *Turquia?*

LXIII

Do rico adulador seguir *deseja*
Os livros de sua lei, preceito, ou fé;
Quer seja a crença má, quer boa *seja,*
O que fôr sua crença, tambem *crê:*
Basta que o protector curvado o *veja,*
E que, tendo hoje dado, ámanhã *dê:*
Só quando taes principios não se *usavam,*
Por causa d'honra os parvos *pelejavam.*

LXIV

O Gama, o denodado *capitão,*
Tão pouco d'este codigo *sabia*
Que tinha encaixilhada a *relação*
Dos nomes dos BONS HOMENS *que trazia:*
Eu, que pertenço á nova *geração,*
A mesma, aqui, na Russia, ou na *Turquia,*
Domino a gente fraca, e a *bellicosa,*
Porque sigo outra lei, grande, *famosa.*

LXV

A lei tenho d'aquelle a cujo imperio
Obedece o visibil, e invisibil;
Que domina, por si, *todo o hemispherio,*
Tudo o que sente, e todo o insensibil:
Que engrandece a deshonra e o *vituperio,*
Que supplanta a moral, por *insoffribil;*
Que d'altas regiões aqui *deceo,*
Por subir os mortaes da terra ao ceo.

*

LXVI

D'este DEUS-OURO, nobre, *alto, infinito,*
Que do fundo da terra já *trazia*
O valor que lhe foi mais tarde *escripto*
Pelas artes, por ser o que *devia:*
Ó Honra! Se tu és (*como tens dito*)
Grande, invencivel, qual ninguem *seria,*
Com todo o teu poder, vem! que *eu me obrigo*
A dobrar-te a meus pés, *como inimigo.*

LXVII

Torno inertes, se quero, os *diligentes;*
São, para mim, de cêra as *armaduras;*
Rompo, com leves balas *relusentes,*
Malhas finas, e laminas seguras;
D'outros metaes as armas *differentes*
Ás minhas cedem, porque são mais *puras:*
Sou Cupido, se tenho d'ouro *aljavas,*
Sou Marte, a guerrear com damas *bravas.*

LXVIII

Com dinheiro e ousadia *junctamente,*
Nunca as leis da moral me são *damnosas,*
Que não se dobra o rico, e nem *consente*
Da justiça as vigias *temerosas;*
De ouro forrado, o heroe, sempre *valente,*
Entre gentes tam poucas, e medrosas,
Não combate, sorri-se; *e com razão:*
Que é fraqueza, entre ovelhas ser leão.

LXVIX

Se o decoro, e o dever, alguem *notou,*
Que dinheiro já viu, *com olho attento,*
É saudade que tem do que *ficou,*
E lhe occupa, sósinho, o *pensamento;*
Nas mostras e no gesto o não mostrou;
Mas com risonho e ledo fingimento,
Parodiar Catão só *determina,*
Até que pilhar *possa o que imagina.*

LXX

Por mesquinho soldado, *o capitão*
Ás hostes d'inimigos é *levado,*
E ambos o commandante *levarão*
Se elle a dóse, primeiro, houver *tomado;*
Se os tres no General vêem má *tenção,*
Afoguem-no em dinheiro, que é *damnado,*
E se a espada não vende, á luz do *dia,*
É que inda não lhe deu quanto *daria.*

LXXI

Se ostenta o magistrado sã *vontade,*
É que o aureo remedio não *tomou,*
Tomando-o, esquecerá toda a *verdade*
Que um codigo rançoso lhe *ensinou;*
Nem suppõe que o premeie a *Eternidade,*
Se aqui bom nome, apenas, *alcançou!*
Da virtude o dinheiro é *inimigo,*
Mas é d'amigos seus prestante *amigo!*

LXXII

Se o pobre, d'opulenta *companhia*
Não fôr, pela frieza, *despedido*,
Saiba, ao menos, que a frouxa *cortesia*,
O riso protector, tudo é *fingido*:
Não pisa um homem d'ouro a terrea *via*,
E só recebe bem, se é *recebido*;
Nem brilha em luzidio *ajuntamento*,
Quem tem, para viver, triste *aposento*.

LXXIII

Do claro assento ethereo o gran' Thebano,
Que da paternal coxa foi nascido,
O sobr'olho franzindo ao *lusitano*,
Mostrando-se enjoado e *aborrecido*,
Lá na JAMBEA cabeça *um falso engano*
Forjava, por vêr tudo *destruido*;
E em quanto o seu negocio *imaginava*,
Comsigo estas palavras praticava:

LXXIV

«Do Fado estava *já determinado*,
«Que eu não fizesse mais acções *famosas*,
«Sem ter boas patacas *alcançado*,
«D'estas, e d'outras gentes *bellicosas*;
«*E eu só, filho do Padre sublimado;*
«O protector das bolsas *generosas*,
«Verei, embora Deus o *favoreça*,
«*Outrem per quem meu nome se escureça?*

LXXV

«Se eu inteiro o juizo não *tivesse,*
«Por ter sido gerado em tão má *parte,*
«Talvez que ao meu poder não *sumettesse*
«Atrevidos pimpões, filhos de *Marte;*
«Mas como succedeu *que o fado désse*
«*A tam poucos tamanho esforço e arte,*
«Porque pagar não ha-de o que é *Romano,*
«O Tapuya, o Phenissio e o *Lusitano?*

LXXVI

«Ao tempo e á discrição já sou *chegado*
«De saber negociar *astutamente:*
«Só dinheiro, no Erario *fabricado,*
«Ou mandado imitar lá no *Oriente,*
«A tromba encolherá, com que *indignado*
«Hei-de, altivo, acolher toda esta *gente;*
«*Porque sempre per via irá direita*
«*Quem do opportuno tempo se aproveita.*»

LXXVII

Isto dizendo irado, e quasi insano,
Aos trambolhões á terra *descendeu,*
Onde, vestindo a fórma, e o gesto humano,
Toda a gente a imital-o se *moveu:*
É desde então que é lei *o astuto engano,*
Que em negocios a moral *se converteu;*
Ninguem poupa um amigo, ou *conhecido,*
Préga o mono ao monarcha o seu *valido.*

LXXVIII

Quem soube enriquecer-se *a tempo, e horas,*
Tenha as joias em casa *accommodadas,*
Que as mãos que a nossa apertam, *roubadoras,*
Não dizem com que intento *são chegadas:*
Já do Eden as gentes *moradoras,*
Gostavam de chupar cousas *roubadas,*
O systema ensinando aos *que passavam,*
Ou n'aquellas paragens *ancoravam.*

LXXIX

Cada alumno que vem, mais *entendido,*
Busca meios sem fim, *sanguinolentos;*
E se pretendem leis vêr *destruido*
Este *officio,* por modos *violentos;*
É do legislador engano *urdido,*
São de falsos juizes vis *intentos*
Privilegio só ter para *roubarem,*
E seus collegas *d'arte cativarem.*

LXXX

Mas estava o seu fim *determinado;*
O grupo, diminuto, foi bem *cedo*
D'innumeros rivaes *acompanhado,*
E pelo uso, depois, perdeu-se o *medo.*
Inventou-se, mais tarde, o povo *armado,*
Com esperas de noite, *occulto e quêdo;*
Porque saindo a gente descuidada
Cahirão mais facilmente na cilada.

LXXXI

Este plano vingou: — foi dito e *feito* —
E o roubo se elevára *totalmente,*
Dando ao bom roubador alto *conceito,*
Riqueza, distincções, vida *contente:*
É, como em tudo, lucrativo o *geito,*
É vantagem real o ser *prudente,*
E os ratoneiros foram *destruidos,*
Desbaratados, mortos, ou perdidos.

LXXXII

Para sempre o mysterio se *acabou,*
Que o progresso não quiz systema *velho,*
E o novo, nas raizes que *lançou,*
As pisadas seguiu d'alto *conselho:*
Mais vasto plano, então, se *concertou,*
Inventou-se, depois, muito *aparelho,*
Até que nobre, e grande, se *tornasse*
Quem novos meios de roubar *buscasse.*

LXXXIII

Da fraude, da extorsão, do vil *engano*
O prospecto se faz, porque se *mande*
Sagaz, astuto, e sabio em todo o dano,
Todo o mundo correr, embora *grande:*
Na America, e no solo *Lusitano,*
Na Europa inteira se decide que *ande,*
E se o mundo, a crescer, fôr por *diante,*
Que inda o pendão no termo se *alevante.*

LXXXIV

Estranho que o congresso *visitava,*
Por sordida ambição logo *accendido,*
Os socios enganar *determinava*
De modo que não fosse *apercebido;*
Mas toda a sucia hostil *se concertava*
Como se fosse o engano já sabido;
E reinando esta moda *facilmente,*
Brilha o que mais astuto rouba, e *mente.*

LXXXV

Declara-se um traidor á sua *terra,*
Porque o dinheiro vem, que é *necessario:*
Este, contra seu pai promove a *guerra,*
Aquelle, aos proprios filhos é *contrario:*
Entendem por fim, todos, que não *erra*
O que tem o dever por *aversario;*
Nem o progresso caminhar *podia*
Quando as peias da honra ao pé *trazia.*

LXXXVI

No palacio, na choça e até na *praia,*
Vem pelo roubo a cousa *desejada;*
Emprega-se o arcabuz, como a *azagaia,*
Bacamarte, pistola e *setta hervada;*
Nem se espera que a gente á rua *saia;*
Que lá mesmo vai ter negra *cilada,*
E quando mais esperto algum se *faça,*
Se por força não cahe, cahe *por negaça.*

LXXXVII

Vêdes esses na praia, alva, *arenosa*,
Brandos, aos navegantes *acenando*,
Que do mar sobre a furia *perigosa*
A amigavel juncção vão *incitando*?
— Duvidai da apparencia *generosa*
Que os homens n'este mundo vão *mostrando*:
Bom olho todos teem, pé *tão ligeiro*,
Que nenhum dizer pode que he primeiro.

LXXXVIII

Engana a falsa amada o terno *amante*,
Se a riqueza que tem é *desejada*,
E outra riqueza igual se põe *diante*
Com metallico som que ao longe *brada*:
Fogem brio e pudor em curto *instante*,
Que a perdida mulher, fronte *inclinada*,
Ouro, e mais ouro quer, *os olhos cerra*,
E do amante a illusão lança por *terra*.

LXXXIX

Debalde o pai, da campa se *levanta*,
Mata-o, de novo, do ouro a *artilheria;*
Debalde o diabo, de terror, se *espanta*,
E da infame aos ouvidos *assovia:*
A jura sobre as cinzas *já quebranta*,
Nem o sangue o remorso lhe *resfria:*
Da fera o coração não é *medroso*,
E vai ávante o plano *aventuroso*.

XC

Surja, embora, de lingua *portugueza*
Vocabulario atroz, que fere *e mata;*
Não pretende a perjura achar *defesa*
Nem seu aureo valor se *desbarata;*
Mas ditosa não é, que já lhe *pesa*
Ter-se vendido cedo, e tão *barata,*
Áquelle que inda ha pouco *maldizia;*
— Que outro, mais rico, outra ambição lhe *cria!...*

XCI

Do dote que o tentára, vai *tirando*
O marido, que ao fim corre *apressado,*
Dinheiro, e mais dinheiro, *arremessando,*
Na furia de gastar, *desatinado,*
E a comprada mulher *desamparando,*
Sem ser pelo remorso *amedrontado,*
Ás que na rua compra, offerta *o braço,*
Deixando livre á sua igual *espaço.*

XCII

Ella, que as vê de sêdas *carregadas,*
Em sêdas procurar é *diligente,*
E mais tarde, uma e outras, *encurvadas*
Pelo vicio, já vivem *junctamente,*
E por douradas balas *bombardadas*
São fracas quanto é forte a rica *gente:*
— Por isso o povo crê que Deus *castiga*
A vil malicia, perfida, *inimiga.*

XCIII

Do céo lá vem, depois, a mão *armada*
A ligação cortar, que estava *presa;*
Ella cahe, de remorsos *aguada,*
Elle chora o seu mal, mas sem *defesa;*
Ella do amante a imagem vê *magoada,*
Elle, pobre, alimenta a raiva *accesa,*
E ao inferno lá vão, que o negro *dano*
Foi nos dous ambição, não foi *engano.*

XCIV

Mas não deixe este quadro *arrependido*
Quem o dinheiro, só, ama na *terra;*
O que fôr n'estas cousas *entendido,*
Aos restos do pudor movendo *guerra,*
Zombará do outro mundo *promettido,*
Que d'espirito os pobres só *encerra:*
Se alguem aos homens outra lei *mandava,*
Errou, por não saber com quem *tratava.*

XCV

No seculo do gaz, bem mal *convinha*
Ter ás trevas o povo *acostumado;*
Deu-lhe o progresso idéas que não *tinha,*
Mostrando-lhe o dinheiro *desejado;*
E o povo, como a hospede que *vinha*
(Digno de ser em casa *agasalhado*)
O joelho dobrou, curvou-se *attento,*
E a crença no dever soltou-a ao *vento.*

XCVI

Fôra essa crença ratoeira *armada*
Quando a acção do poder se *dividia,*
De encantadas visões *acompanhada,*
Pela firma — PUDOR & COMPANHIA: —
Essa firma falliu, ficou sem *nada,*
Embustes ninguem crê, que nos *ordia,*
E se o mundo melhor não se *informava,*
Da cêpa torta nunca mais *passava.*

XCVII

Dissiparam-se, á luz, negros *enganos,*
Que tal cegueira aos povos *ensindra;*
E, se a idade de ferro causou *danos,*
Fulgente idade-d'ouro se *prepara;*
D'aqui até aos portos *Indianos*
D'esta lei o vigôr já se *declara:*
Era, de todo parvo, quem *dizia*
Que remorso, ou castigo, inda *temia.*

XCVIII

Seja, pois, o dinheiro o *pensamento*
De quem, antes, com honra se *enganou,*
E, sem ter entre os homens alto *assento,*
Só em pobres choupanas *habitou:*
Agora sim, que o povo, ao ouro *attento,*
De tel-o por monarcha se *alegrou;*
Que nem esta mudança eu lhe *rogava*
Sem conhecer o seculo em que *estava.*

XCIX

O dever pede só, não *determina;*
Vence o dinheiro mais; — manda, não *pede,*
E a seu mando cahiu, já, por *matina,*
A lei de Christo, ou lei de *Mafamede:*
Fazendo cada qual o que *imagina,*
E a riqueza dos mais vendo que *excede,*
Póde até ser ladrão, ninguem lh'o *chama,*
Se boa fama inveja, compra a *fama.*

C

Já do mar na penuria, a triste *frota*
D'essa gente, por honra *celebrada,*
Conhece que ia, pela antiga *rota,*
Fundear na pobreza *não cuidada;*
E da via voltando, tão *remota,*
Ao porto da riqueza, *tanto amada,*
O piloto DINHEIRO hoje *a desvia*
Donde o piloto falso a leva, e guia.

CI

Desenganou-se a gente, não *podendo*
Tal determinação levar avante;
E ao famoso PILOTO *commettendo,*
A nova direcção, pois é *constante,*
Vai por douradas aguas *discorrendo,*
Sem que algum embaraço veja *adiante,*
A não ser, de joelhos, toda a *gente,*
E os bichos, por instincto, *junctamente.*

CII

Abaixo quem ao povo só *mentia,*
E escrupulo á consciencia lhe *levava;*
Abaixo quem de seu mais nada *havia*
Do que o brio e pudor que *celebrava;*
Abaixo quem na honra e dever *cria,*
E a fama, por tão pouco, *demandava!*
— Saiba a gente de ABUSOS *guardadora,*
Que o DINHEIRO, onde vai, põe tudo *fóra.*

CIII

Vereis, por elle, unida e bem *chegada*
Gente que no pensar se *dividia;*
Vereis entre a grandeza *situada*
A que entre a plebe, só, *apparecia*
Com roupa velha, já, mal *fabricada,*
Onde a ausencia fatal se *descobria:*
Vereis o imperio seu com toda a *idade,*
Nas aldêas, nas villas, na *cidade!*

CIV

Seu reinado feliz é já *chegado!*
Quem espera outro rei, o mesmo *espera*
Se esperava que o demo *baptisado,*
Convertido, entre nós, missa *dissera.*
Tenha o seu cada qual a bom *recado,*
Que se outro lh'o pilhou, já seu não *era,*
E o amigo officioso, que *avisára,*
Se mais cedo viera, lh'o *tomára.*

CV

DINHEIRO! Gloria a ti! Ávante, *amigos!*
A tal nome não fique alguem *coberto!*
E vós que honrados sois, d'elle *inimigos,*
Mostrai-me esse toutiço *descoberto!*
Oh grandes, e gravissimos perigos!
Oh caminho da vida nunca certo!
De vêr-vos terminar sinto a *esperança,*
As estradas são d'ouro, ha *segurança!*

CVI

Já não vem o dever causar mais *dano,*
Já a honra transigiu, *apercebida!*
Virtude, honestidade, eram *engano,*
Juramentos, loucura *aborrecida!*
Onde póde acolher-se um fraco humano,
Onde terá segura a curta vida?
No — DINHEIRO — que dá viver *sereno*
Ao bichinho da terra mais *pequeno!*

NÃO ME CHEIRA

(1862)

Que tôlo sou! Lá na roça
Corre o carro mais direito:
No bom socego da choça,
Com amigos cá do peito,
Ouve a gente muitas petas,
Lê muitas mais nas gazetas,
E assim foge a vida inteira
Na santa paz da amizade:
—Este viver da cidade
Não me cheira.

Trazem balões enfunados
Virgens, casadas, viuvas,
E os antipodas, pasmados,
Cuidam que são guarda-chuvas;
E n'estas estreitas ruas,
A fugir de taes faluas,
Nem das casas na soleira
Ficam salvas as canellas:
—Vêl-as assim, todas ellas,
Não me cheira.

*

Estes casquilhos de agora,
Nem de pintal-os me incumbo;
Que eu nunca vi, lá por fóra,
D'estes soldados de chumbo:
Tem anzoes no bigodinho,
E abrem comprido caminho
Na sebenta cabelleira,
Bem mais pesada que o centro:
—Se o que é por fóra é por dentro,
Não me cheira.

O narizinho opprimido
Na tenaz envidraçada,
Deixa o canal impedido,
Lá de cima... não vem nada:
Se fallam... ai... que tontice!...
Em francez, tanta sandice!—
Em portuguez, tanta asneira!...
Sempre a grammatica inversa!...
—Nada... nada... esta conversa
Não me cheira.

E o laço do matrimonio,
De que modo aqui se aperta!
Não é Deus, é o demonio
Quem taes enlaces concerta;
E ha certos paes—que tratantes!—
Que em tudo negociantes,
Vão pôr a preço na feira
As filhas!... Que desafôro!—
—Casamento sem namoro
Não me cheira.

Casam com velhos, mocinhas
Que são dos moços encanto;
E, depois, nas criancinhas
As feições variam tanto!...
Ha, mais tarde, arrependidas,
Tantas virtudes perdidas,
Tanto quem achal-as queira,
Se um dia chega a desgraça!...
—Levar as filhas á praça...
Não me cheira.

E os velhos, pintada a cara
Como os pêllos do toutiço,
Aguçando voz de arara,
Com seu coração postiço!...
São do meu tempo, coitados;
Mas tezos, e envernizados,
Já cegos como a toupeira,
Inda prestam culto ao vicio!
—Vêl-os fóra d'um hospicio,
Não me cheira.

Pois o jornalismo!—arreda!
Que n'esse abysmo profundo
Tem todos a sua queda,
Lá se enterra todo o mundo:
E esse—*anonymo*—atrevido,
Em trinta jornaes mettido
Sem levantar a vizeira!...
E as questões sobre *um poema?*
—Que massada!... este systema
Não me cheira.

D. Jayme de manhã cêdo,
D. Jayme logo, ao almoço,
D. Jayme ao jantar, azedo,
D. Jayme á cêa, com osso,
D. Jayme, agora, adoçante,
D. Jayme, depois, picante,
D. Jayme de frigideira,
D. Jayme á lua guindado,
D. Jayme em lama arrastado...
—Não me cheira.

Essa chusma impertinente
De cantantes e de harpistas,
Uns que tarde serão gente,
Tudo, alguns, menos artistas;
Pequerruchas infelizes,
Que teem lá nos seus paizes
Inda cheia a mamadeira,
Longe da escala do officio,
Trepando pela do vicio!...
Não me cheira.

E tantas mil taboletas
Sobre as portas penduradas,
Onde as asneiras e as petas
Já não podem ser contadas!
E estes *hoteis* estrangeiros,
Que despedem os roceiros
Sem trinta reis na algibeira
Tendo lá pouca demora!
—O melhor é ir-me embora!...
Não me cheira.

IMPROVISO

(NO PRADO DO REPOUSO)

N'este triste lugar aonde a morte
Mil funereos trophéos, vaidosa ostenta;
Onde o stygio cypreste se sustenta,
Qual sentinella audaz guardando um forte!

Onde o RICO, submisso á lei da sorte,
Do POBRE ao lado, os vermes alimenta:
Onde o que NOBRE foi, debalde intenta,
Distinguir-se inda além do extremo córte!

N'este campo voraz, profundo abysmo,
P'ra onde olha a incauta humanidade,
Por entre o espesso véo do indifferentismo:

Terminam inquietações, finda a vaidade!
No mundo que se vê? Paixões, egoismo!
Aqui, socego só, pura igualdade!

AO BRAZIL

Salve, grande nação, brasileo povo!
Vem dar-vos nova lyra um canto novo,
Sincero e não servil!
É pura a voz de um luso expatriado,
Que chora, de saudades traspassado,
Nos braços do Brazil.

Cessem caprichos vis, odios impuros,
Que ergueram entre nós ferrenhos muros
Na escuridão fatal!
Já surgiu de progresso a nova aurora,
São livres, são iguaes, irmãos agora
Brazil e Portugal!

Fôra destino tal por Deus previsto:
Oramos, desde o berço, aos pés de Christo,
A Christo ajoelhaes;
Seguimos na existencia os mesmos trilhos;
As crenças que ensinaes a vossos filhos
Já vem de nossos paes!

Na lingua de Camões, Caldas cantava;
Nas vozes que Bocage ao céo fallava,
Ao céo fallou Durão:
Bradar podemos ambos:—Liberdade!
Em fraternal consorcio de amizade,
N'um aperto de mão.

E agora, que o Brazil, da paz no gozo,
Ao vêr o despotismo erguer-se iroso,
Chorava, em languidez,
A dôr que vossas almas cruciava,
Tambem, pungente, o coração rasgava
No peito portuguez.

E o *leopardo* feroz, ardendo em sanha,
Na brutal ousadia, já tamanha,
Raivoso encrudeceu;
E a prudencia julgando cobardia,
Pisando alheia terra, á luz do dia,
Bramou, rugiu, mordeu!

E o povo despertou, e alçando a fronte,
Via no—limpido céo—patrio horisonte,
Negra nuvem pairar;
E ergueu do patriotismo o facho ardente,
E quiz, n'um vôo altivo, e independente,
A nuvem dissipar!

Era a voz do oceano impetuoso,
Era a voz do trovão, rugindo iroso,
Era o arranco da dôr;
Era a voz do dever contra a cubiça,
Era a voz da razão e da justiça,
Era a voz do Senhor!

Quadro famoso, magestosa scena,
Quando, de tarde com a brisa amena,
Livre, o brado vôou;
E a *féra,* reprimindo a natureza,
As garras encolheu, largou a presa,
E humilde se curvou!

E o povo, já suspensa a audaz carreira,
O symbolo depôz, patria bandeira,
Que fôra guia e luz;
E voltando tranquillo aos dôces lares,
Entoava, em seus placidos cantares,
Um hymno á Santa-Cruz.

Vingança não sonhou, que o povo lucta,
Palmo a palmo, o que é seu, firme disputa,
Morre, senão vencer;
Triumphante, protege o que é vencido,
E nos braços ampara, commovido,
Os restos do poder!

No remanso da paz, brando e singelo,
Contra os tyrannos, em valor modêlo,
Na victoria real,
Pela fé, pelos seus, grande colosso,
Outro povo só ha, que irmão é vosso,
No meu berço natal!

E esse povo, nas lides esforçado,
Como agora, o vereis a vosso lado,
Contra nova aggressão;
Bradar podemos ambos: —Liberdade!
Em fraternal consorcio de amizade,
N'um aperto de mão!

Janeiro, 10 — 1864.

Á BEIRA MAR

> Que sombras vastas! Que profusa luz!!
> Que vario quadro! Que aprazivel scena!
> A santa paz da natureza amena,
> A amar e crêr, a meditar induz.
>
> MENDES LEAL JUNIOR. — *Aspiração.*

Vês, Elvira, o rochedo gigante
Que esta praia arenosa domina;
Como ao tempo resiste arrogante,
N'esta vasta aridez, onde é só?...
Nem a Deus, nem aos homens inclina,
Rude, a fronte de nuvens coroada;
Não vacilla, do vento á rajada,
Nem as plantas confunde no pó!

Vulto enorme, não cede á tormenta!
Caiam thronos, destruam-se imperios,
D'esse posto que altivo sustenta
Nem os annos o podem mudar:
É mysterio o seu todo, e mysterios
O circumdam no mar e na terra:
Elementos não teme na guerra,
Que o protegem as aguas do mar.

Os ditosos do mundo — que loucos!
Nem reparam, sequer, n'esse vulto!
Por instantes de gozo — tão poucos!
D'esta vida não pensam no fim;
Mas os tristes, quaes somos, seu culto
Do gigante prestando á grandeza,
Vem aqui, onde impera a tristeza,
Suas mágoas chorar, como eu vim!...

Como eu vim, como tu, que a meu lado
Do bulicio do mundo te esqueces:
Vês-me o rosto de pranto banhado,
E, commigo, aqui choras tambem:
Deixa a mágoa d'amor que padeces
Expandir-se nos prantos ardentes:
Aqui, juntos aos meus em torrentes
Não perturbam prazer a ninguem!

Se elevar-te commigo quizeras!...
Vem! Quem ama não sabe o que é medo:
Disputava-te aos homens, ás féras,
Conquistava por ti um trophéo!
Sóbe! Sóbe ao fragoso rochedo...
Na cintura gentil eu te abranjo;
Nada tens que temer... És um anjo...
Vem, que ficas mais perto do céo!

Aqui, sim... aqui póde quem ama,
Na pureza d'este ar, que dá vida,
Libertar a paixão que se inflamma,
Longe d'homens, em férvido ardor!

Aqui pódes, de tudo esquecida,
Cahir meiga, risonha, em meus braços,
E commigo voar aos espaços,
Ambos presos nas azas do amor!...

Vês o mar como dorme, ostentando
Lisa a face, tão pura, tão calma?...
Vês a lua seu rosto mirando
N'esse espelho, que ao longe a seduz?...
Assim vive tranquillo em minha alma
Este amor que te voto incessante,
Quando em mim se repousa um instante
De teus olhos a placida luz!

Vês agora, que o vento bafeja,
Como a face, já trémula, oscilla,
Porque a nuvem, sombria, negreja,
E da lua o fulgor apagou?...
Assim esta paixão que, tranquilla,
Dôce paz, hoje aqui me assegura,
Se revolta, se a luz meiga e pura
De teus olhos, de mim se afastou!

E ciumes não são, linda Elvira,
Que sentil-os de um anjo era um erro:
É inveja este ardôr, que me inspira
Quem, ao longe, está perto de ti:
Quem, sem gozo, me vota ao desterro
Em que vivo, de ti separado;
Quem me rouba o prazer que a teu lado
Me faz crêr que no céo já vivi!...

Longe, longe dos homens a lida!
Aqui vivem mais puros amores,
Na campina que vêmos florída,
Que aos felizes parece ermo nú:
Longe, longe martyrios e dôres;
Quero ser um momento ditoso,
Vendo, juntos, n'um quadro formoso
Terra e céo, astros, mar, Deus e tu!...

SONETO

Que importam distincções, sonhos insanos,
Quando os póde vencer a má ventura?
As riquezas que são, quando a amargura
Revela o seu poder sobre os humanos?

Que vale um nome vão, vencendo os annos,
Dando pállida luz em campa escura?
Que vale um throno, aqui, se á sepultura
Não póde alguem levar brilhos mundanos?

Eu desprezo do mundo o falso gozo,
Que o futuro verá no pó disperso,
Como o passado vêmos, tão saudoso:

Na vida que, em tristeza, passo immerso,
Só tu, meu anjo, me farás ditoso:
Dando-me o teu amor, dás-me o universo!

SONETO

Como ao calor do sol se nutrem plantas,
Sem vir o sol por fim dar-lhes sustento,
Da luz dos olhos teus eu me alimento,
E vivo só de ti, porque me encantas:

Do mundo as illusões, dôces, e tantas,
Não póde uma prender-me um só momento;
Ser teu, plantar-te n'alma o sentimento,
Eis minhas ambições, puras e santas!

E tu não ouves esta voz sentida!
Não te abranda a paixão que vês, tão forte!
Nem d'esta desventura és condoída!

Decide, anjo adorado, a minha sorte:
Dá-me, com teu amor, ditosa vida,
Ou, com teu desengano, amiga morte!

A CAMILLO CASTELLO BRANCO

> **Atafona de romances,**
> **És um carril a vapor:**
> **Romantisas quanto achas,**
> **E nos folhetins encaixas**
> **Com satanico furor.**
>
> C. Castello Branco.

Meu Camillo. Velho amigo,
Mestre que, em eras ditosas,
Me déste prestante abrigo:
D'estas plagas tão formosas
Quero conversar comtigo.

Se ao papagaio mandado,
Porque és bom, não me condemnas,
Fica o presente adiado:
São caras as verdes pennas,
E o cofre está depennado.

Mostro, só, que não sou vario
Na minha affeição singela;
E, á ingratidão contrario,
Tambem mostro, por tabella,
Que inda não sou *millionario*.

Sendo-o, ás Musas indiscretas
Não baixava as minhas vistas;
Dado a *letras* mais dilectas,
Não fallava a romancistas,
Não dava trela a poetas.

Quem outras *letras* abraça,
Porque é rico, e não é tonto,
Nas tuas não acha graça,
Que não tem ellas desconto
De rico peito na praça.

Isto de amor, e amizade,
De affeições e sympathias;
São pieguices de outra idade,
Das avós, das velhas tias,
De alguma freira, e algum frade.

Tens n'isto razão que sóbre,
A dar-te mais não me atrevo;
N'esta carta se descobre,
Que, do Brazil se te escrevo,
Já sou parvo, ou inda pobre.

Não sou barão, conselheiro,
Nem fidalgo de pé torto,
Nem visconde por dinheiro:
Se algum dia eu fôr ao Porto
Não me chamam *brazileiro.*

Hão-de só, chamar-me tolo,
Que á lingua dei desafogo,
Dando voltas ao miolo,
E me levantei do jogo
Sem ter levantado o bolo.

Escrevesse obras supremas,
Cantasse eu como tu cantas,
Que enriquecesse não temas:
De carne secca dez *mantas*
Nutrem mais que cem poemas.

Um irmão tenho aqui perto
Que feliz ou desgraçado,
Seja louco, ou seja esperto,
Ou gastador, ou poupado,
Ha-de *enriquecer* de certo!...

Devo rasgar-te o sophisma,
Ou o enigma, tão profundo,
Em que a mente se te abysma:
De *Henrique ser,* n'este mundo,
Livral-o só póde o chrisma.

Nem esse refugio eu tenho!
Que em mim só no nome ha—*tino*—
Alguem sustenta, e eu convenho,
Pois se tenho engenho fino,
Não dou azeite no engenho.

(Se vês da critica o malho
Malhar de Gongora os brilhos,
Deixa bater, que eu não ralho:
Quem mais dá nos trocadilhos,
Menos lhes sabe o trabalho).

Dizer-te mal d'esta terra,
Não direi, não sou ingrato;
Mas (quem t'o jurar não erra)
Cá ou lá, ser litterato
Á riqueza é fazer guerra.

Tenho amigos, é verdade,
Mentia, se t'o negasse;
Sei até que, se a amizade
Fosse cousa que engordasse,
Tinha eu cachaço de frade.

(Esta rima é um tormento!
Só em dezeseis quintilhas
Dous frades, sem tal intento!...
Em que fraqueza me pilhas!...
Fiz de uma carta um convento!)

Adiante. Subi um furo;
Fui ás nuvens elevado,
Sou redactor do — FUTURO —;
Mas olha que estou *passado,*
Que o presente é osso duro!

Vou roendo, e de maneira
Que sinto os queixos doridos;
Mas é minha a culpa inteira,
Pois dizem os entendidos
Que fiz uma grande asneira.

Eu sei que ser jornalista;
Com maus versos, e más prosas,
Andar dos cobres na pista,
É, n'estas eras famosas,
Ter olhos, e não ter vista.

Mas não foi só essa, amigo,
A asneira, já confessada;
Fallo em segredo comtigo:
—Cuidado, não digas nada
Do que, baixinho, te digo.

Veio o—Futuro—a terreiro,
E aos assignantes foi dado;
Mas, depois, fui tolo inteiro,
E, confesso-o, envergonhado...
Mandei-lhes pedir dinheiro!...

Que parvo fui! Que pedante!...
Pude julgar, indiscreto,
N'estas cousas ignorante,
Que era uma *letra* o prospecto,
E o que assignou *aceitante!*...

Seguiu-se o castigo ao crime;
Bradaram muitos: — «Não pago!»
E o que de pagar se exime
Não se abranda pelo afago,
Nem esta queixa o deprime!

E a casa tem senhoria,
Querem paga os gravadores,
Quer paga a typographia,
Querem-na alguns escriptores,
E eu... tambem a aceitaria...

E quem pagou por inteiro
O preço da assignatura,
Se eu fôr vender o tinteiro,
Ou goste, ou não, da leitura,
Dirá, que sou caloteiro!

Hei-de ir pela rua adiante,
Bolsa leve, e roupa gasta,
E ouvirei, de voz possante:
— Que firma!... É poeta e basta!...
Comeu-nos!... Oh! que tratante!...

A consciencia, inda sem chaga,
Ha-de incommodal-a a fama;
E a nossa lingua é tão vaga!...
— Camillo! — Como se chama
O que assignou, e não paga?...

Eu tenho um mau diccionario
Que apenas a acção indica
No — *R* — no mais é vario;
E na letra — *L* — só fica
Se designa o refractario!...

D'este diccionario ingrato
Não gosto, que alli se ferem
Reputações que eu acato;
— Dêem-me dinheiro, se querem
Que eu compre outro mais exacto.

Ai, Camillo, que saudades
Tenho das noites compridas
Em que, amigos e confrades,
Vinham gentes bem vestidas
Ouvir-nos nuas verdades!

Tivemos optima escóla
No teu *mundo patarata;*
E a lembrança me consola
De que se eu gritava: — «mata!»
Lá bradavas tu: — «degolla!»

Não deixavamos inteiros
Pretenciosos estadistas,
Ou falsos testamenteiros,
Nem nobres contrabandistas,
Nem fidalgos *moedeiros.*

Se agarrado ao gorgomillo
Irado, ás vezes, te via
De um barão, d'isto ou d'aquillo,
Com que humildade eu pedia:
«Dás-me esse barão, Camillo?

«Dá-m'o, sim; já que tu brilhas
«No estylo, sempre luzido,
«Em que fazes maravilhas,
«Dá-me o barão, que espremido
«Rende bem quatro quintilhas!

«Dá-m'o, sim, façam-se as pazes;
«Tu, que és grande pelo invento,
«Que barões e condes fazes,
«Deixa-me o divertimento
«De escovar estes rapazes!»

E tu, n'um rapido lance,
Sobre a presa cavalgavas;
E, medindo todo o alcance,
N'um galope desfilavas.
Lá vinha mais um romance!

E o barão, ao desconforto
Cedia, ao vêr-se cantado;
E do seu valor absorto
Tinha o livro encadernado
Em couro de barão morto!

É verdade que o não lia;
Mas n'alma (se a tinha) pura,
Odio sei que não havia,
Pois desprezava a leitura
Só porque lêr não sabia.

Comprava, que a voz da fama
Como heroe o apregoava,
E o barão ardia em chamma,
Pois n'outro livro, constava
Que um Camões cantára um Gama.

Era então, que o teu Faustino
Em verso frouxo, e rasteiro,
Cedendo ao louco destino,
Se agarrava ao tal sendeiro
Qual tolo á corda do sino.

E se um epigramma fende
A dura carne ensaccada,
O bom homem não se offende;
O que é chulo, só, lhe agrada,
O que é serio não entende.

E o barão, que se consola,
Acha nos versos verdade,
Porque lhe tocam na mola,
Despertando-lhe a saudade
Das cantigas á viola!

Julguei que era triste fado
Ter de ser cantor burlesco
Quem vivia amargurado;
Disse-te adeus, puz-me ao fresco,
Deixei-te o campo abastado.

Sei que por mim não choraram
O pranto da despedida;
Mas sabem hoje que erraram,
Pois perderam a partida,
E as letras patrias ganharam.

Que tu, raposo matreiro,
Ou antes faminto lobo,
Invadindo o gallinheiro,
Do papo de cada bobo
Arrancas um livro inteiro.

N'este seculo das luzes
Mais a luz tua vigora;
Que, filado aos taes lapuzes,
Deixas um puxando á nora,
E os outros são alcatruzes.

E fazes, d'instante a instante,
Nas concepções tão fecundo
Como nos partos brilhante,
Que se espante o velho mundo,
Que o mundo novo se espante.

E cá nós, os portuguezes,
Saudosos da patria amada,
Tinhamos todos os mezes
Dous paquetes, que á chegada
Nos alegravam mil vezes.

«O paquete chegaria?»
«Tardará muito? Já veio?»
«Que novidades traria?»
D'isto andava tudo cheio,
Nem outra cousa se ouvia!

Ninguem hoje sahe á rua
Por saber novas da terra;
Se ao longe o vapor fluctúa,
Já cá sabemos que encerra
Noticia de uma obra tua.

E apenas a vista alcance
Por signal o galhardete;
Ao vêl-o, em rapido lance,
Ninguem diz: — «Chega o paquete!»
Dizem só: — «Lá vem romance!»

Mais comedia, mais um conto,
Mais artigos de sciencia,
Mais um drama quasi prompto,
Não ha nunca reticencia,
Não ha virgula nem ponto!...

Isto, amigo, não se atura!
Tu, escreves a cavallo,
Modera mais a andadura:
—Tempo que dás de intervallo
Não chega para a leitura!—

Mas se intentas, bem montado,
Correr o mundo, em que moras,
Sempre em galope dobrado,
Quando lá não haja esporas,
Não quero vêr-te parado.

Dou-te assumptos verdadeiros,
Em que has-de marchar seguro;
Mando-te nomes inteiros
De assignantes do—Futuro—
Mas é só dos caloteiros.

ERGUE-TE!

> Á dôr tenaz que as forças te quebranta,
> Oppõe da alta virtude o firme escudo,
> E com tão novo assombro o mundo espanta.
>
> BOCAGE. — *Elmano a Urselina*, epist. III.

Elvira! Estás tão pallida!
Que tens, oh vida minha?...
Que mágoa te definha,
Que as rosas desbotou?...
Que vejo!... Quasi livida,
Semelha a face bella
Cecem, pura e singela,
Que o vento derribou!

Espelhos d'alma candida,
Do pranto embaciados,
Teus olhos magoados
Tem quasi extincta a luz!
São tristes como a lampada
No templo, já deserto,
Do tumulo inda aberto
Ao pé, mostrando a cruz!

Teus labios, que da purpura
Rivaes eram outr'ora,
Apenas tem agora
De murcha rosa a côr:
Parece que no portico
D'um céo que o céo formára,
O fogo eu apagára
N'um osculo d'amor!

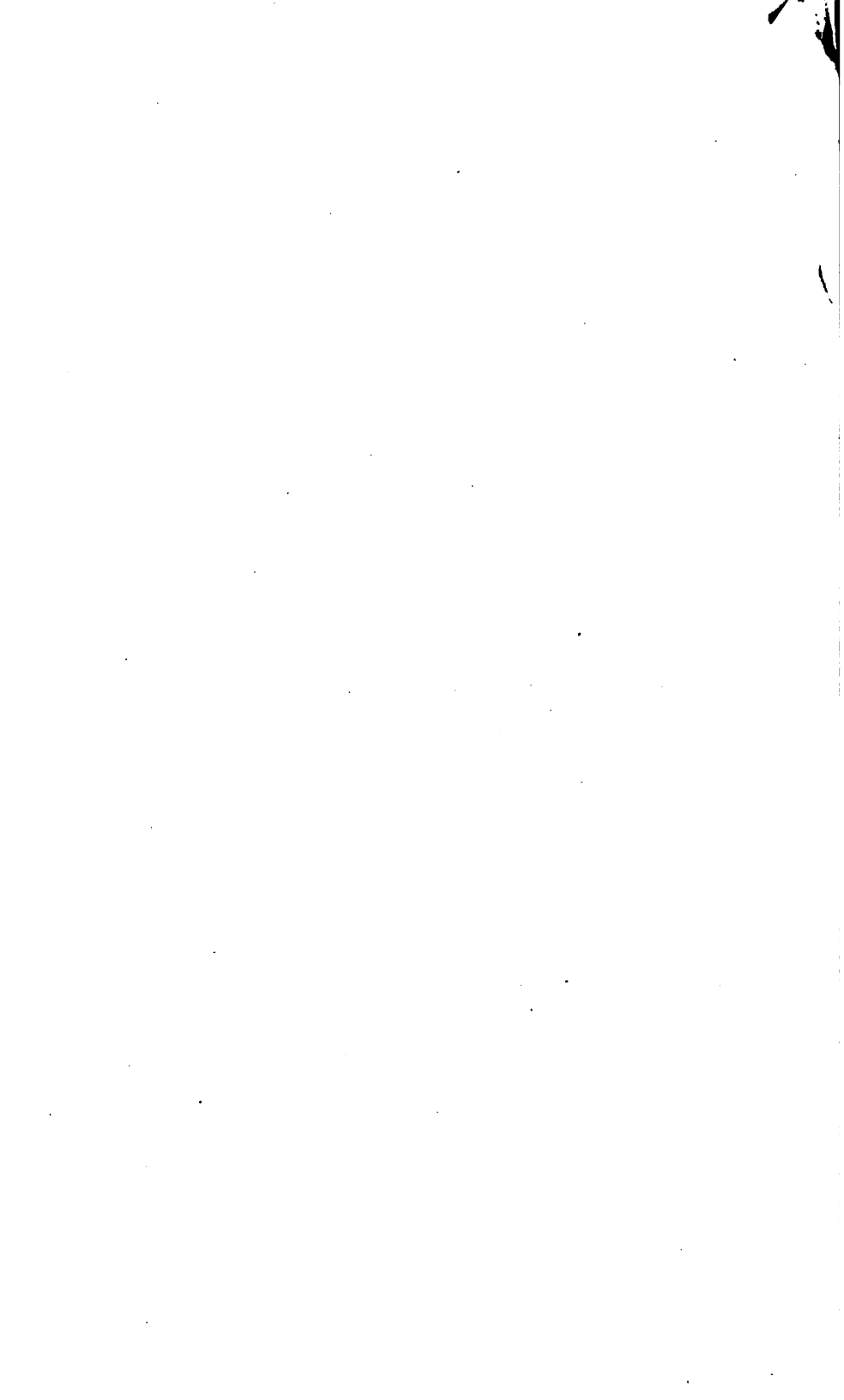
Aquella voz suavissima,
Prodigio de ternura,
Que, em terna e dôce jura,
Minha alma á tua uniu,
Só tem o som pathetico
Que a dôr saudosa inspira;
O som que solta a lyra,
Se a corda se partiu!

Teu seio, que tão placido
Mentia ao cego mundo,
Revolto hoje no fundo,
Ondeia, altivo mar:
Dir-se-ha que n'esse pelago
O amor naufrago fôra,
E a taboa salvadora
Pretende em mim achar!...

Inerte, fria e trémula
A mão que me prendera,
Qual flôr que fallecera
Pendida vejo ao chão;

Parece o corpo languido
Que á mingoa enfraquecido,
Só póde ser erguido
Chamando estranha mão!

Elvira! Fria, extatica,
Cedeste ao desalento?
Curvou-te o sentimento
D'amor, que te inspirei?...
Fui eu que a paixão férvida
Te dei, que estou soffrendo,
E assim... quasi morrendo,
Fui eu que te matei?...

Ergue-te, Elvira, e impavida
Affronta a negra sorte
Quebrar só póde a morte
Ardentes votos meus!
Resurge, como Lazaro,
Vem ser o meu encanto!
Na voz de amor tão santo
Escuta a voz de Deus!

PEDRO V

O diadema que pousa em fronte airosa
A incerta mão do acaso, caprichosa,
É ouro só — mais não:
É como o sol de inverno, que alumia,
Mas não anima a flôr que, em terra fria,
Sem vida pende ao chão!

Patriotismo, saber, virtude extrema,
Perolas são, que ao regio diadema
Dão vivido fulgor:
Desce então da corôa o meigo brilho,
Qual de olhos paternaes, que ensina ao filho
Respeito, fé e amor!

Se o monarcha feliz sabe que é homem,
Se, mais que as suas mágoas, o consomem,
Mágoas dos filhos seus;
Se os envolve, a chorar, no regio manto,
Se enxugar-lhes procura o triste pranto,
O rei é quasi um Deus!

*

Seu emissario aqui! Se a providencia
Ao misero mortal, de impura essencia
Na terra um throno deu,
Ao entregar-lhe o sceptro, a mão divina
Apontou-lhe, severa, por doutrina
Ser da patria, e não seu!

Pedro Quinto assim foi! Na juventude,
Quem tão alto subiu? Quem á virtude
Tanto culto prestou?
Era um pai—era um sabio—era um soldado...
Era um anjo do céo, que, extraviado,
Sobre a terra pousou!...

Dizem-n'o as artes, a sciencia o prova;
Ha-de a historia dizel-o, em éra nova
Que á sua voz nasceu;
Dizem-n'o vozes mil, em som disperso,
Uma só voz o diz—a do universo,
Que a sua fama encheu!

Vendo as artes, que amava, em abandono,
Baixou seus passos nos degraus do throno,
E o artista subiu;
Encontraram-se as mãos—signal de affecto—
Mas... o bom protector... o rei dilecto...
Era humano... cahiu!...

Cedeu á lei que arranca o cedro annoso,
E o arbusto derruba que, viçoso
Se ostentava de pé!

Era pequeno o rei, que um homem era,
E grande só é Deus;—só Deus nos dera,
Contra as mágoas, a fé!

Artes, sciencias, um paiz inteiro,
Foi levar-lhe ao jazigo derradeiro
O tributo maior;
Converteram-se as lagrimas em flôres,
Surgiram as saudades e os amores
Do sepulchro em redor!

E o artista quedou n'essa paragem,
Julgou, por si, mesquinha essa homenagem,
Pensou—quiz dar-lhe mais:
Quem a palma colheu, quiz ter a palma,
E no pranto, na dôr, no luto d'alma
Todos eram rivaes.

Fez convergir alli, de toda a parte,
Quantos orphãos achou, seus irmãos d'arte,
A ouvir-lhe a grata voz:
«Roube-se o grande rei ás mãos da morte!
«Ella o deitou por terra, d'um só córte,
«Erguel-o vamos, nós!

«Contemple o povo, inanimada embora,
«Altiva, magestosa como outr'ora,
«Essa fronte real!
«De artistas o suor seja o cimento,
«Seja nosso trabalho o monumento,
«E o Porto o pedestal!»

E o longo brado, que inspiraram mágoas,
Despedido, a voar por sobre as aguas,
Aqui veio soar,
E em nobres corações achou abrigo,
Que tem amigos no paiz amigo
Os nobres d'além-mar!

Nobres sem distincções, sem brasão novo,
Nobres de sangue, sim, filhos do povo,
Que se eleva por si,
E o buril manejando, a forja e o malho,
Tem os seus pergaminhos no trabalho,
Tem a nobreza aqui!...

Eil-os, os filhos d'arte, supplicando
Aos dous povos o auxilio—eil-os pagando
Tributo ao grande rei:
Dá-lhes a gratidão viçosas palmas,
E o seu valor, que o digam vossas almas,
Que eu não posso... não sei!

A voz é debil, quanto é grande a empresa,
Mas não a escuta aos pés a vã riqueza,
Nem os titulos vãos!
Levanto-a, porque o rei foi—Pedro Quinto;
Porque me excitam este ardor que sinto
Artistas—meus irmãos!

SONETO

Meu pobre coração! A que tormentos
Te condemna a paixão mal compensada!
Dominas a razão, que, allucinada,
Livres apenas tem raros momentos.

Lindos olhos que vês, d'amor sedentos,
Não espargem por ti luz encantada;
Meiga voz que te encanta, ao céo roubada,
Não responde, sonora, aos teus lamentos!

E tu, presa do encanto peregrino,
Em troco d'affeição, branda e singela,
Sentimento lhe dás, quasi divino!

Vai na campa esquecer a tua bella,
Infeliz coração, que é teu destino
Amar, soffrer, chorar, morrer por *Ella!*

SONETO

Descança os olhos teus, meu dôce encanto,
Sobre este rosto, de tristeza cheio;
Da paixão que, por ti, ferve no seio,
Has-de vêr os signaes, que deixa o pranto:

Estas rugas que vês, do mundo espanto,
Da velhice não vem, que inda a receio:
Lagrimas tristes de amoroso enleio,
Poderam sobre a face abril-as tanto!

E se agora me vês mais animado,
Se te posso encarar, de rosto altivo,
Não julgues o retrato exagerado:

Não te cegue a illusão! Sou teu captivo,
Vem de ti a mudança; que a teu lado
Eu gozo, eu rio, eu canto, eu sonho, eu vivo!

NO ALBUM DA EXC.ma SNR.a D.***

Se impavido outr'ora, da vida na estrada,
Com placido rosto, seguro, marchei,
Não foi que eu a achasse de rosas juncada...
Pungentes espinhos mil vezes pisei.

E a dôr, que era forte, dobrar-me podera
Se a face eu voltára da sorte ao rigor;
Valeu-me a coragem... altivo que eu era,
Chamava o sorriso dos labios á flôr!

E o riso enganava, tão dôce, tão brando
Qual riso que ao mundo venturas só diz;
E o mundo, que o via nos labios brincando,
Olhando-me, incauto, bradava: «É feliz!»

Mentida apparencia, tão pura, tão calma,
No peito escondia bem negro pezar;
Que a mágoa, latente, jazendo em minha alma,
Não vinha aos ditosos seu luto mostrar.

E a lyra empunhando, nos cantos festivos
Mais ledo, mais vivo fingindo o prazer,
Sarcasmos profundos, em vôos altivos
Deixei pelo mundo, bem livres, correr.

E os annos corriam... e a fronte elevada...
E o riso nos labios, e a falla a mentir...
E a lyra cantando... e a voz esforçada...
E as mágoas occultas, e o povo a sorrir!...

Offensa ao destino, tão alta ousadia
Cedendo, mais tarde, rojei-me no chão;
Curvei-me á desgraça... cahi n'um só dia,
Qual arvore annosa se verga ao tufão!

Cahi para sempre!... Da vida o desejo,
Perdida a esperança, não vive tambem;
São hoje meus cantos um frouxo lampejo
De luz que se extingue na lampada... além!...

Se a lyra, forçada, despede em seu canto,
Por entre gemidos, risonhas canções,
Alheios sorrisos não valem o pranto
Que aos olhos me arranca mentidas ficções!

Quem sente, não vive... sósinho... isolado...
Curtindo saudades, curvando-se á dôr,
De paes e de irmãos—para sempre—afastado,
Sem dôces carinhos, sem... gozos d'amor!...

Se é d'alma a grandeza nas mágoas ser forte,
Ser grande não posso... só homem sei ser...
Vencido na lucta, ludibrio da sorte,
Que resta no mundo?... Chorar... e morrer.

UM PASSEIO

Vou contar-lhe, caro amigo,
As impressões de um passeio;
Mas seja brando commigo,
Tomando por galanteio
Duras verdades que digo.

Minha intenção não deprima,
Quando vir crúa verdade,
Que algum innocente opprima:
Parece ás vezes maldade
O que é só força de rima.

Por essa força impellido
Tenho já causado alarde,
E ao que se diz offendido
Razão eu dou; mas é tarde
Quando estou arrependido!

Cuido que me comprometto,
Não quero que alguem se offenda;
E quando emenda prometto
Escorrego, e sahe a emenda
Muito peor que o soneto!

Surge a guerra encarniçada,
A gritaria não cessa,
E a pobre musa, assustada,
Na desculpa feita á pressa,
Dá, sobre queda, patada!

Amigo, não me desminta!
Diga aos queixosos, mais duros;
Sem que a furia lhes consinta,
Que se os quadros faço escuros,
É só por ser negra a tinta.

Não tem da fama a conquista
O pintor que usa de ornatos;
Pois, se é do mundo copista,
Só fazendo maus retratos
Se mostra bom retratista.

Sem que salte o sangue fóra
Castigar, eis o nó gordio;
Mas, se o cança tal demora,
Seja aqui o fim do exordio,
Vamos ao sermão agora.

Era dia, e velho dia,
Quando abandonei a cama
Em que ás nove horas dormia;
Matutino somno inflamma
Na cachola a poesia.

Nem deve o que alinha phrases
A compasso, e por medida,
Ser igual aos mais rapazes,
Regular sendo na vida,
Tendo em tudo as mesmas bases.

Esse, na carreira sua,
Se é philosopho profundo,
Manda a riqueza á tabua,
Despreza os gozos do mundo,
Vive no reino da lua!

Se alguns, no tempo presente,
Versos não fazem de graça,
Comem, bebem como a gente;
São aberrações da raça
Em que o genio se desmente.

Não ha musa que, indiscreta,
Dê ao sensato um sorriso;
Do vate a vida inquieta
Não é sujeita ao juizo,
Porque esse enfreia o poeta!

Tornemos da historia ao fio:
Habito nas *Laranjeiras,*
Porque não me deixa o *frio,*
Entre lojas e cocheiras
Morar, no centro do Rio.

Cada rua eu sei que é mina
Onde a industria, curiosa,
Montes d'ouro descortina;
Mas eu *fujo* d'essa prosa,
Dinheiro *não me fascina!*

Gondolas que, navegando
Na Veneza do Cattete,
Vão centos d'homens levando,
Não pilham, nem a cacete,
Lá dentro, meu corpo brando.

Não quero, qual condemnado,
Entre cetaceos bojudos,
Alli ser emparedado,
Soffrer trambolhões graúdos,
Morrer, por fim, rebentado!

Um tilbury é mais decente,
E, por custar mais dinheiro,
Mais proprio da nobre gente,
Mesmo se é roto o cocheiro,
Se o cavallo é transparente.

Destinei, pois, á cidade
Ir, n'um tilbury mettido,
Mas, por dizer a verdade,
Eu senti-me arrependido,
Da jornada inda em metade!

No cocheiro encontrões dando,
Recebendo a paga á vista,
Eu, bem triste, ia pensando
Que se eu fosse camarista
Podia á fama ir armando!

Mas um raciocinio falso
Não formei eu n'esse estado;
Contra a empresa era precalço
Caminho que só *calçado*
Deixará de estar descalço;

E se o calçar pé mesquinho
Demanda tanto dinheiro,
Mesmo ao que anda em desalinho,
Como ha-de haver sapateiro
Que inteiro calce um caminho?

Mas, sempre condescendente,
Em cousas d'alheia alçada
Não quero metter o dente;
Fique embora assim a estrada,
Que eu não sou impertinente.

Cuidem outros no futuro,
Lidando por varios modos,
Procurando o mais seguro;
Se é livre a lagrima em todos,
Eu choro, mas não censuro.

Inda agora eu vou notando
Que andei, como o cão vadio,
Aqui, alli farejando,
Em busca de mau desvio,
Bom caminho desprezando!...

Tenho esta balda indiscreta,
E, d'uma ou d'outra maneira,
Sem fazer cousa completa,
Não dou direita a carreira!
—N'isto ao menos, sou poeta!

Se esta fraqueza é notoria,
Aceite a confissão pura,
Desculpando a moratoria;
E agora vou, sem mistura,
Direitinho ao fim da historia.

Cheguei, apesar de tudo,
Ao centro do grande imperio;
—Se alguem me viu carrancudo,
Não cuide que sou tão serio
Como affectei por estudo.

Julguei eu que empavesado,
Com aspecto contrafeito,
Sem olhar para algum lado,
Infundia mais respeito,
Era menos *flauteado*.

Fui desgraçado na empresa!
Lá vem um, d'entre o alvoroço,
Gritando com aspereza:
«Sorte grande, senhor moço,
«Não volte o rosto á riqueza!

«Sorte grande! Agora é certa!
«Na loteria passada
«Não quiz outro igual offerta,
«A sorte foi premiada,
«E elle anda de bocca aberta!»

—Pois (disse eu) não compro agora:
Se vê que a sorte me toca
Guarde-a lá, ou deite-a fóra;
E, se quer, eu abro a bocca,
Mas deixe-me, e vá-se embora!—

D'este apenas me safava,
E Deus sabe que alegria
N'esse instante me animava,
Quando a meu lado já via
Um outro, que me saudava!

«Como passou? Tem saude?
«Tenha paciencia, patricio,
«Quiz poupal-o, mas não pude
«Vou fazer meu beneficio,
«Preciso de quem me ajude.»

—Saiba que não sou remisso;
No entanto, se ha drama, ou farça,
Não aceito o compromisso:
Não sou actor nem comparsa,
Não posso *ajudal-o* n'isso.—

«Ora, meu caro, não tente
«Recusar-se ao meu pedido;
«Aceite, e serei contente,
«(Se inda o não tinha entendido)
«Uma *cadeira* sómente.»

—Ah!—tornei, voltando o rosto:
Percebo-o, d'essa maneira;
Mas eu estou bem disposto,
Não preciso de cadeira;
Ando de pé, por meu gosto.—

«Não brinque, tenha paciencia.»
—Não estou cá n'esse dia...—
«Mas... desculpe a impertinencia:
«Creia-o vossa senhoria,
«Conto com a transferencia.»

—Muito bem, tenho entendido:
Se d'outra fórma não cede,
Eu dou-me por despedido,
E o favor que hoje me pede
Fica tambem transferido.

Dous passos não tinha dado,
Lamentando a minha sina,
Farto de ser *flauteado*,
Quando, ao voltar d'uma esquina
Sou de novo abalroado!

Coberta com escomilha
Era a tal impertinente
Gorda mulher, de mantilha,
Que pela idade, apparente,
Podia ser mãi ou filha:

«Sua bondade é notoria,
«Meu senhor, mesmo a gazeta
«Eleva seu nome á gloria:
«Leia n'essa papeleta
«Minha verdadeira historia!»

Fallando em tias, sobrinhas,
Paes, avós, primos e amigos,
Eram quatrocentas linhas,
Imitação dos artigos
Que fallam do *mal das vinhas*.

*

Li tudo, fui paciente,
E quando o papel lhe dava,
Tentando seguir em frente,
Eis que do braço me trava
A mulher impertinente:

«Faça favor (ella exclama),
«Não fuja d'essa maneira:
«Veja que sou uma dama,
«Dê-me uma esmola, não queira
«Desmentir a sua fama!»

Maldita fama, que empalma
Das algibeiras as *notas!*
Mostrei que tinha boa alma,
E, dando sebo nas botas,
Fui refrescar-me da calma.

N'uma loja de bebidas
Fundeei, já fatigado;
Mas, inda alli, reunidas
Em dialogo animado
Vi pessoas conhecidas.

Fiz a todos comprimentos,
Sem soltar nem mais um pio;
Que, entre tantos rabugentos,
Se eu désse a ponta do fio
Estendiam-se os tormentos.

. . . .

A UM RETRATO

> **Triste objecto de mágoa e de saudade**
> **Como em meu coração, vive em meus versos.**
>
> **José Basilio da Gama. — *Uruguay*, canto I.**

Adeus, imagem querida,
Vaes deixar-me... fico só!...
Vou, sem ti, cançada vida
Rojar de novo no pó!
Tu erguias-me da terra,
N'um enlevo ameno e brando,
Para um céo que n'alma encerra
Quem sabe amar como eu sei;
Quem acha, a medo trilhando
D'amor a estrada espinhosa,
Como entre cardos a rosa
Um anjo, como eu achei!

Via-te ao romper o dia,
Quando tibia e frouxa a luz
Outra luz nos annuncia
Que mais tarde nos seduz;
No dôce gozo enlevado,
Dando ao mundo o esquecimento,

Contemplava extasiado
Meigos encantos só teus,
E voava o pensamento
Da terra á mansão divina,
Quando a oração matutina
Mandava por ti a Deus!

Depois, nas lides terrenas,
Em que a vida é triste aqui,
Negras mágoas, duras penas
Não me encontravam sem ti;
D'alma abatida as fraquezas,
As angustias do martyrio,
Da solidão as tristezas,
Quem as vencia eras tu;
Que se inspirava o delirio
Uma imprecação blasphema,
Chamavas-me em hora extrema,
Tocando-me o peito nú!

Á noite, quando em descanso
Tentava ao mundo fugir,
Da paz no dôce remanso
Julgava vêr-te sorrir;
E eu sorria ao teu sorriso,
Dos males não me lembrava,
E subia ao paraiso,
Da adoração no fervor:
Comtigo a noite passava;
E as horas eram momentos,
Em suaves pensamentos,
Em meigos sonhos d'amor!

És o talisman que impera
Sobre o meu destino atroz;
Nem poder maior te dera
Ter acção, ter força e voz.
Se em tristeza esta alma geme,
Em dar-lhe allivio és constante;
Na afflicção, és como o leme
Sobre as vagas ao baixel;
Só te esqueço algum instante
Quando me mostra o destino
Esse ente quasi divino
De que és a copia fiel!

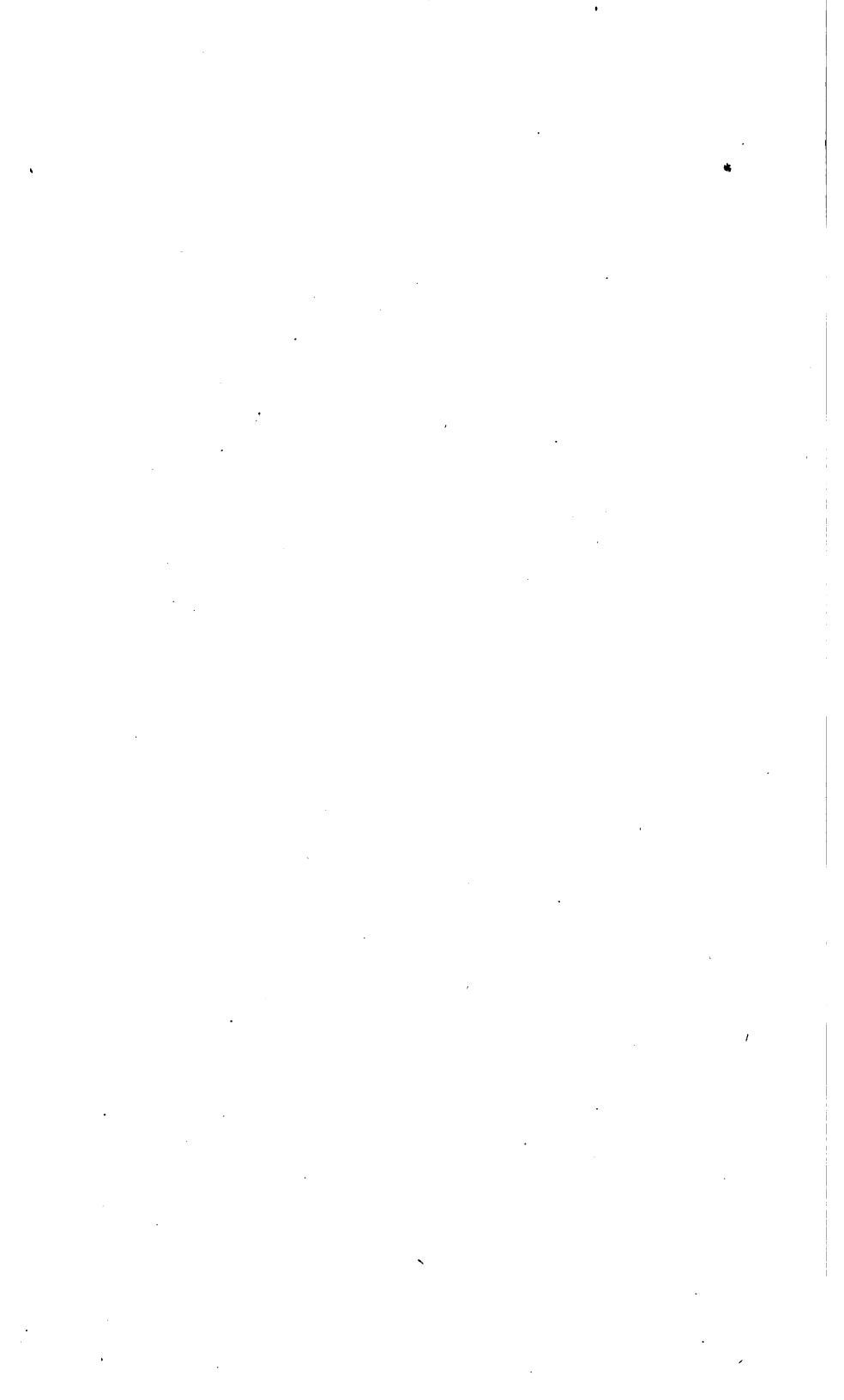
E deixar-me!... É crueldade
Que existas longe de mim;
Não me fujas, que a saudade
Póde vir matar-me assim!
A quem, nas intimas dôres,
Confiarei meus gemidos?...
Quem ha-de, em horas de amores,
Minha tristeza afagar?...
Nos instantes insoffridos
D'esta lucta d'amarguras,
Onde acharei as doçuras,
Que te pedia, a chorar?...

E quem sabe, oh linda imagem,
Na despedida fatal,
Se esta ausencia da coragem
É nuncia de maior mal!...
Será presagio?—Quem sabe?—
D'um desengano tremendo?...

Não será... perdão!... não cabe
D'um anjo n'alma a traição:
Vaes deixar-me, obedecendo
A irresistivel preceito:
—Trouxe-te amor ao meu peito!
Leva-te ao longe a razão!...

E no instante em que me deixas
São já inuteis meus ais,
Nem valem sentidas queixas
Que a mim te não prendem mais.
Vaes fugir-me, e quer a sorte,
Que me fez desventurado,
Vêr escravo, inda que forte,
Quem feliz não póde ser!...
Soffrerei sempre calado,
Venham tormentos, embora,
Mas quero, ao deixar-te, agora,
Saudoso pranto verter.

Se perder-te era forçoso,
Porque hei-de vêr-te partir?...
Fôra menos doloroso
Que deixasses d'existir.
Antes com sofregos beijos
Apagar-te essa existencia,
Matando longos desejos
Que ardente amor inspirou,
Que supportar, pela ausencia,
Dôr que tanto dilacera,
Que já não mostro quem era
A quem contemple o que eu sou.

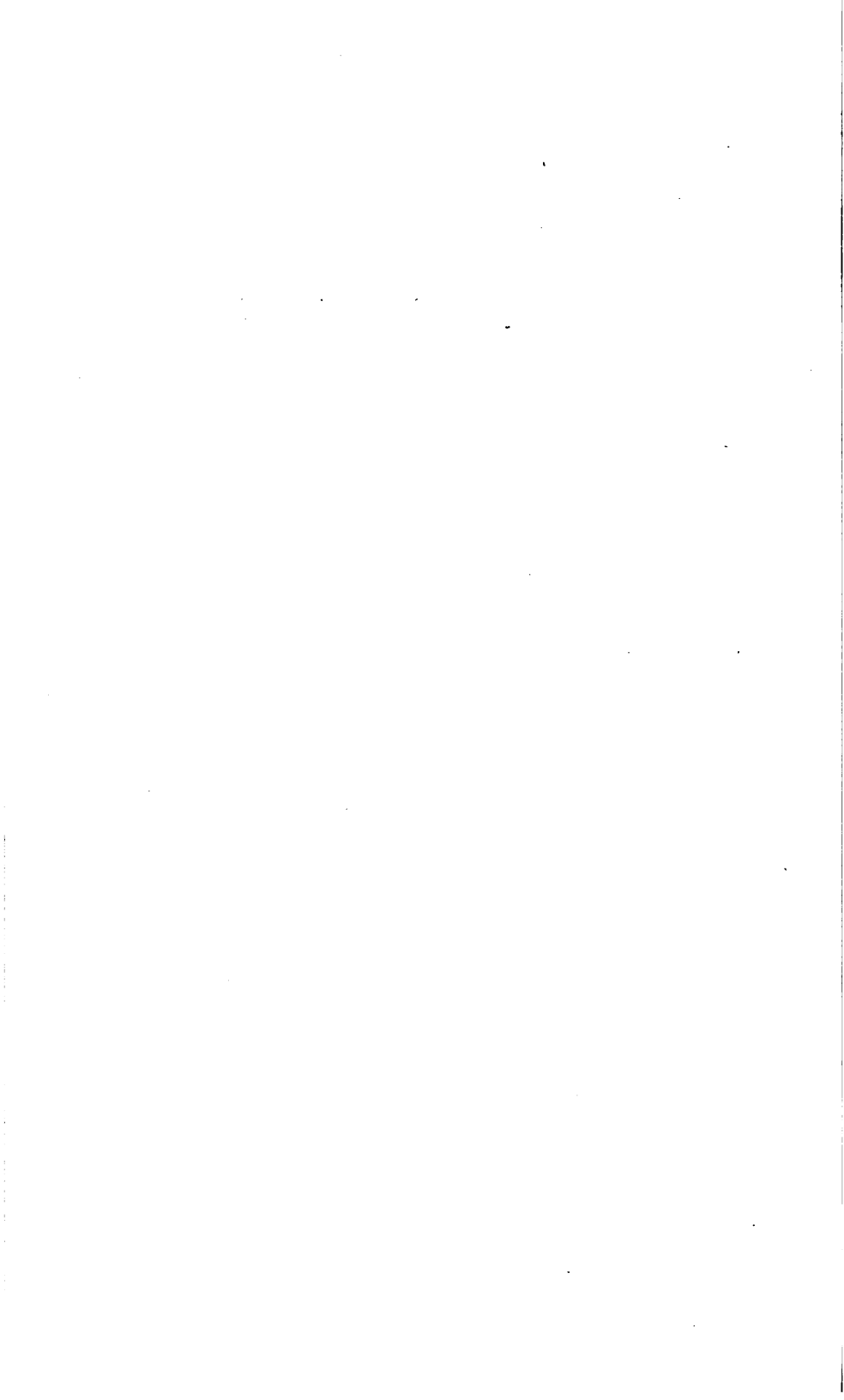
Vai-te... e conta á linda Elvira
Tristezas que viste aqui;
Quantas angustias sentira,
Quantas lagrimas verti;
Vai-te!... adeus!... foge depressa
Antes que fuja a coragem;
Antes que eu quebre a promessa
No delirio da expansão!
Ao anjo de que és a imagem
Em meu nome dize, jura
Que outra cópia mais segura
Conservo no coração.

SONETO

POR OCCASIÃO DA INAUGURAÇÃO DO RETRATO
DE
A. HERCULANO
NO GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA
NO RIO DE JANEIRO

Salve! nobre escriptor, cidadão nobre,
Da honra e do saber typo eminente!
Curva-se a ti a lusitana gente,
Louvam-te o rude e o sabio, e o rico e o pobre!

Esse véo de modestia, que te encobre,
Rasga-o da fama a voz eloquente;
Mais foges da grandeza, independente,
Mais teu prestigio tem com que redobre!

Bemvindo sejas, pois, que é mais vantagem,
Teu nome tendo impresso na memoria,
Contemplar-te as feições na tua imagem!

Honra a ti, novo heroe da lusa historia!
Louvor aos que te dão justa homenagem,
E gloria ao *dia,* a que tu dás mais gloria.

VERSOS

RECITADOS NA NOITE DE 9 DE JUNHO DE 1866
NO THEATRO LYRICO FLUMINENSE

Chamára a patria afflicta os filhos caros,
Quando ao longe escutou, lá d'entre as selvas,
No rugido feroz o insulto amargo!

Era a trémula voz do despotismo,
Que em solitarias brenhas escondido,
De raiva se estorcia, ao vêr nos antros,
Quebrando a escuridão, raios longinquos
D'esse esplendido sol da liberdade,
Que, fulgente, illumina o mundo inteiro.
Qual se estorce o leão, fero e raivoso,
Se na escura caverna onde, só, vive,
Penetra o meigo som de humanas vozes,
Em cantos festivaes!

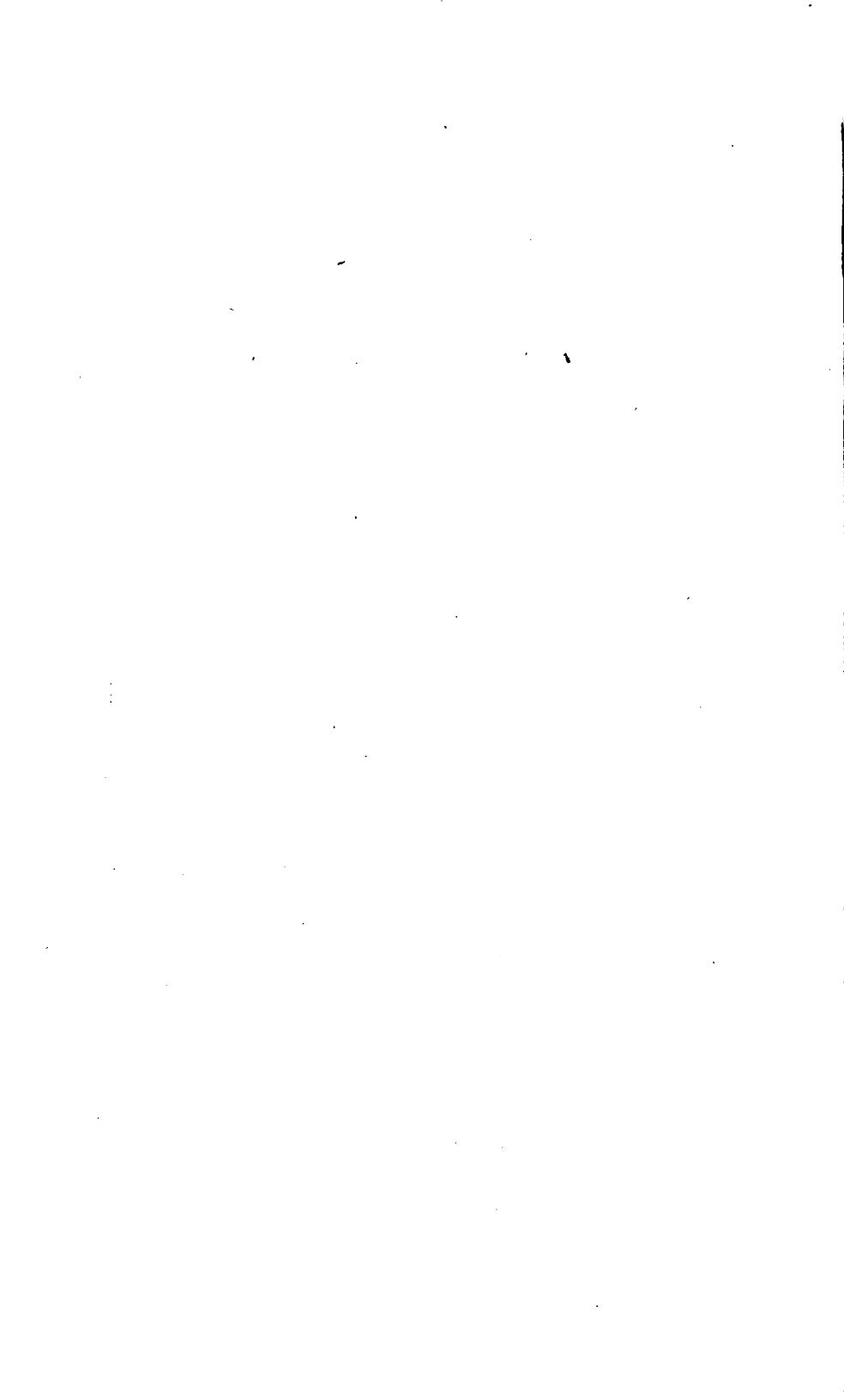
Á voz da patria,
Ergue-se a immensa prole, como se ergue
Do berço onde repousa, o tenro infante,
Se um gemido materno ao longe sôa,
E o desperta do somno em que jazia!

E lá partem! E a vingança,
Que aos maus incita o rancor,
Do patrio amor á lembrança,
Só lhes inspira o valor!
E caminham, que a saudade
Cede á voz da liberdade,
Cede ao canto marcial!
Nem vacillam, que a justiça,
Chamando os filhos á liça,
Vence o pranto maternal!

Tocando, ao longe, a rebate,
Retumba o som do clarim;
Começa, ardente, o combate,
Ninguem diz se tarda o fim;
Já no fragor da peleja,
Do corpo que alli fraqueja,
Alto espirito se esvai;
E o que heroe fôra na guerra,
Indo ao céo, deixa na terra
Os tenros filhos sem pai!

Envolvida em negro manto,
Chora a viuva, que é só;
Cobre-lhe as faces o pranto,
É sem fructo o alheio dó;

E sem que a mágoa se dome,
Vem o receio da fome,
Da miseria o medo vem;
Debalde a patria procura
Ser-lhes mãi, na desventura,
A tantos filhos que tem!

Mas tantos ais afflictivos
Não correm soltos em vão;
Que inda ha peitos compassivos
Onde bate o coração;
Na causá da humanidade,
Inda vem da caridade
O mais sólido trophéo;
E a crença não se desterra,
De que o bem, feito na terra
Encontra premio no céo!

SONETO

Já não me encanta a lua, que, orgulhosa
Ostenta lá nos céos a linda fronte;
Nem me alumia o sol, que, do horisonte,
Derrama sobre a terra a luz formosa:

Já não me agita a briza vaporosa,
Que brinca pelo prado, e pelo monte;
Não me entristece o murmurar da fonte,
Nem das aves a voz harmoniosa!

Não me attrahe a belleza de mil flôres,
Não me abala o estampido da procella,
Nem me intimida o mar, em seus furores:

Reina debalde a natureza bella,
Que, no meio de tantos esplendores,
Fecho os olhos ao mundo, e penso n'*Ella!*

SONETO

De ti, dos teus encantos separado,
Não amo a distincção, desprezo a gloria;
Que só me apraz, na vida transitoria,
Passar dôces instantes a teu lado:

Não desejo no mundo laureado,
Do que fui, do que sou, deixar memoria;
Fôra triste nas paginas da historia
Meu nome, do teu nome desligado!

Busquem outros a fama appetecida
Que eu, preso ás garras de um destino austero,
Choro a esperança, que lá vai perdida:

Meu idolo és tu só! Eu te venero,
E, dos dôces encantos d'esta vida,
Só quero o teu amor, mais nada quero!

A CAMPA

Pobre campa! Essa apparencia
Jámais inspira o terror
Ao triste que, na existencia,
Não achou prisões de amor!
Receia-te o venturoso,
Que no mundo espera o gozo
Sem cruas ancias finaes;
E é loucura esse receio,
—Que só no teu frio seio
Cessam mágoas, cessam ais!

Morada eterna e segura,
Porque te encaram assim,
Se és principio da ventura,
Se da desgraça és o fim!
Só em ti acha guarida
O que teve, em toda a vida,
Tristezas no coração:
Finda em ti cruenta guerra
Que és ao naufrago da terra
O porto de salvação!

Cercam-te prantos e queixas,
Vingam-se os homens em ti,
Que, soberba, aqui não deixas
Os que amados são aqui:
Louco, o mundo não conhece
Que a missão do céo te desce,
Que jámais imperas só:
— Deus ordena a ascensão d'alma,
E ao que vai colher a palma
Tu guardas, na terra, o pó!

A ARTHUR NAPOLEÃO

(NO SEU ALBUM)

Vi-te no berço, de cabellos louros
Pela fronte espaçosa a esvoaçar;
Do genio revelando os mil thesouros
No gesto, no sorrir, no breve olhar!

Vi-te, cercado de amorosos laços,
Como brinco a passar de mão em mão;
Suspendiam-te agora, uns meigos braços
Ligavam-te outros logo ao coração.

Igual affecto sobre ti mantinha
De afagos maternaes o duplo ardor;
Esta era tua mãi... aquella a minha...
Era o sangue d'aqui, d'alli o amor.

Do berço ao palco, sem tremer, saltando,
Foste, innocente, ser gigante alli;
E a lyra, que inda a medo ia pulsando,
Fui depôl-a a teus pés, cantou... por ti!

Mas não póde parar genio fecundo,
Viver, florir, crescer, só entre os seus;
Soubeste que era tua patria o mundo
A patria foste vêr, disse-te—adeus.

E voaste, depois, de gloria em gloria,
E sempre excelso heroe d'amplo festim!
E eu?... Não queiras ouvir a minha historia
Não queiras, meu Arthur, chorar por mim.

Aves perdidas, no voar errantes,
Eis-me de novo, aqui, ao lado teu:
Mas... ludibrio de mágoas incessantes,
Só te diz a apparencia que sou eu!

O ardor do enthusiasmo... arrefecido!...
A alegria de outr'ora... busco-a em vão!
O estro ousado... sem vigor, perdido;
Vive só, por meu mal, o coração!

Eu, que propheta fui do teu futuro,
Do que és hoje, entre nós, inda pasmei:
Contemplo-te, homem já, candido e puro
Vejo-te, inda criança, artista-rei!

Podesse, ao vêr-te assim meu pobre canto
Expandir-se, elevar-se e a ti chegar;
Chama-te a gloria além... corre-me o pranto
Só posso n'este—adeus—por ti chorar.

Dezembro 1862.

N'UM ALBUM

É tarde — bem o sei — que o tempo foge!
Diz-me a consciencia que bem tarde vou;
Mas esta debil voz que escutas hoje,
Longa mágoa ao silencio a condemnou.

Se, por momentos, em meus labios viste
Um ligeiro sorriso a esvoaçar,
Não vinha d'alma, desolada e triste,
Que só pungentes ais podia dar.

Eu tentava, occultando o meu tormento,
Deixar livre e risonho o teu prazer;
Nem deseja o que verga ao soffrimento
O pranto em olhos compassivos vêr.

Eu via-te feliz, via-te amada
Por esse que te dera amor sem fim,
E tão dôce alegria era cortada
Se houvesse em ambos compaixão por mim.

Calei-me, que é mais grato á desventura,
(Que se o véo desenrola inspira dó),
Achar na solidão só a amargura,
Dar expansão á mágoa, e chorar só.

Mandaste-me cantar, quando só prantos
Eu podia verter, curvado á dôr;
Foi debalde que á lyra pedi cantos,
Que não póde quem soffre ser cantor.

Se vês cantados em canções ligeiras
Do cantor infortunios que soffreu,
São da vida as tormentas passageiras,
E ao estro, n'esse instante, a dôr cedeu.

No desalento d'alma, atroz, profundo,
Não esperes ouvir cantar alguem;
Que a verdadeira dôr, longe do mundo,
Nas lagrimas o allivio apenas tem.

Só no passado o desditoso pensa,
Tormentos não concede iguaes aos seus;
A esperança não vem, vacilla a crença,
Chega-se quasi a duvidar de Deus!...

E vive o triste, como vive o arbusto,
Sem a consciencia, ao menos, ter de si;
Sadío o corpo, alli, vive robusto,
D'alma os tormentos são, longe d'alli.

Minha vida assim foi por longos mezes,
Todo o gozo da terra abandonei;
Do negro sonho se acordei por vezes,
Saudoso, triste, se vivi... nem sei.

Debalde, n'esses rapidos momentos,
Recordar-me o dever vinha a razão;
No dominio d'amargos pensamentos,
Tinha sempre mais força o coração.

Ergui-me agora; mas da dôr o imperio
Inda me abate, nunca d'alma sahe;
Qual a mão que me ergueu?... Fundo mysterio
Em que a mente esvaida mais se esvae.

No exilio a divagar, sem luz, sem tino,
Que venturas a Deus posso pedir?...
Viver, soffrer, chorar é meu destino,
Nem me é dado sonhar dôce porvir.

Se risonhas canções arranco á lyra,
É que o meu negro fado assim o quiz;
Chorando, presto cultos á mentira,
E cuida o mundo que inda sou feliz!

Tarde cumpro um dever; cedo não pude,
Curtindo mágoas na tristeza, a sós;
Mas ingrato não sou—préso a virtude,
Submisso escuto da amizade a voz.

Peço perdão, se é tarde. Sê ditosa,
Longe d'espinhos que o destino traz:
Do amigo esposo carinhosa esposa,
Longa te seja a vida, em longa paz.

NÃO FUJAS!

Primeiro será frio o fogo ardente,
O dia escuro sempre, a noite clara,
Eu veja, sem te vêr, quem me contente.

DIOGO BERNARDES. — *Ecloga IV.*

Não me fujas, Elvira! Não resiste
Um fragil coração a tanta dôr!
Quero-me ao pé de ti, sombrio e triste,
Quero vêr-me a teus pés, qual já me viste,
Quero a vida nutrir do teu amor!

Entre susto e esperanças, indeciso,
Outr'ora eu dera ao mundo a maldição;
Mas vi nos labios teus meigo sorriso,
Julguei-me transportado ao paraiso,
Sem deixar a terrena habitação.

E a mente, que desvaira, aqui não erra,
Que todo o alento meu provém de ti!
Triumphei, das paixões na viva guerra;
Contemplo, se te adoro, um céo na terra,
Se os anjos são do céo, é céo aqui!

Mas tu foges... e a nuvem da saudade
O brilho d'este céo virá toldar;
Minha alma ficará na escuridade;
—Sem vir dos olhos teus a claridade
Olhos eu só terei para chorar.

E não posso... que é d'alma este meu pranto,
E ha-de o corpo delir, sempre a correr:
E eu quero a vida, a que tu dás encanto;
Se com ella findar amor tão santo,
Quero escutar-te um—ai—depois... morrer!

Não me fujas, Elvira! Não resiste
Um fragil coração a tanta dôr!
Quero-me ao pé de ti, sombrio e triste,
Quero vêr-me a teus pés, qual já me viste,
Quero a vida nutrir do teu amor!

AO SNR. A. F. DE CASTILHO

A ti, oh! grão cantor, genio inspirado,
A ti, prestante heroe, Castilho egregio,
Os sons vou consagrar da pobre lyra!
Da mente hoje desterra os sons cadentes,
Que soltado já tens da lyra d'ouro!
Do fugaz pyrilampo a luz não brilha
Onde fulgem do sol argenteos raios!
Mas ouve o rude canto que, — nascido
N'um peito onde referve o amor á patria,
Á patria, que foi meu, que foi teu berço,
Á patria que ao nascer julgaste em trevas,
E co'a luz do saber hoje illuminas, —
Se eleva a teus ouvidos, onde é grata
De um luso coração a voz sincera.

Deus concedeu-te a magia,
O poder de adivinhar:
Fadou-te rei da poesia;
Deu-te a lyra p'ra cantar.

E cantaste a — Primavera, —
Com essa voz que eu quizera
Da rude lyra extrahir!
Cantaste o vasto horisonte,
A campina, o prado, o monte,
A flôr que não vês florir!

E quem póde, extasiado,
Escutar os cantos teus,
Que te não creia inspirado,
Mas inspirado por Deus?
Que torrentes d'harmonia!
Que — amor e melancolia —
Que esparges n'essas canções!
És na doçura um Bocage;
És um Camões na linguagem:
Serás na sorte um Camões!?...

Prosegue, prosegue no trilho encetado,
Derrama nos povos profiqua instrucção;
Embora não sejas á gloria elevado
Nos braços dos filhos da lusa nação!

Não sabes, poeta, que os genios altivos
Jámais n'este solo costumam fulgir?
Que exhaustas as forças, ao fado captivos,
A vida succumbe, p'ra o genio subir?

Serviços á patria quem póde negar-te?
Quem tem grangeado tão altos brazões?
E quando ganhadas não foram d'ess'arte,
Que valem grandezas? que são distincções?

Se a fronte não tens adornada de louros,
Se d'altas fadigas não tens galardão,
Teu nome gravado verão os vindouros
Nos peitos dos filhos da lusa nação.

Ávante, pois, oh! poeta!
Vai guiando pela mão
A tua patria dilecta
P'ra longe da escuridão!
Vai, com teus cantos sentidos,
Nos peitos endurecidos
Abrandando esse rigor;
Prepara-os para abraçarem
As acções que te inspirarem
Teu engenho e patrio amor.

Olvida o fim desditoso
Dos heroes d'este paiz.
Que has-de ser mais venturoso
O coração já me diz.
Has-de, sim, que os lusos povos
Vão nutrindo alentos novos,
E por ti hão-de pugnar.
No teu ardor não abrandes,
Que hão-de — governos e grandes —
Aos teus brados acordar.

E subindo-lhe á memoria
Tantas obras immortaes,
Teus bellos — quadros d'historia —
E teus versos divinaes,

Hão-de c'roar-te de louros,
Dispensar-te mil thesouros,
Apertar-te ao coração!
Hão-de um heroe proclamar-te,
Hão-de ás nuvens elevar-te
Nas azas da gratidão.

Mas se quanto aqui predigo
Não fôr mais que um sonho meu;
Se inda o mau fado comtigo
Exercer o imperio seu;
Não perca o povo mesquinho!
Vai-lhe apontando o caminho
Da sciencia em que és immortal!
Prosegue, nobre Castilho!
Ávante, mostra que és filho
Do teu e meu Portugal.

AO MEU AMIGO BERNARDO JOSÉ MACHADO

POR OCCASIÃO DA MORTE DE SUA ESPOSA

Cubra-se hoje de luto a pobre lyra,
E aos gemidos ajuste o canto seu,
D'essa metade d'alma, que suspira,
Longe d'outra metade que perdeu!

Descendo, anjo d'amor, do céo radiante
Veio á terra ostentar seu esplendor,
Abrindo ao sentimento o peito amante,
Valioso cofre de virtude e amor.

E, fiel á missão que o céo lhe dera,
Sem ter,—esposa ou mãi—no mundo igual,
Ninguem na juventude assim podéra
O seu nome tornar grande, immortal!

Mas, como o brilho de nascente estrella
Cede á sombra das nuvens, e se esvae,
Ou como a rosa, delicada e bella,
D'uma rajada ao sopro, murcha e cahe;

Assim esse anjo, no verdor dos annos,
Tendo quanto na terra póde haver,
A existencia findou entre os humanos,
E na patria celeste foi viver!

E os fructos d'esse amor, em tenra idade,
Ao paternal abrigo abandonou;
Legou ao caro esposo atroz saudade,
E a quem no mundo a viu, mágoa deixou.

Cubra-se hoje de luto a pobre lyra,
E aos gemidos ajuste o canto seu,
D'essa metade d'alma, que suspira,
Longe d'outra metade que perdeu.

AMOR SEM FIM

Como se amavam essas grandes almas!
Que verdes palmas que esse amor lhes deu!
Tanto não fôra Julieta amante,
Que tão constante nem o foi Romeu!

Fracções dispersas de partida esphera,
Nenhum dissera ser metade só;
Viram-se um dia — tão iguaes se viram,
Que alli se uniram n'um estreito nó!

No chão da vida só pisavam flôres!
Que amor! Que amores! Que prazer sem fim!
Dizei-me, oh anjos das mansões celestes!
Se lá tivestes um amor assim!

Ambos entregues á ventura extrema
Que a lei suprema suffocar tentou,
Cegos, illusos, nem sequer pensavam
Que um céo sonhavam!... E o sonhar findou!

*

Ai!... Quantas vezes fulgurante dia,
Que á terra envia festival prazer,
Lega, ao finar-se, tormentosa noite,
Funesto açoute, que nos faz tremer!

Assim, oh tristes, vosso lindo sonho
Foi tão risonho quanto foi veloz;
Era loucura!... Ter aqui vivido
Sem n'um gemido desprender a voz!...

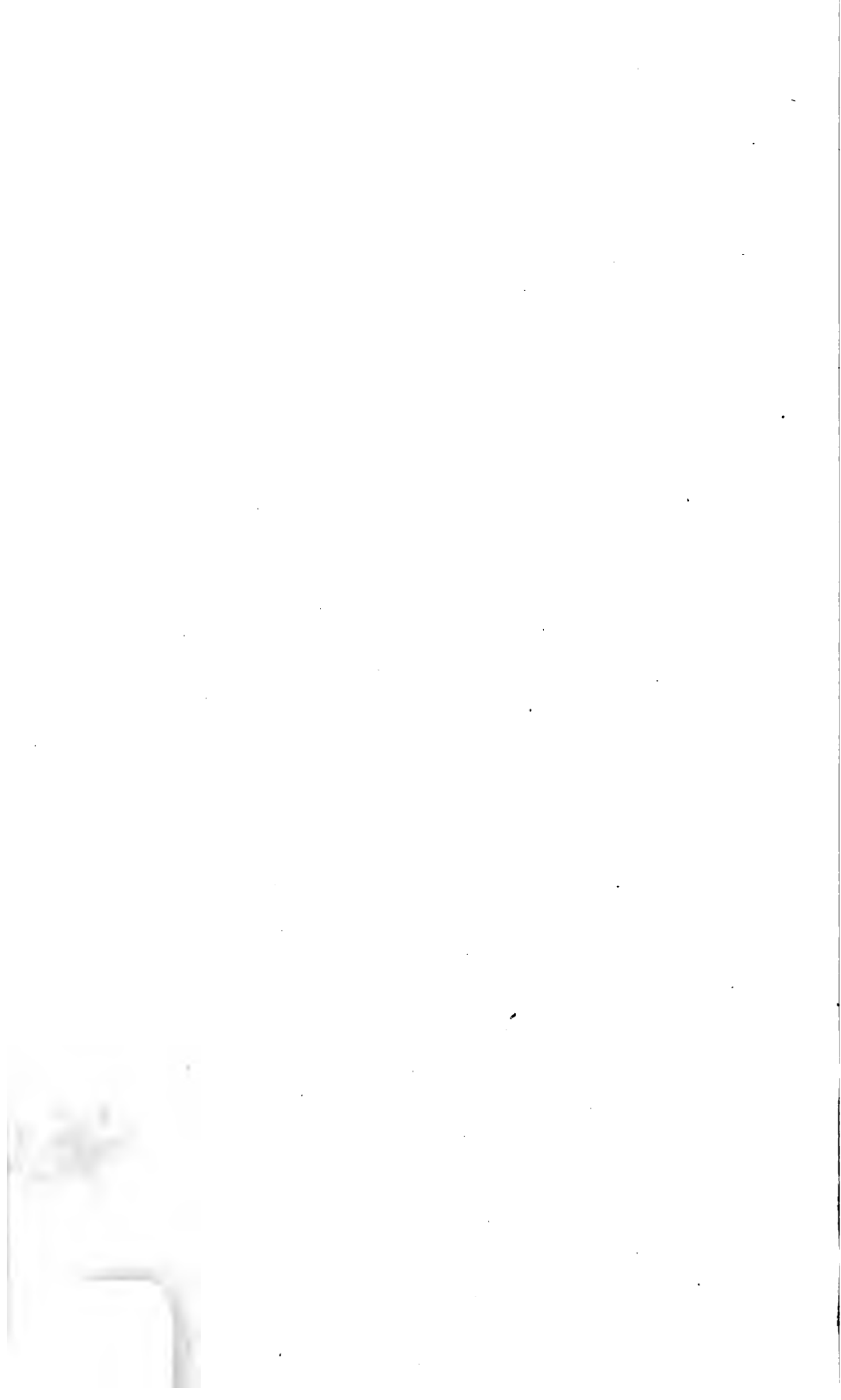
Oh! não, que um dia, sobre escuro leito,
Partem d'um peito gemebundos ais;
E ao lado a triste, de pavor, de susto,
Domina, a custo, convulsões fataes.

O mundo esquece, que adorou outr'ora,
Que a dôr agora só a tem de pé,
Toda cuidados, orações, blandicias,
Amor, caricias, caridade e fé!

Baldado esforço!... que o juiz supremo
O dia extremo decretára já;
Recrescem ancias nos finaes tormentos,
Restam momentos... que pedir... não ha!...

Aos olhos baços da fiel consorte
O anjo da morte, a voejar, passou...
Já fria, a triste, de pavor transida,
Cahiu... e erguida... recahiu... ficou!...

E um côro de anjos, a sorrir, saudava
Mais um que entrava na feliz mansão...
Após momentos, sem saber, o esposo
Voava ao gozo de eternal juncção!...

Fugiram ambos! que ao amor que deram
Ambos quizeram immortal trophéo:
Deve quem n'alma tal amor encerra
Morrer na terra, para amar no céo.

A ABELHA

> Garde-toi d'avouer, pour l'honneur de ton nom,
> Qu'un aussi long opprobre a souillé ta maison.
>
> BOILEAU.

A timida abelha fugiu da colmeia,
Sedenta de gozo, no prado voou;
De um cardo attrahida, vacilla, rodeia,
Descendo, subindo... lá cede... pousou!

Pousou... ficou presa; — se o cardo a afagava
Com falsos carinhos, fingindo-se flôr,
A louca da abelha mais firme pousava,
Tomando as astucias por mimos d'amor!...

Teimosa, atrevida, picou-se... coitada!...
Mas era baldado fallar-lhe em fugir;
Chorando a loucura, de mágoa ralada,
Julgou-se no abysmo, ficou... deixou-se ir!...

As outras abelhas, por ella soffrendo,
Chamavam... pediam... chamavam em vão;
Soffria os tormentos, mas ia vivendo
Na planta pendida, já perto do chão.

Nas forças alheias salval-a não cabe:
Ninguem a insistencia lhe póde entender...
Mysterios d'abelhas!... mysterios?... quem sabe,
Se espinhos do cardo lhe davam prazer?!...

Levantam-se os ventos, o céo já negreja,
Trovão furibundo no valle estalou;
E o raio, que desce, tão perto rasteja,
Que em poucos momentos... o cardo tombou!...

Quem sabe se a abelha, chupando outras flôres,
Trazia venenos filtrados em si,
E o plano assentava de novos amores
No putrido cardo, vasando-os alli!...

....
....

Liberto de espinhos, um pállido lyrio
Que a triste só vira nutrir-se de fel
Doendo-lhe angustias de alheio martyrio
Lá foi, compassivo, levar-lhe o seu mel!...

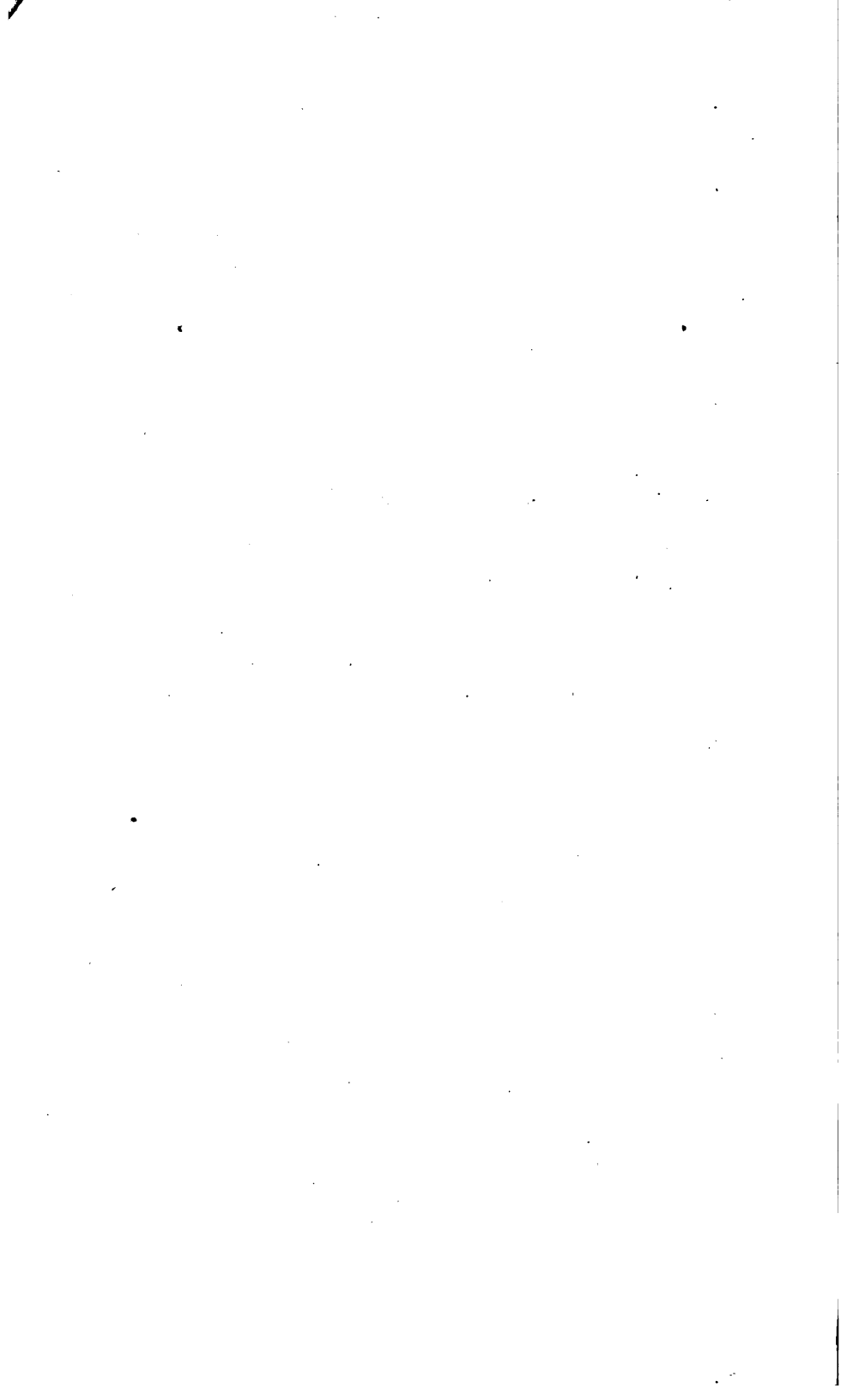
E a abelha sequiosa de nectar tão vivo,
Do cardo esquecida, sorveu quanto quiz...
Que o pobre do lyrio, da abelha captivo,
Lhe dava os perfumes, e a flôr, e a raiz.

E a ingrata, bem cheia, cedendo ao destino,
Correndo outros campos, jurou de voltar;
Quem sabe se dentro no peito ferino
Traição impiedosa sentia brotar!...

E a abelha, já mestra, dos fados isenta,
Que outr'ora culparam do mal que ella fez,
Captiva do vicio, de gozo sedenta,
Pousou n'outro cardo... prendeu-se outra vez!

O lyrio era rôxo, não era dourado,
E o cardo, côr de ouro, na côr a prendeu.
E o pobre do lyrio, que o soube, coitado!...
Pendeu, desbotou-se, murchou, feneceu!

....
....

Não pensa a perversa que Deus a fulmina,
Que o brando socego d'ingratos não é:
—Mas cedo veremos a abelha assassina
Morrer esmagada debaixo de um pé!...

ESPERA!

Que exiges, coração, que tanto imperas
Sobre a fragil razão, que n'outrás eras
Altiva dominou?
Porque te envolves n'esse escuro manto?
Porque aos olhos me envias este pranto
Que a mágoa em ti gerou?

Porque succumbes á voraz tristeza,
Desmentindo, cobarde, a natureza
Que em ti já vira o mundo
Com tão robusto ardor?
Como n'um cahos profundo
Lançar-te pôde o amor?

Tu amas, coração, e amor tão puro
Se um passado não tem, olha o futuro,
Espera, e crê em Deus;
Não offendas o céo, que é desatino
De seu valor descrêr, vêr o destino
Guiando os passos teus.

Pensa n'esse anjo que submisso adoras,
E em cada pulsação contando as horas,
Verás que o tempo corre
Deixando a crença em pé:
Nunca a esperança morre
Se vive n'alma a fé.

Vês da vida na estrada só abrolhos,
Porque a pállida luz d'uns meigos olhos,
Que viste já brilhar
Debalde expande ao longe o casto brilho,
E o teu agreste, longo, e rude trilho
Não póde alumiar?!

Quem sabe se do amor que te alimenta,
Que a vida ampara em ti, de amor sedenta
Na ausencia que te esmaga
Se nutre a dôce luz,
Se o pranto a não apaga
Correndo aos pés da cruz?

Vence altivo a cruel melancolia;
Não seja noite para ti o dia,
Envolto em negro véo;
Pede á solida crença que te aponte,
Rompendo as vastas nuvens do horisonte,
Um anjo a vir do céo.

Deus, que protege só castos amores,
Ás saudades crueis, ás cruas dôres
Que o mundo tornam ermo
Dará compensação.
— Já perto vem o termo —
Espera, coração.

SONETO

Meia noite bateu, e o somno amigo
Não vem cerrar-me os olhos fatigados;
Negros phantasmas vejo levantados
N'este da vida ephemero jazigo.

E eu sei porque o repouso não consigo
Para os membros, que sinto já cançados:
—Meus instantes á dôr foram votados,
E eu podéra, talvez, sonhar comtigo!

N'este sonho em que lucto, assim desperto,
Domina-me de amor o sentimento,
Tenho á saudade o coração aberto.

E é só minha ambição, meu pensamento,
Vêr-te, beijar-te, ouvir-te e crêr que é certo
Que pensavas em mim n'este momento!

SONETO

É bella a noite assim. No firmamento,
Das estrellas a luz frouxa lampeja;
Tépida, a brisa a ciciar bafeja,
Brando preludio de futuro vento.

Cede a face do mar ao movimento
Da aragem que, de leve, rumoreja;
E a nuvem passageira, se gotteja,
Á branda oscillação vem dar augmento.

Mas o abysmo que a humana linguagem,
Sem minha alma sondar, chamou tristeza,
A saudade o tornou funda voragem.

Insensivel contemplo a natureza,
Que onde não resplandece a *tua* imagem,
Falta no quadro a principal belleza!

NA PRIMEIRA PÁGINA DE UM ALBUM

Vai, oh pobre viajante,
Do mundo a mina explorar
Que é teu fado andar errante,
E á custa alheia brilhar!

Corre ávante, e não te assuste
Um contratempo encontrar,
Que é mister que um dia custe
Para n'outro se gozar.

E, se é certo que dos velhos
Podem lições dimanar,
Aceita os uteis conselhos
Que n'este adeus te vou dar.

Não queiras amargos dias
No fim da vida contar!
Despreza as más companhias,
Escolhe, que has-de acertar!

Só d'amizades selectas
Se póde lucro tirar;
—Foge, foge aos maus poetas!—
(Quando o meu sermão findar).

Não pretendas ser esquina
Onde venham namorar
Esses, que á sua menina
Versos fazem, sem pensar.

Foge ao que, de zelo cheio,
Só é poeta a chorar;
—Para enxugar pranto alheio,
Não és lenço d'assoar!—

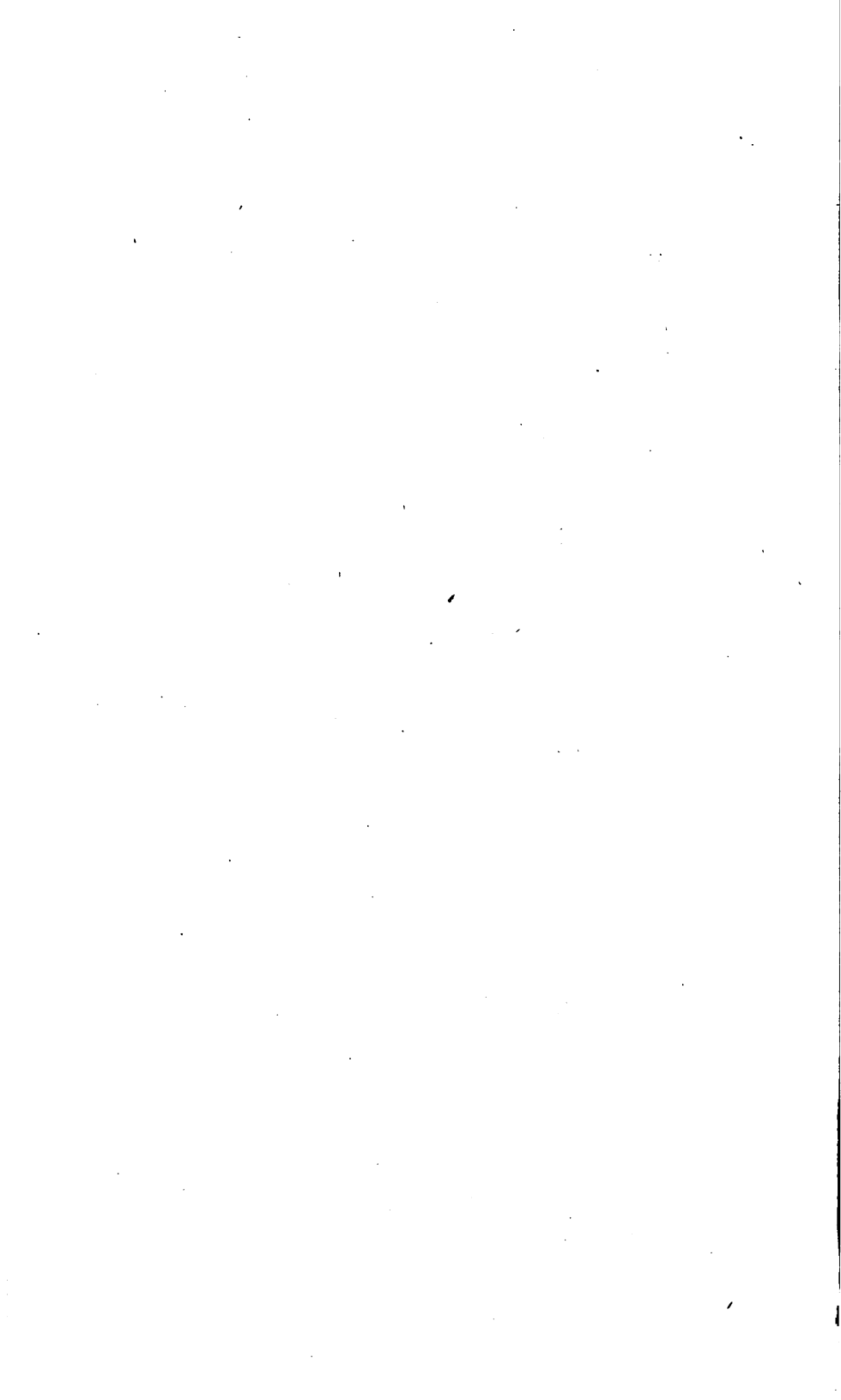
Nem papel, onde o estudante,
Que inda aprende a desenhar,
Venha, a medo, vacillante,
Rombo lapis ensaiar.

Nem folho de travesseira
Onde, por menos gastar,
Venha nova bordadeira,
Inda trémula, estudar.

Nem parede, mal ornada,
Onde venha pendurar
O que de seu não tem nada,
Estampa que foi comprar.

E se tens animo nobre
Vai afouto navegar,
Que, embora comeces pobre,
Has-de bem rico voltar.

Boa viagem, bom vento,
Fresco tempo e manso mar!
Deus te leve a salvamento,
Sem risco de naufragar!

Agosto 1858.

A EMILIA DAS NEVES

Adoravam-se outr'ora os falsos deuses,
Quando, na escuridão, povos incultos,
Curvando a fronte aos pés d'altiva estatua,
Alma lhe davam, na oração piedosa,
Sinceras oblações, votos sinceros,
Dôces cantos d'amor, preces ardentes,
— Porque outra imagem, outro Deus não viam! —
Eis que o *fiat lux,* decreto ethereo,
As trevas dissipou, banhando em ondas
De mirifica luz todo o universo,
Espargindo o clarão da fé, na terra,
Outro mundo apontando, além do mundo!

Desvendaram-se os olhos, e á tristeza,
Ao sombrio pavor, ao luto d'alma,
O prazer succedeu, puro e celeste.
A estatua baqueou, porque era falsa,
Obra d'homens, a base em que se erguera,
E é sómente immortal a sã verdade,
Onde o toque se vê da mão divina!

*

Cahiram gerações, outras surgiram,
E do progresso á luz, vivida sempre
A vista se espraiou, arrebatada,
Em largo espaço, em horisontes novos;
E o homem, reflectindo em sua essencia,
Ao vêr do Creador, em si, a imagem,
A fronte levantou, que hoje, só, livre,
Se curva a Deus, no céo, na terra ao genio!

Da nova geração, filhos, nós vimos
A aurora despontar da liberdade,
Que os homens nivelou, dando a bem poucos
Aureos thesouros, no fulgor do engenho;
Pelas leis da virtude, alto dominio!
Se á purpura real prestamos cultos,
É que, d'ella através, sentimos, brando,
Lá no peito do rei, coração d'homem;
É que a fronte real, como a do povo,
Se curva a Deus, no céo, na terra ao genio!

E tu, eximia actriz, trouxeste n'alma
Celeste emanação, fogo divino,
Que os olhos deslumbrou do sabio luso
Que erigira a Camões padrão eterno!
Do mimoso cantor filha mimosa,
Viste o amor paternal, a ti e ás artes,
N'alma, e nos labios, d'esse vulto immenso.
Elevou-te GARRET ao regio solio,
Rainha te elegeu, beijou-te a dextra;
E onde a lingua se falle, em que fallára,
Com voz quasi divina, o vate egregio,
O sceptro empunharás, na scena, altiva;

Nem vandalica mão póde, impotente,
Abalar-te os degraus do throno excelso!

Da inveja filhos, só, que importam zoilos!
Revôa em torno á luz mesquinho insecto,
Que da attracção a origem desconhece;
E tentando esconder nas azas debeis
Essa vivida chamma que o deslumbra,
Fulminado, lá cahe;—e o facho ardente,
Levemente agitado, oscilla apenas,
Espargindo fulgor mais deslumbrante!

Dorme, placido, o mar, qual manso lago,
Dos astros reflectindo o immenso brilho;
Mas, grande em seu poder, trémulo, cede
Ao brando perpassar da branda aragem;
E a leve ondulação da brisa leve,
Inda mais lhe realça a magestade!

Raio do sol da patria, em terra estranha,
É duplo o teu fulgor aos nossos olhos!
Essas palmas virentes, que te adornam,
No viço, aroma e côr, a patria lembram.
O berço que foi teu, foi nosso berço;
Saudade, que hoje tens, saudade é nossa;
A gloria que te exalta, é nossa gloria;
E os affectos que pintas, sobre a scena,
Ardentes e reaes em nossos peitos,
A ternura, o respeito, o gozo, a mágoa,
O pasmo, o orgulho nos despertam n'alma!

Se, no palco, um throno regio
Te aponta do genio a mão,
Desce d'alto o privilegio
Que te guia na ascensão:
Longe a actriz, és só rainha,
E o povo, que se avisinha,
Nem de ti se lembra mais;
—Que o fascinam tuas galas,
São regias as tuas fallas,
Os teus gestos são reaes!

Quando, ao vêr-te na eminencia,
Treme o povo, ao lado teu,
Quem sabe se é d'arte a ausencia,
Ou se o respeito o prendeu!
Grande, altiva e magestosa,
Quem sabe se a actriz famosa
Está vendo o povo alli?...
Quem sabe se te conhece,
Se da irmã d'arte se esquece,
Como te esqueces de ti?

Perde o artista a liberdade
Quando, vassallo, a teus pés,
Ao sentir-te a magestade,
Vê quem pintas, não quem és;
E é tão pura e viva a imagem,
Que, se dicta a personagem
Leis austeras, brandas leis,
Assim, dentro em nossos peitos,
Ou aos reis se negam preitos,
Ou redobra o amor aos reis!

Da artista a missão termina,
O imperio d'arte acabou;
Mas inda o vulto fascina,
Inda a illusão não findou:
Ao descer do regio solio,
Tens, em novo capitolio,
Teu reinado mais feliz;
E á tua gloria suprema,
Cede a rainha o diadema,
Deixa-o na fronte da actriz!

Da fé na exaltação, mulher d'antigas eras,
O sangue teu referve, é fogo o teu ardor;
Eleva-se a alma, pura, ás eternaes espheras,
Em terra o peito arqueja, ardendo em puro amor!

E os olhos, que a ternura exprimem no quebranto,
Se dentro impera a mágoa, effeito da paixão,
Agora, sem doçura, abertos e sem pranto,
Fuzilam como o raio, annuncio do trovão!

E a voz, dote do céo, que, meiga e tão sonora,
Na timida fraqueza encerra alto poder,
Vibrante de tremor, possante e forte, agora,
Os echos longe acorda, e os homens faz tremer!

E o braço feminil, que a mão da natureza
Formára só propenso a afagos maternaes,
Empunha o duro alfange, e, erguendo-o com destreza,
Derruba, a golpe fero, orgulhos colossaes!

E vencedora, emfim, respeito inspira, e pasmo,
A tragica figura, altiva estatua em pé;
E gozam do triumpho, em vivo enthusiasmo,
A intrépida virtude, a patria, o amor, a fé!

E nós, que ao escutar-te o frémito medonho
Trememos, divagando em mar de sensações,
A actriz vêmos então, e ao despertar do sonho
Cahimos a teus pés, erguendo-te ovações!

O que a patria deixou, quando a infancia,
Com seu dôce cortejo, fugia,
Sem pensar que o prazer, a alegria,
Lá na patria deixava ficar;
Que ao sentir, apertado com ancia,
Longo abraço—talvez derradeiro!—
Foge, louco, e seu pranto primeiro
Vê cahir sobre as aguas do mar.

O que, ao vêr-se na tolda, isolado,
Busca a terra, que aos olhos fugindo,
Inda, em rolos de fumo, subindo,
Denuncia o cantinho do lar;
E, do lar, mais e mais afastado,
Quando a patria, de todo, fugira,
Se do céo, triste, os olhos retira,
Pousa a vista nas aguas do mar.

Que trazendo dos seus, viva, a imagem,
Entalhada no peito saudoso,
E, chorando n'um dia formoso,
Passa a noite, sósinho, a chorar;
E no fim de tão longa viagem,
De saudades, de mágoas tão cheia,
Vê d'um lado, a chamar, terra alheia,
D'outro lado, só aguas do mar.

Ai... são estes, que tem na memoria,
Lá da patria, os triumphos da artista,
E, orgulhosos, a nobre conquista
Só de longe podiam sondar.
Ai... são estes, que, á luz d'essa gloria,
Vendo, ao largo, surgir o teu vulto,
Anciavam, por dar-te o seu culto,
Vêr-te livre das aguas do mar!

Somos nós, os que ao vêr-te na scena,
Triste, agora, de um filho saudosa,
Logo, alegre, com elle extremosa,
E outra vez de receio a chorar...
Nos lembramos da voz, dôce e amena,
Que, na infancia, tão meiga escutamos,
E, n'um sonho, comtigo voamos,
Esquecidos das aguas do mar!

Se borbulha em teus olhos o pranto,
Se a teu filho dás meigas caricias,
Se repartes, com elle, delicias
Que só alma de mãi sabe dar;

Vem de novo, nas azas do encanto,
A lembrança dos gozos d'outr'ora,
E medir nem sabemos, agora,
Esse espaço das aguas do mar!

E ao findar este enlevo das almas,
Novo enlevo na artista apparece;
E se a dôce illusão não esquece,
Mais o orgulho nos vem dominar.
Que te lembrem os bravos, e as palmas,
Que te damos, que ao genio se devem,
Quando os fados á patria te levem,
Sobre o dorso das aguas do mar!

As luzes fulgem vividas;
Fulguram vivas côres;
Vicejam bellas flôres,
Encanto dos jardins;
E os ramos das camelias,
Tão varias, e formosas,
Vencendo as lindas rosas,
Excedem os jasmins!

Pendentes d'alta cupula
Ondêam, fluctuantes,
Cortinas, deslumbrantes
Na tela e no lavor;
Coxins de sêda, flaccidos,
Convite á indolencia,
Revelam a opulencia
No brilho multicôr!

Dispostas sobre o marmore
As porcellanas bellas,
A primasia é d'ellas,
Não tem alli rivaes;
E os liquidos balsamicos,
Que encerram mil perfumes,
Reflectem vivos lumes,
Nas faces dos crystaes!

E o luxo alli, phantastico,
Mysterio nos encobre:
Recinto bello, e nobre,
De fadas é mansão?
Será morada esplendida
De incognita princeza?
De prodiga riqueza
Será capricho?—Não.

Lá entra a dama, pállida,
Esbelta e graciosa;
Da face a côr, da rosa,
Ha muito desbotou;
Não tem a graça timida
De candida donzella;
Deixára de ser bella,
Bellissima ficou!

Mulher formosa e candida
Provoca a desventura,
Se é tanta a formosura,
Que o seductor seduz;

E aquella, tão sympathica,
Na idade florescente,
Vestal inda innocente,
Deixou morrer a luz!...

E em noite escura, e tetrica,
Tocára, em trilho rude,
Abysmo, em que a virtude
Aos olhos se occultou;
E a triste, achando, pavida,
Na mão do vicio um guia,
Sem vêr, jámais, o dia,
Nas trevas se embrenhou!

Da estrada já no término,
Surgiu-lhe a luz formosa;
—Se pura, se enganosa,
Não póde, incauta, vêr;—
Ebria de gozo, attonita,
Só viu, na mocidade,
Por lei, a liberdade,
Por idolo, o prazer!

Depois, ao vêr, extatica
O brilho que a cercava,
Os cultos que chamava,
Rainha em seu festim;
E de fallaz thuribulo
Gozando o vil perfume,
Subiu do vicio ao cume,
Desceu do abysmo ao fim!

Reinava o vicio, indomito,
N'aquella infausta vida;
E á dama que, illudida,
Corria á perdição,
Não disse um sonho lucido,
Ou lucido presagio,
Que d'esse atroz naufragio
Ficava o coração!

Ficou. E a dama, livida,
Do gozo já fugia,
E, triste, succumbia
A nova, estranha dôr;
Que n'alma, inquieta e férvida,
Que fôra o seu supplicio,
Sahindo, frio, o vicio,
Entrára, ardente, o amor!

Pobre innocente, que ao fugir da infancia,
Correu, com ancia, da ventura após;
E, ebria de gozo, na cançada lucta,
Só hoje escuta de sua alma a voz!

Cega, illudida, nem pensára, a triste,
Que amor existe, que dá vida amor,
Que, se é partilha da virtude o gozo,
Vicio, enganoso, só partilha a dôr!

Correndo, louca, do prazer na ardencia,
A propria essencia nem sentiu, sequer;
Anjo nascera, mas, no mundo errando,
Viveu, cuidando que era só mulher!

Curvada agora ao desalento, soffre,
Que, n'alma, um cofre se lhe abrira, em ais;
Presinta, embora, ter alli thesouro
Que, em cofres d'ouro, não achou jámais!

Impia, que a fronte levantar não ousa,
Se, alfim, repousa no sopé da cruz,
Livre, nas trevas em que cega andava,
Sente-se escrava, no fulgor da luz.

Do mundo o escarneo, que não viu outr'ora,
Receia, agora, quando surge em pé;
Justo receio que, inda orando, sente
Fraco descrente, que abraçára a fé.

Frouxa, abatida, no lethal quebranto,
Sulcos do pranto já na face tem;
Salva do vicio, nem do mal se esquece,
Chora, e padece, quando chega o bem.

Ama devéras, e esse amor terrivel
Torna impossivel o surgir do pó;
Vendo o passado no horisonte, escuro,
Olha ao futuro... mas vê trevas só!

Sorrindo á vida, que lhe foi delirio,
Trouxe o martyrio por fatal condão;
Foge ao naufragio, e ao chegar ao porto,
Perde o conforto, na infeliz paixão.

Um pai, afflicto, por seu filho chora,
Supplíca, exora, de joelhos cái;
E, ella, do amante desprendendo os laços,
Lança-o nos braços do extremoso pai!

Ai!... Que tristezas, ao findar a historia!
Que immensa gloria, que esse fim lhe deu!
Triste, saudosa, só de si se esquece!
Chora... padece... chora mais... morreu!...

Morreu! Cahe o panno!
E nós, despertamos;
Mas foi sonho insano?
Que foi? Onde estamos?
Que vimos aqui?

E a dama, formosa
De mil esplendores,
Altiva, e graciosa,
Brilhando entre flôres,
Que, ha pouco, era alli?

E o modo singelo
E a voz argentina,
E o riso tão bello,
E o olhar, que fascina,
Que excita a paixão?

E o garbo imponente,
E a airosa postura,
E o gesto indolente,
E a dôce brandura?
—Foi tudo illusão?—

E a terna amante, que ensina ás bellas
O que é ternura, que importa amor,
E que as mimosas, castas donzellas
Vence, em doçura, vence, em amor?

E aquelles olhos, outr'ora vivos,
Agora frouxos, em languidez?
E os gestos nobres, tão expressivos?
D'aquellas faces a pallidez?

E a voz suavissima, encanto d'alma,
Que traz doçuras ao coração?
E do martyrio cortante palma,
Por mão colhida de atroz paixão?

E a magestade, no sacrificio,
Da que se mata, ficando em pé,
Da ambição longe, longe do vicio,
Votada á morte, votada á fé?

E aquelles prantos, na dôr suprema,
Buscando leitos onde correr,
Porque a, das carnes, magreza extrema,
Não deixa o curso, livre, romper?

E a voz, perdida, soltando apenas
Arrancos tristes, quasi finaes,
Negando á lingua fallas amenas,
Negando ao peito profundos ais?

E as mãos de neve, já descarnadas,
Que mal exprimem acenos seus,
Nem podem, frouxas, da fé guiadas,
Supprindo a falla, fallar a Deus?

E aquella morte, roubando á vida
Joia formosa de puro amor;
E a vida, triste, quasi vencida,
Pedindo á morte mais larga dôr?

E, agora, os olhos em dôce calma...
E, logo, envoltos em denso véo...
Por fim, cerrados, sem verem a alma
Fugir da terra, voar ao céo?

Foi tudo engano, tudo mentira,
Que um povo inteiro sonhou tambem?
Sonharam todos? Ninguem a vira?
Quem era a dama?... Não diz ninguem?

Responde a fama altiva: «Era o talento,
«Prodigio d'arte, unido ao sentimento,
«Era o genio da actriz!
«Era um nome eternal na lusa historia!
«Era a gloria da scena, a vossa gloria!
«A gloria de um paiz!

«Tem a grande Rachel a sua França!
«Ristori tem a Italia! E na balança
«Não ha genios iguaes!
«Gozem, dos povos seus, cultos profundos!
«Tem cada qual um mundo?—Esta, em dous mundos
«Impera, sem rivaes!»

Artista! Se estes bravos, e estas palmas,
Não dizem quanto sentem nossas almas,
Pela patria, e por ti,
Este povo, que adora a liberdade,
Que nem sempre se curva á magestade,
Eil-o, curvado, aqui!

Vem depôr, a teus pés, offerta pobre,
—Debil recordação, de um povo nobre,
Lá na terra natal!—
Deixas, mais opulenta, em dôce abraço,
Dous nomes, immortaes, presos n'um laço:
Emilia—e—Portugal!

FABULA

Todos sabem (não eu) que em tempo antigo
Não só fallavam homens e mulheres,
Mas tinham da palavra o dom famoso
Bicharocos horriveis, lindas aves,
Verdes arbustos, variadas flôres,
Rochedos, terra, mar, quanto ha no mundo,
Sem mesmo exceptuar os artefactos.
É por isso que a velha antiguidade
Collegios nunca viu de *surdos-mudos,*
Nem as sisudas regras d'oratoria
Que mais tarde nos dera o grande Horacio.

Por fim, era tão grande a grasinada
Que ninguem n'este mundo se entendia,
E alguns, que do *cavaco* mais gostavam,
E excepção pretendiam ter honrosa,
Porque o meio não tinham da revolta,
—Mais tarde pelos homens inventado,—
Mansamente pediram providencias

*

Foi attendida a supplica—um decreto
Mandou logo metter a falla ao bucho
A muitos membros que contava a immensa,
«Famosa geração de falladores»,
Mais famosa, de certo, e mais massante
Do que outra que, depois, achou *Bocage.*
—As leis eram então, já, illudidas,
E alguns brutos, felizes, só por terem,
Com os homens, nas fórmas, semelhança,
Inda no gozo estão do privilegio,
E os ouvidos nos massam, impiamente,
Dia e noite fallando, em prosa e verso!

Antes d'isso, n'um dia se encontraram,
Segundo me constou por via certa,
Uma—*bota*—e um —*chapéo*—que, no caminho,
De razões se travaram, começando
Um cavaco animado, em que as injurias,
Como agora na imprensa, referiam.
Modesto passageiro, que escutára
O combate mordaz dos contendores,
A noticia me deu, que vos transmitto.—
Ou seja o conto exacto, ou falso em parte,
Vêde o que dizem

O CHAPÉO E A BOTA

Chapéo

Chóro, bota infeliz, a negra sorte
A que foste no mundo condemnada!
Andas em vida procurando a morte,
Nas ruas, pelas pedras arrastada!

Bota

Sou arrastada, é verdade;
Mas esse mal não lamento
Quando, cheia de vaidade,
Sou pedestal do talento.

Chapéo

Pedestal do talento? — Ouve, orgulhosa,
— Se d'isso o orgulho teu se desvanece:
De cupula eu lhe sirvo, e á fronte airosa
Meu vulto respeitavel prevalece!

Bota

Mas nota que o bem-creado,
Se outro, que respeita, encara,
Para ser mais bem tratado
De si logo te separa.

Chapéo

Áquelle a quem resguardo, a fronte enfeito,
E por isso me vejo em grande altura;
Se o *tirar-me* um signal é de respeito,
Lamentemos dos homens a loucura.

Bota

Loucura que te incommoda
Não queiras que eu a conheça;
Bem sabes que ando, por moda,
Na parte opposta á cabeça.

Chapéo

Falla sem mim aos grandes o homem fraco;
Mas se elle graduasse a cortezia,
Despindo ante os burguezes o casaco,
As botas ante a plebe tiraria!

Bota

Quem d'esse modo argumenta,
Sem convencer, aborrece;
Quando a verdade se ausenta
É que o sophisma apparece.

Chapéo

Mas sustenta a verdade que o meu posto,
Pela altura em que estou, é sempre nobre,
Em quanto a vida passas em desgosto,
Calcada pelo rico e pelo pobre!

Bota

Mas deixas o posto altivo,
Ficas em rude aposento,
Quando luzido attractivo
Nos grandes salões ostento.

Chapéo

Mas em quanto na dança és estafada,
E os tormentos que soffres não são poucos,
Inda então minha sorte é invejada,
Descanço, e livre estou de aturar loucos.

Bota

E eu, se algum louco me cança,
Da folia nos ardores,
Tenho o prazer da vingança,
Obrigo-o a gritar com dôres!

Deu fim á lucta o vento descomposto,
Que o chapéo arrojou longe, á ventura;
Venceu a bota; que anda mais exposto
Quem no mundo se eleva a grande altura.

A UM ANJO

Alva perola cahida
Do céo ao mundo rojou;
E no mundo, em curta vida
Com seus mimos encantou.

Fugiram-lhe aqui sete annos
Entre afagos e prazer,
Afagos que entre os humanos
Um anjo, só, póde ter!

Mas um anjo expatriado
Saudades tinha dos seus,
E alegre, por Deus chamado,
Lá se elevou até Deus!

Já lá no celeste côro
Occupa ethereo lugar;
E do mundo ardente choro
No céo não póde escutar.

Quem te disse, meigo anjinho,
Que te ausentasses d'aqui?
—Não era o mundo mesquinho
Habitação para ti?

Não era, não, que a pureza
Culto immenso não tem cá;
Á terra estiveste presa,
Mas tua patria era lá.

Voaste, Cecilia, pura,
Que o mundo não te manchou;
Levas d'aqui a candura
Com que o Senhor te mandou.

Eras como a flôr mimosa
Separada do jardim;
Secca, murcha, e inda formosa
Era forçoso o teu fim!

Pendeste! já não encerra
Triste, o mundo, um seu trophéo;
Deixaste a raiz na terra,
Foste florescer no céo!

TRABALHO

Na terra a missão que temos,
Dos homens todos a sina,
É trabalhar. Trabalhemos,
Que o trabalho é lei divina.

Depois, em dôce remanso,
Quando foge a luz do dia,
Vem com a noite o descanço,
Com ella a paz, a alegria.

D'arte mimosa no estudo
Fogem horas de recreio,
Contra o vicio forte escudo,
Da virtude firme esteio.

Cantemos, que as harmonias
Que os sentidos nos encantam,
São gozos sem agonias,
Hymnos que a Deus se levantam.

SONETO

NO ALBUM DA EXC.ma SNR.a
D. ROSA JOAQUINA DE MELLO FIGUEIREDO

És mãi, tens coração, sabes a fundo
Quanto punge uma dôr n'alma que sente;
— Sou filho... e sinto, aqui, a mágoa ardente,
Porque a mãi lá deixei, no velho mundo.

Longe dos que geraste, o dó profundo
De teu pranto produz larga torrente:
D'*Essa* que á luz me dera, ha tanto, ausente,
A face, noite e dia, em pranto inundo!

É nossa dôr igual! Se a natureza
Na coragem, talvez, nos fez diversos,
Veio a sorte igualar nossa fraqueza.

Da patria longe, na saudade immersos,
Tocou-nos em partilha igual tristeza:
Choremos ambos, não me peças versos.

1859.

SONETO

Á EXC.ma SNR.a BARONEZA DE TAQUARY
NO DIA DOS SEUS ANNOS
EM 19 DE OUTUBRO DE 1863

Da vida na viagem tormentosa,
Vi o mar levantar-se enfurecido;
Quasi sem rumo, já, quasi perdido,
Julguei a morte certa, e dolorosa.

Mas vi terra, por fim! D'arvore annosa
Á dôce e amena sombra recolhido,
Alma nova ganhei, que, esmorecido,
Era-me a vida, já, longa e penosa.

E os ramos d'esse tronco, e as tenras flôres,
Pendendo para mim, foi tal o effeito,
Que vivo agora, só, dos seus amores.

Mas... meu estro, nascido em campo estreito,
Não póde, iguaes ao *dia* erguer louvores:
Abafa a gratidão a voz no peito!

PRESENTIMENTO

D'onde vem esta nuvem que, sombria,
Me abafa o coração, e o lança em trevas,
Da esperança extinguindo a luz formosa?
Porque ante mim vagueia, sempre escuro,
Negro phantasma, que me prende e assusta?

Se apparente sorriso aos labios vôa,
Simulando prazer que não existe,
Foi a dôr que os abriu, por dar passagem
Ao suspiro que vem do fundo d'alma,
Onde, represo, detivera o alento,
Por temer, na expansão, do mundo o escarneo!

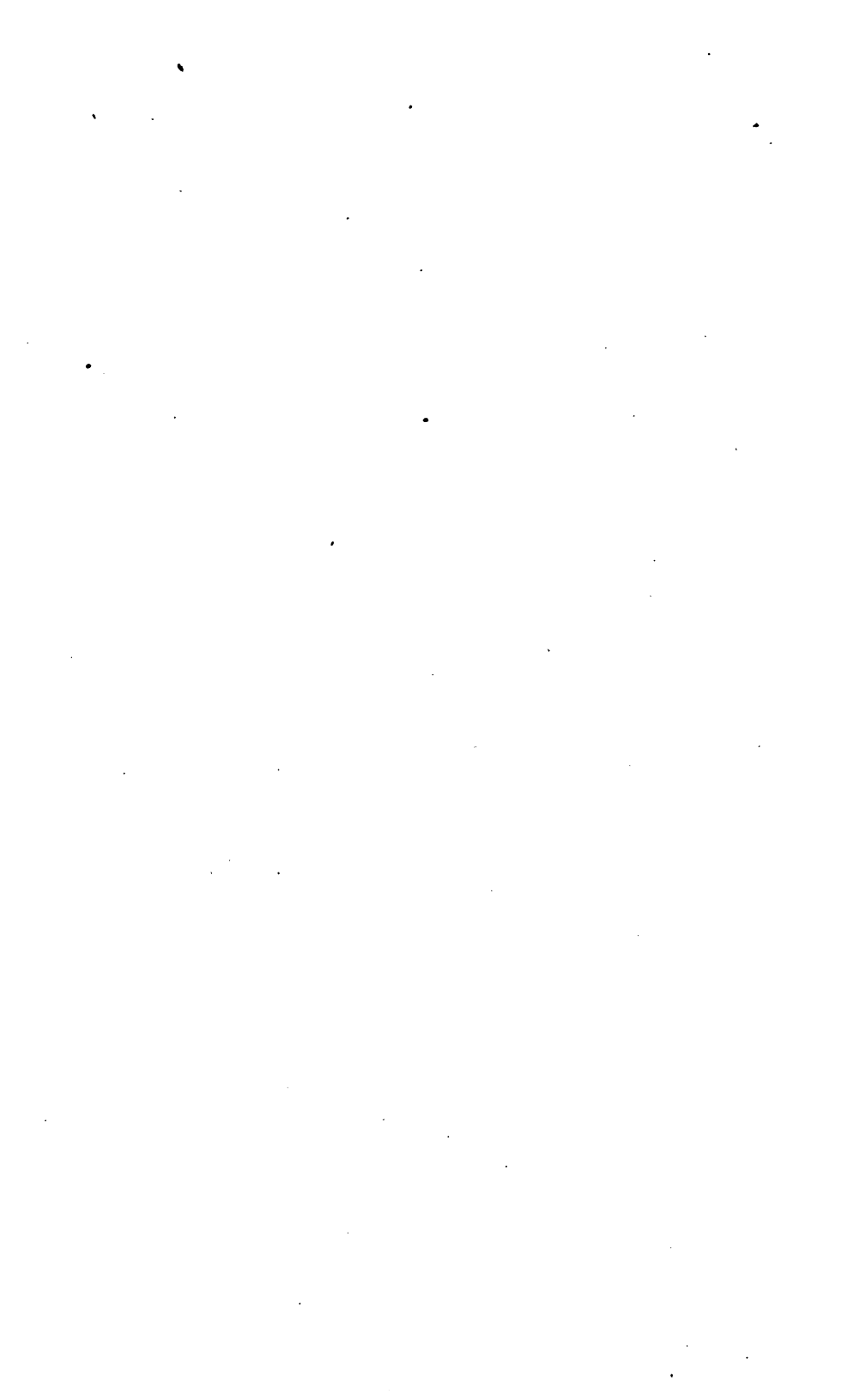
Na mente um pensamento não adeja
Que me illuda, sequer, marcando tregoas
Á tristeza, sem fim, que me devora!...
Se vem gelar-me o desalento frio,
Não me aquece do sol o ardente raio;
Nem allivio me traz de tarde a brisa,
Perfumada do aroma de mil flôres,
Se árida febre me requeima os labios,
Me escalda a fronte, me afogueia os olhos!...

No leito repousar, busco-o debalde,
Que uma insomnia fatal me alonga as horas,
Por mais longo tornar-me o atroz martyrio.
E se, já tarde, fatigado o corpo
De procurar em vão dôce repouso,
Cede um instante ao dormitar inquieto,
De escuras sombras povoado o somno
Continúa o combate, em que eu succumbo.
Nem me engana o prazer em sonhos meigos!
Abro os olhos á luz, trevas só vejo.

Sempre mágoas sem fim, tristezas sempre!...
E remorsos não são, que aos pés do Eterno
Não tenho de implorar perdão de um crime,
De um erro, ao menos, que na face alheia
Lagrimas tristes borbulhar fizesse!
Se amar um anjo, tendo n'alma a crença,
Dentro do coração alçar-lhe um throno,
Como a Deus adoral-o—e mais ás vezes,
Porque ao fervente amor a razão cede—
É fazer jus a punição severa,
Esse é meu crime, só:—eu amo Elvira!
Eu amo-a, adoro-a, sim, vivo por ella,
Por ella morrerei, talvez bem cedo!...

Occulta voz me diz quando em ti penso,
E diz-m'o sem cessar, a todo o instante,
Que ha-de este puro amor custar-me a vida;
Que hei-de vêr-te fugir, Elvira amada,
Ir comtigo minha alma, e o corpo, frio,
Sem alento, cahir na fria terra.
Não mente o coração, nuncio infallivel
Quando o mal vaticina ao desgraçado!

Perder-te, Elvira, vêr no pó dispersas
Do jardim d'este amor as meigas flôres
Que tanto borrifei com dôce pranto...
Nunca mais em teus labios purpurinos
Brando o sorriso vêr que me animava,
Qual iris ao fragôr da tempestade...
Não vêr quebrada a escuridão medonha
Que me cerca no mundo em toda a parte,
D'esses teus olhos pela luz divina...
Não poder escutar-te a voz suave,
Como a dos anjos seductora e amena,
Em palavras de amor que a vida nutrem...
Nutrir saudades, recordar venturas,
No peito represar gemidos d'alma,
Sem um allivio á dôr que dilacera,
E viver... e viver... ai não... não posso!...

Que me resta sem ti, se eu por ti vivo,
Se a vida para amar-te quero apenas?...
Morrer, longe de ti, desfeito em pranto,
Mas bemdizendo a morte, Elvira linda,
Que uma vida te dá, que era só tua!...

A MANOEL DE MELLO

Desculpa, amigo Mello, se me atrevo,
Eu, que a razão não sei porque inda escrevo,
A erguer a humilde voz, desafinada,
Entre os echos da tua, que aflautada,
Dôce e meiga soou n'esses ouvidos,
Inda, por tua causa, enternecidos.
—Mas não posso conter a raiva minha
Ao vêr que o teu engenho se definha
Moendo os ossos de infeliz defunto!
Pois não achaste mais brilhante assumpto
No seculo ditoso em que vivemos?—
Ora attende-me um pouco:—meditemos.
—Que importa ao mundo se Camões, que é morto,
D'um olho, ou d'outro olho era só torto?
Que elle era cégo de ambos eu sustento.
Não morre esfarrapado e lazarento
Quem tem um olho vivo e bem aberto.
Se fôr outro zarolho, mais esperto
Deve ser o sujeito assim marcado,
Porque fôra por Deus assignalado!
D'onde vem, por um livro tanto orgulho,
Tantas queixas sem fim, tanto barulho?

*

Que importa se Camões pedia esmola,
E se enchia de côdeas a sacola?
Pois não tinha o poeta o seu agente,
Na rua, a procurar que dar ao dente?
E em quanto elle ostentava esse arreganho,
Não se estafava o Jáo, preto de ganho,
Na rua a mendigar, misero escravo,
Adoçando, ao *senhor,* da fome o travo?
Que importa se nasceu aristocrata?
—Oh! e não chamo á patria vil e ingrata,
Porque ao vate não fez o enterramento,
Como agora se faz, com luzimento;
Porque estatuas não teve pelas praças,
Como tem os heroes. Nada de graças.
Não falles de Camões;—Camões esquece.
Camões não terá mais, nem mais merece.
Donizetti era genio, era um portento,
E mil provas nos deu do seu talento;
Mas pensou que isso tudo inda era pouco,
Quiz cantar o Camões, e morreu louco!
Põe os olhos, amigo, n'este espelho,
E deixa de escavar o assumpto velho!

Agora ha gratidão para os engenhos
Que uteis ao mundo são, não são ferrenhos.
Chora-se a patria pobre?—Elles com ella!
Não vão pôr-lhe unguentos na mazella,
Palliativos não tem... remedio heroico.
Dedicados, heroes, de genio estoico,
Se a patria se diz pobre, ao mundo inteiro,
Vão a patria salvar:—fazem dinheiro,
E a patria, agradecida, e attenciosa,
N'elles busca dourar a argentea prosa.

E tu, oh desgraçado! — andas perdido,
Em procura do pó que foi sumido,
E no pó cahirás, até que um dia,
Por mostrar-te o que vale a tal poesia,
Te diga, ao levantar-te de entre o cisco:
Eis o commendador João Francisco,
Homem nobre, homem grande, homem preciso:
Traz no bolso o talento e o juizo.
Então, já convencido, Mello amigo,
Na lembrança terás o que hoje digo:

Não lamentes do vate o negro estado,
Pobre tem sido muita gente boa;
São pobres os poetas em Lisboa,
Nunca foi d'esses lorpas o reinado.

Se foi vate o Camões, se foi soldado,
Se não pôde alcançar, por isso, a c'rôa,
Tenha paciencia; — que abatesse a prôa,
Vendesse bacalhau, seria honrado.

Tem dado o bacalhau gente famosa,
Só falla do Camões, inda a gazeta,
Por haver, como tu, gente vaidosa.

Deixa as letras, amigo, abraça a treta,
E não deixes a gente duvidosa
Que isto de fama e gloria é tudo pêta.

4 de abril de 1864.

SONETO

O jardim, guarnecido de mil flôres,
Seus arômas suaves espalhando;
As arvores, ao vento balouçando,
E os campos ostentando as verdes côres;

Da natureza os timidos cantores,
Seus candidos gorgeios entoando,
E o regato que passa, murmurando,
Da mimosa campina entre os verdores;

O puro azul do céo, espaço immenso,
De scintillantes astros cravejado,
Que a vida á terra dão, no fogo intenso;

Tudo é vão para mim, que, fascinado,
Existo por ti só, em ti só penso,
Vejo, sem ti, o mundo inanimado!

SONETO

Tu não sabes, meu anjo, o que é saudade
N'um coração amante e desditoso?
—É mágoa no prazer, na dôr o gozo,
Mistura de socego e d'anciedade.

É ter d'alma no mundo só metade,
E metade a sonhar sonho formoso;
Sentir depois o espinho doloroso,
Da ausencia recordando a atroz verdade.

É ter o que é passado inda presente,
No coração a dôr, funda, incessante,
Passageiro o prazer, vago, na mente.

É—tristeza maior, mais penetrante—
O que não tens por mim, se estou ausente,
O que sinto por ti, se estou distante.

PERDÃO

> **Eu, duvidoso, teimava**
> **Porque amor faz duvidar;**
> **Quasi então te injuriava,**
> **Mas era só por te amar...**
>
> **JOÃO DE LEMOS — 1.º vol. —**
> ***O promettido é devido.***

Perdão, Elvira, se um momento, louco,
Eu pude um pouco duvidar de ti!...
Perdão, Elvira!... Não duvido... creio...
Longe o receio que a sonhar senti!

Ah! sim... foi sonho... que tambem desperto
Vem sonho incerto perturbar-me assim,
Quando, em te vendo, para mim és tudo,
E, inerte e mudo, nem eu sei de mim!

Então contemplo teu mimoso vulto,
Presto-lhe o culto de um ardente amor;
E emfim, se acórdo... se na vida scismo...
Caio no abysmo da mais negra dôr!...

Foi d'esse enleio n'um ditoso instante,
Que eu delirante (nem pensava então!)
Absorto a vêr-te, por te vêr perdido,
Fiz-te um pedido... tu disseste:—«Não!»

Justo castigo!... Com razão condemnas!...
N'um—sim—apenas, prometteste amar;
E labios de anjo como os teus, Elvira,
Nunca a mentira poderá manchar!

Disseste:—«Eu amo-te», e essa voz sonora,
Dôce, inda agora, nos ouvidos meus,
Tinha a harmonia d'uma voz divina,
Que ao mundo ensina viva crença em Deus!

Disse-te louco:—Minha Elvira, jura!...
E essa alma pura vi soltar-se em ais.
Cego, eu não via no feliz momento
Que um juramento não valia mais!...

Ah! não, não jures!... que eu não quero tanto,
Dil-o este pranto, que o remorso traz.
Eu sei que um voto que fizeste um dia,
Dar-me devia venturosa paz!...

Eu creio!... Eu creio n'esse amor ardente;
Por ti, sómente, saberei soffrer...
Se um dia a sorte me roubar o gozo,
Longe, saudoso, saberei morrer!

AMOR ETERNO

> Dar-te-hei minh'alma: lá m'a tens roubada;
> Não t'a demandarei: dá-me por ella
> Uma só volta de olhos descuidada...
>
> CAMÕES. — *Ecloga XII.*

É noite! Silencio tudo!
Tudo é triste, e escuro, aqui.
Na escuridão, triste e mudo,
Vélo, choro e penso em ti!

Penso em ti, Elvira amada...
Bate forte o coração,
E ao som de cada pancada
Caminha um passo a paixão!

Caminha ávante... e, na guerra,
Fôra tremendo o meu fim,
Se Deus no céo, tu na terra,
Não velassem já por mim!

Tua imagem vaporosa
Vagueia ante os olhos meus,
E ao vel-a assim, tão formosa,
Eu adoro-a, e creio em Deus!

Creio em Deus, que és obra sua,
Seu poder vens attestar:
—Vejo a pallidez da lua
Nas tuas faces brilhar!...

Encanta-me a luz tão bella
Que d'esses teus olhos vem;
Luz, que tem nos céos a estrella,
Na terra tu, mais ninguem!...

Em teus labios eu diviso
Da rosa o botão a abrir,
Quando, abrindo n'um sorriso,
Se abrem os meus a sorrir.

Ouço a tua voz cadente,
Dôce voz que me prendeu,
Voz que o céo te deu, sómente
Porque aos mais anjos a deu!

Tudo em ti é peregrino!...
Enganar-se a alma não quer
Ao vêr um toque divino
N'esse vulto de mulher!...

Olho... pasmo... tremo e scismo...
E ao pensar no que tu és,
Vem luz do céo, e no abysmo
Cáio... rojando a teus pés!...

Penso, então, n'este amor puro
Que sinto... que te inspirei...
Vejo negro o meu futuro...
Se és mais feliz... nem eu sei!...

Ai... não!... se amas... se és sensivel
Embarga-te o mundo a voz...
Que uma palavra: «Impossivel!»
Altiva se ergue entre nós!...

Mas essa voz é do mundo,
Do mundo este amor não é;
Se aquella punge tão fundo,
Este vive pela fé!

Amor sem sombra de crime,
Se na terra o julgam mal,
A crença o torna sublime,
Porque a pureza é real.

Amo-te, candida Elvira,
Vivo d'este santo amor,
Embora o manche a mentira,
Embora eu succumba á dôr.

Hei-de amar-te! A vida incerta
Para amar-te a quero só;
Ha-de amar-te a alma liberta
Quando o corpo já fôr pó.

Até lá... soffro... e não temo
Meu destino fero e crú,
Porque adoro a Deus Supremo,
E o meu Deus na terra... és tu!

SONETO

Á EXC.ma SNR.a D. RITA DE CASSIA RODRIGUES

Calção, meia de sêda e casaquinha,
Reluzente sapato, com fivela,
Engraixado o cabello, que revela
Mais que os annos, talvez, sorte mesquinha;

Eis como eu fôra, por vontade minha,
A voz erguendo, na canção singela,
A virtude saudar, que altiva e bella
Em ti, da perfeição já se avisinha.

Mas, da banca de pinho aos pés atado,
Rabiscando papel, em quarto escuro,
O dia passo, e a noite, escravisado.

Mostrar-te iria meu affecto puro,
Se no *presente,* pelo mau *passado,*
Me não désse cuidados—*O Futuro.*

22 de maio de 1862.

SONETO

Á EXC.^{ma} SNR.^{a} D. RITA DE CASSIA RODRIGUES
NO DIA DOS SEUS ANNOS
EM 22 DE MAIO DE 1863

Não esperes ouvir de inculta lyra
Arrojos immortaes da phantasia.
Brilhe, embora, mentindo, a poesia,
Jámais eu prestarei culto á mentira.

Grato, o meu coração hoje me inspira,
E inspiração que applaude a razão fria;
Que ao despontar da aurora d'este dia
Um astro amigo para mim surgia!

Esse astro meigo és tu, e o canto rude,
Se pelas galas da dicção não brilha,
Dá-lhe o assumpto o fulgor, que não me illude.

Porque és, d'alma nos dotes, maravilha,
Porque és typo singelo da virtude,
Porque és de excelsos paes excelsa filha!

PEDIDO

Como o infeliz que, retido
Em fria, escura prisão,
Ao céo pede commovido
Que um raio de luz, descido,
Lhe afugente a escuridão;
Assim eu, anjo adorado,
Triste, de ti separado,
Da ausencia curvado á dôr,
Peço que em teus olhos desça,
Que em minha alma resplandeça
Meiga, a luz do teu amor!

Choro por ti, e já lassos
Os meus olhos de chorar,
Se escuto o som dos teus passos,
Enxugam-se os olhos baços;
Ergo a cabeça, a escutar.
Desprendes a voz maviosa,
E a torrente harmoniosa
Dôcemente sinto em mim;
Porque brota a meiga esperança
De vêr á mágoa a mudança,
De vêr ao tormento o fim!

E dirás tu que em minha alma
Menos agro fôra o mal,
Se a paixão fôra mais calma,
Sem ardôr, sem ancia tal?...
Dirás, sim, porque és tão pura,
Em ti ha tanta candura
Que em mulher inda a não vi;
Nem pensas que o sentimento
Mais brando, sem soffrimento,
Não era digno de ti!

Quero chorar, e saudoso,
Sem te escutar, sem te vêr,
Vertendo pranto amargoso,
Sentir angustias, soffrer;
Só assim, anjo que adoro,
Posso ao teu amor, que imploro,
Ou cedo ou tarde, ter jus.
Só assim vida medonha
Posso vêr inda risonha
Pela tua dôce luz.

SEMPRE!

N'este retiro amargoso,
Sempre em ti meu pensamento,
Sempre a tua imagem n'alma;
Se o pranto corre saudoso,
Tem doçura o soffrimento,
D'amor a mágoa se acalma.

Do coração ao martyrio,
Que a paixão louca exaspera,
Vem oppôr-se a razão forte;
Que viver triste é delirio
Quem de ti o céo espera,
Quem teve de amar-te a sorte.

Sobre o mar encapellado,
Já perdido o viajante
Na tempestade horrorosa,
Revive, se o céo nublado
Se descobre, e radiante
Mostra a nuvem côr de rosa.

*

Assim d'amor na tormenta
Eu via negro o horisonte,
Certa a morte além já via.
Forte a procella rebenta,
Eu vacillo, e erguendo a fronte
Reparo que o céo se abria.

Foi-me propicia a procella;
Vi que a protecção celeste
Para mim já se voltava.
Descias, imagem bella,
Tornar-me á vida vieste,
Que era Deus quem te mandava!

Ergui-me, vi-te, e enlevado
Nos teus encantos mimosos,
Longo tempo eis-me suspenso;
E a teus pés, anjo adorado,
Curvei-me, d'olhos chorosos,
Jurando-te amor immenso!

Hoje é tua a minha vida,
Que só por ti foi guardada,
Que para ti a alimento;
Sustenta-a d'amor, querida,
Cumpres a missão sagrada,
Eu cumpro o meu juramento.

VENUS E ACHÊO

Á EXC.ma SNR.a D. ***, E AO EXC.mo SNR. ***

Achêo. — Em teus labios o meigo sorriso
Faz minha alma d'amor delirar;
E se sonho, ou se vélo, indeciso,
Eu não posso, não sei atinar.

Venus. — O sorriso em meus labios brincando,
É risada por dentro que eu dou.
Desgraçado! Se velas sonhando,
É que o siso de ti se afastou!

Achêo. — De teus olhos a luz, que me abala,
Me incendeia nas chammas d'amor;
E em delirios a fronte me estala,
Quando o peito me anceia na dôr.

Venus. — Eu não sei como à luz te incendeia,
Que de phosphoro a essencia não tem;
Mas á fronte que estala, e te anceia,
Capacete de gelo faz bem.

Achêo. — Quando se abrem teus labios de rosa,
Já começa meu peito a sentir;
Mas se soltas a voz maviosa,
Julgo os anjos celestes ouvir.

Venus. — És na terra alimaria tão rara,
Que não descem os anjos aqui.
Déssem-me azas, que aos céos eu voára,
Só por vêr-me bem longe de ti.

Achêo. — És cruel, insensivel, ingrata,
Não tens alma, não tens coração;
A paixão me enlouquece e me mata,
E tu zombas da minha paixão.

Venus. — Coitadinho! Bem sei que padeces,
Mas milagres não posso já crêr;
E se tu, por amor, enlouqueces,
Tambem póde um defunto morrer.

Achêo. — Ai! Vem dar-me d'amor o soccorro,
Se um dragão, se uma fera não és;
Se me dás só desprezos, eu morro;
Um cadaver serei a teus pés.

Venus. — Meu amor a ninguem eu consagro,
Tambem tu meu amor não terás;
Mas não queiras morrer, que estás magro,
Sarrabulho que preste, não dás.

Achêo. — Já me queima o veneno excitante
Com que pagas affectos só meus:
Venus. — Bebe azeite, recorre ao purgante...
Achêo. — Vou morrer... vou morrer...
Venus. — Pois adeus!

ONZE DE AGOSTO

> Olhos, que Venus para si deseja,
> Olhos que adoro, o que inspiraste, lède.
>
> BOCAGE.

Minha Elvira!
Um desgraçado
Passára uma noite escura
Em tristezas engolfado,
Sem crença na luz futura,
Chorando o negro passado,
Vendo mais negro o presente,
De tudo o que é bello ausente,
De mágoas, só, povoado!...

Já tarde, ao fugir a noite,
Inda cedo ao vir o dia;
Quando no topo da serra,
Da verdura o brando açoite,
A neve, bella, mas fria,
Deixando o céo pela terra,
Já, tão alva, reluzia,
Pállida estrella, formosa,
Meiga como a branca rosa,

E pura como a açucena,
Refulgiu lá no horisonte
Espargindo a luz serena!...

Então, no seio do monte
Que a neve já branqueava,
Rebentou a chamma ardente,
Mais ardente do que a lava
Que do volcão onde estava
Se espalha em ignea corrente.

É d'amor a chamma pura
Que ao gelo se não rendeu,
Que da neve não fugira.
— O desgraçado sou eu,
Minha vida a noite escura,
A estrella és tu, minha Elvira!

E eu amava-te em segredo
Desde o dia em que te vira.
—Chorava, porque mais cedo
No mundo não te encontrára!...
Ai!... triste... mal eu pensára
Que essa alma, candida e pura,
Cheia d'amor e poesia,
Só me não dava a ventura
Porque... dar-m'a não podia!...

N'este viver d'amargura
Fugia o tempo... fugia...
Ficava a paixão... ficava...

Até que a morte viria
Cortar a dôr... e cortava...
Que além da campa não ia...
Mas segue a noite ao sol posto...
Vem depois o claro dia...
. . . .
. . . .

Era uma tarde d'agosto,
Tarde amena, mas sombria.
—Na pallidez do teu rosto
Meus tristes olhos pousados...
Só Deus sabe o que eu sentia
Quando os sentia molhados!...

Um dôce olhar me lançaste
Em que a ternura se via...
Ai... Elvira... que mataste
Quem só por ti já vivia!...
—O silencio então cortamos...
Subiu-te á face o rubor...
Fallaste... fallei... fallamos...
Dissemos ambos—amor!...

E que amor!... E que tristeza
D'este amor já tem nascido!...
—Adorar-te, e... vêr-te presa...
Vêr meu futuro perdido!...
Vêr-te chorar de ternura
Quando me vês succumbido...
É lêr a iniqua sentença
De uma vida d'amargura!...

É quasi perder a crença,
Dizer adeus á ventura,
Que a terra só dá — se existe —
Quando cahe na sepultura!...

Inda bem, que esta alma triste,
Quando á mágoa não resiste,
Póde aqui chorar comtigo!
—Infeliz, sem outro abrigo,
Tambem pódes tu chorar,
Dando brilho aos teus encantos
—Se inda mais podem brilhar—
Sobre este livro de prantos,
Que de um triste amor nasceu!...
Quero dar-t'o, anjo adorado,
É por ti, só, inspirado,
Elvira, guarda-o, que é teu!...

SONETO

> No silencio do amor e ventura
> Adorando-te, oh filha dos céos,
> Eu direi ao Senhor: «Tu m'a déste:
> Em ti creio por ella, oh meu Deus!»
>
> A. HERCULANO. — *A Felicidade.*

Deixa-me contemplar-te um só momento!
Nos olhos, que expressão tens de ternura!
Na pallidez da face, que doçura!
Que fronte, annunciadora do talento!

Quanto é meigo, da voz o brando accento!
No sorriso, que indicios de candura!
Como em tudo revelas, alma pura,
Um coração aberto ao sentimento!

E como bate o meu, de prazer cheio,
Se em momentos d'amor, que valem annos,
O fazes palpitar junto ao teu seio!

Eu esqueço, por ti, gozos mundanos!
Eu creio, por ti só, como em Deus creio,
Na existencia de um anjo entre os humanos!

SONETO

Á EXC.^ma SNR.^a BARONEZA DE TAQUARY
NO DIA DOS SEUS ANNOS
EM 19 DE OUTUBRO DE 1860

D'arvore annosa o tronco, inda frondoso,
Nas folhas ostentando os seus verdores,
De florinhas cercado, de mil côres,
É grato aos olhos, suavisa o gozo.

O mundo, attento sempre ao que é vistoso,
Goza os perfumes, elogia as flôres;
Mas passa o camponez, vê taes primores,
E á raiz curva a fronte, respeitoso.

Tu, que és, senhora, o tronco venerando,
Vês hoje florescente o dôce effeito
Dos renovos que á terra foste dando.

És da virtude o typo mais perfeito,
E, em premio d'esse dom, te está cercando
Amor ardente, adoração, respeito.

SUPPLICA

Que ás vezes póde mais que a força grave,
Um pedir brando, e um rogar suave.

G. P. DE CASTRO. — *Ulyssea.*

Anjo! Pára!... Attende!... Escuta!...
Vêr-te quero tal qual és!
Esta face, outr'ora enxuta,
Humida, roja a teus pés!...
Minha Elvira, escuta agora
D'um infeliz, que te adora,
Triste supplica de amor.
Tu, modêlo de ternura,
Apontaste-me a ventura,
Não me entregues hoje á dôr!

Tu sabes quanto eu padeço;
Já dos teus labios o ouvi:
Tu déste ás mágoas apreço
De quem vive só por ti.
Ao coração, quasi morto,
Tu vieste dar conforto,
Devo-te a vida, meu bem!
Ai... sustenta-a, porque é tua.
Não queiras que se destrua
O que é teu; — de mais ninguem!

Sei que soffres, noite e dia;
Como tu martyr eu sou...
No martyrio ha sympathia,
Foi ella que nos ligou.
Ligou-nos por toda a vida,
E eu não quero vêr partida
A forte, dôce prisão;
Que se a partissem, oh bella,
Partias, junto com ella,
Este pobre coração!

Mata-me o negro receio,
Não é vida a vida assim,
Dá-me a certeza, que anceio,
De que vives para mim!
Dize-o uma vez, linda Elvira;
Quem, louco, por ti delira,
Do mundo mais nada quer.
Jura que has-de ter firmeza:
Fez-te um anjo a natureza,
Não queiras tu ser mulher!

SOLIDÃO

> Ah! Não me roubou tudo a negra sorte;
> Inda tenho este abrigo, inda me resta
> O pranto, a queixa, a solidão, e a morte.
>
> BOCAGE.

Apraz-me a solidão quando, saudoso,
Deslembrado do mundo, em noite amena,
Fitando os olhos meus no céo risonho,
Penso em ti, só em ti, candida Elvira,
E sinto deslisar na face triste
Lagrima ardente, que a saudade gera!

Alli sou eu feliz!... grato silencio
Não quebra o susurrar d'ignaras turbas,
E a lua tenho, só, por testemunha,
Que lá do throno seu, radiosa e bella,
Dôce, pallida luz, na varzea esparge!
Em extasi a contemplo... em mago enlevo
Comparo o seu fulgor ao de teus olhos,
E o astro melancolico da noite,
Qual se lêsse nos meus o pensamento
Que altivo me domina a mente oppressa,
Invejoso, talvez, augmenta o brilho!...

Mas seu fulgor que importa, se não vence
Dos meigos olhos teus a expressão terna,
A doçura de amor, a luz suave,
Que esta alma illuminou, dando-lhe a vida,
As trevas dissipando em que jazia!...

Por teus olhos vencida, a casta lua
Despeitada se envolve em manto escuro
Que o ciume teceu... e assim me rouba
A dôce embriaguez que me separa
Do mundo, meu rival, que eu só detesto
Porque és do mundo, Elvira, e não és minha!...

Como as nuvens, que á lua o brilho offuscam,
Sombras terrestres vem ante meus olhos
Seu negrume ostentar... escurecendo
O horisonte em que eu via a tua imagem!

Eis-me de novo entregue á dôr intensa,
Pesando todo o horror da desventura
Que me torna esta vida atroz supplicio!
Para que hei-de eu viver, se negro abysmo
Me separa de ti, anjo adorado?...
Para que hei-de eu viver?... Mas não, Elvira,
Eu quero o teu amor... quero que brilhes
Na noite d'esta vida que é só tua,
Como a estrella, que é bella, inda entre nuvens...

Dize mais uma vez que em mim só pensas,
Que a saudade, por mim, te mata ao longe;
Dize-o, mais uma vez, e a mágoa extrema

Que padeço, por ti, será ventura!
Espera, Elvira, que o teu nome caro
Possa do coração subir-me aos labios
N'um extasi de amor!... Ouve os protestos
Mil vezes, a teus pés, já repetidos!

Dá-me inda a tua mão... prende-a na minha...
Quero laval-a com meu pranto amargo,
Separar-me, depois, e ao longe, triste,
Da saudade soffrer dôce martyrio!

NÃO RECEIES!

Ha-de estar firme, inda que o tempo corra,
Ha-de viver, inda que o tempo morra.
G. P. DE CASTRO. — *Ulyssea* — canto IV.

Receias, Elvira, que a pállida lua,
Que meiga, fluctúa
Nos campos do céo,
Na terra se esconda, fugindo, assustada,
Da nuvem pesada
Furtando-se ao véo?...

Receias que a estrella, que d'alto se mira
No lago, onde vira
Seu rosto fulgir,
Sentindo, vaidosa, desejo fervente,
No lago dormente
Se deixe cahir?

Receias que o vérme, que a rastos caminha,
Que a sorte mesquinha
Não póde trocar,

*

D'essencia mudando, pretenda atrevido,
D'um astro descido
Subir ao lúgar?

Receias que as aguas do placido rio
Fatal desafio
Pretendam mover,
Batendo outras aguas, mais fortes, salgadas,
Que, em sêde abrazadas,
As querem beber?

Bem sei, não receias; — bem sabes que a lua,
Que imagem é tua
Na dôce estação,
Que a estrella, que o vérme, que as aguas correntes,
São meros agentes
De provida mão.

Pois olha, meu anjo, — não sei se blasphemo,
Se o Ente Supremo
Condemna este ardôr;
Será só delirio; mas creio, e até juro,
Que está mais seguro
Meu férvido amor.

Á EXC.ma SNR.a D. RITA DE CASSIA RODRIGUES

EM 22 DE MAIO DE 1863

Erguem nos campos innocentes aves
Cantos suaves, ao raiar da luz,
Da voz cadente o natural gorgeio,
Em dôce enleio, corações seduz.

Na estação meiga, quando surge a aurora,
Mimos de Flora festejal-a vem.
Dão quanto podem as mimosas flôres,
Arômas, côres, que mais nada tem.

Debil infante, que inda nada abala,
Que só tem falla quando solta os ais,
Da mãi nos braços, mas sem voz nem siso,
Dá-lhe um sorriso, que não póde mais.

Nem, como as aves, eu descanto amores,
Nem, como as flôres, embalsamo o ar,
Nem, como o infante, meigo riso tenho,
Nem faz o engenho o coração fallar.

E fallo, e canto, do triumpho certo;
—Qual n'um deserto, descampado e nú—
Sóbe aos meus labios quanto o peito envia,
Porque é teu dia—porque o thema és tu!

SONETO

Se fito os olhos meus, amortecidos,
N'essa fronte expressiva, e tão formosa,
Volves logo teus olhos, desdenhosa,
Ao largo espaço, a divagar perdidos.

Presos na dôce luz, vão-me os sentidos;
Mas se te afastas, caminhando airosa,
Segue-te a sombra a vista sequiosa,
Retumba o som do passo em meus ouvidos.

E se um sorriso soltas de repente,
Não sei se ha n'elle amor, que me conforte,
Ou se a ironia vem, que me atormente.

E, assim, fica indecisa a minha sorte.
De ti, que a minha vida hoje és sómente,
Eu receio que venha em breve a morte.

SONETO

Passei dias sem fim de amargas dôres,
Longas noites de insomnia tormentosa;
Desvairada a razão, febre teimosa
Me pintava, em visões, crueis horrores!

Era tudo, ante mim, de negras côres,
Só via a paz na campa, bonançosa,
Quando escutei a tua voz maviosa,
Quando em teus olhos vi novos amores!

Ergui-me, e preso em amoroso enleio,
Por teus dôces encantos fascinado,
Senti louca paixão ferver no seio.

Hoje, mais do que fui, sou desgraçado:
Sinto de te perder fatal receio,
Nem morrendo por ti serei chorado!

SONETO

Tu não sabes, Ismenia, a que tormento
Me condemna a paixão que nutro n'alma!
Aos brados da consciencia não se acalma,
Sujeital-a á razão debalde tento!

Se, alguma vez, no rosto macillento
Vês do brando socego a dôce calma,
N'esses instantes, do martyrio a palma
Dentro em meu coração acha alimento!

Minha unica ambição, é ser amado;
Meu unico receio, é ser trahido;
Faz-me a duvida atroz ser desgraçado!

Ismenia, se este amor, nunca excedido,
Ha-de pela traição vêr-se manchado,
Ai! mata quem por ti só tem vivido!

A UMA ESTRELLA

Com mil idéas na mente,
N'alma sinto immenso ardor;
Ora triste, ora contente,
Junta-se ao prazer a dôr;
Mas pensando em ti, sómente,
Sempre tu, sempre este amor!

Este amor, que é minha vida,
Que é meu inferno e meu céo;
Céo, se meiga e commovida,
Ergues o mundano véo;
Inferno se, resentida,
És tu juiz, e eu sou réo!

Sou ditoso, quando fitas
Teus bellos olhos em mim,
Sou infeliz, se meditas,
Se és triste;—que ao vêr-te assim,
Vejo em tua face escriptas
Sentenças que me dão fim!

Podem ser malditos sonhos,
Póde ser negra illusão,
Mas pensamentos medonhos

Me dão luto ao coração,
E só teus labios risonhos
Vem acalmar-me a paixão!

Move o pranto em que me inundo,
De perder-te a idéa atroz;
Que este amor é tão profundo,
Que eu vivo com elle a sós;
Deixo tudo, esqueço o mundo,
Se te escuto a dôce voz!

Genio fero, orgulho altivo,
Deponho tudo a teus pés;
Mato o receio em que vivo
Quando sonho algum revés,
Que eu só quero ser captivo
D'um anjo, como tu és!

Essa é minha liberdade,
Que do mundo escravo sou.
De ti ausente, a saudade
Vai commigo aonde eu vou.
Dôce amor, funda amizade,
A vida, tudo te dou!

Sê, meu anjo, o meu abrigo,
Que outro já não quero aqui.
És tu a estrella que eu sigo,
A estrella que me sorri.
—«Um céo na terra comtigo,
«Loucura ou morte, sem ti!—»

FABULA

O MENINO E A CABAÇA

Certo pintor conhecido
Tinha um filho, inda criança,
Seu engodo, seu sentido,
Seu prazer, sua lembrança.

Do tal pequerrucho o tino
Era (e fica declarado)
O que tem todo o menino
Pelos paes avaliado.

E o pintor, espirituoso,
Que do genio tinha o brilho,
Era só pai extremoso
Quando fallava do filho.

Empregando engenho e siso,
Bom gosto, finura e graça,
Consummiu tempo preciso
A pintar uma cabaça!

Sem pensar que era em tal obra
O emprego d'arte um desdouro,
Tendo talento de sobra
Fez da cabaça um thesouro.

Os que o julgarem demente
Mettam a falla no bucho,
E saibam que era um presente
Para o lindo pequerrucho.

Com a cabaça encantado,
Louco, o filho, d'alegria,
Tinha-a na mão, acordado,
Ao lado, quando dormia.

N'um dia em que, distrahido,
Sobre uma mesa a impellira,
Fez-lhe impressão o ruido
Que dentro do *lindo* ouvira.

A idéa que na impaciencia,
O assaltára de improviso,
É nos ricos — innocencia,
Nos pobres — falta de siso!

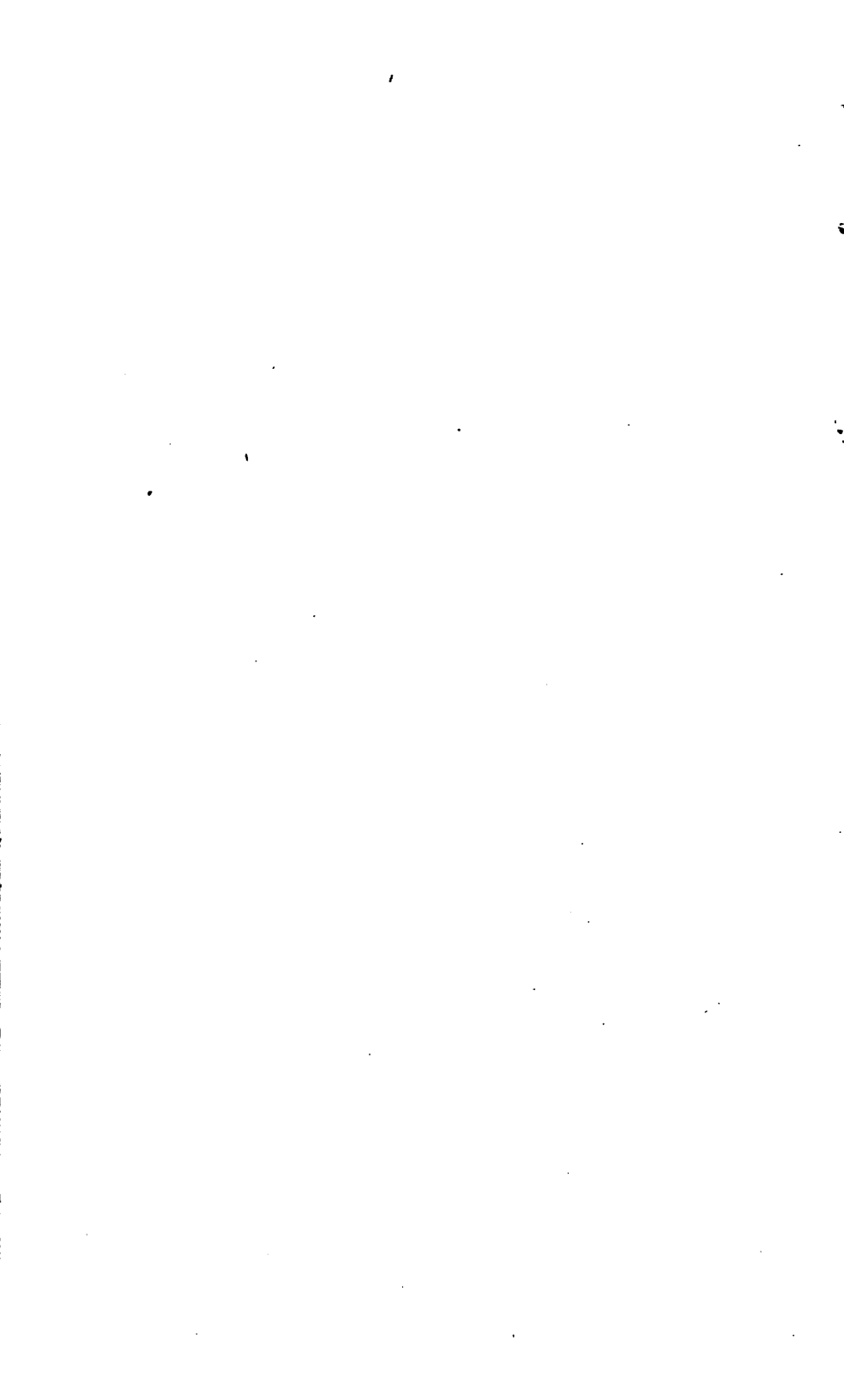
Quer saber a causa incerta,
A quebral-a se decide,
Contra o peito seu a aperta,
E o que encontra? — uma pevide!

Que houveram lagrimas, dôres,
O dizel-o é escusado:
—Sabei só, caros leitores,
Que já tudo está calado.

Se uma moça namorardes,
Formosa, cheia de graça,
E tão bonita a julgardes
Como era bella a cabaça;

Se fôr d'estas douradinhas,
Loucas escravas da moda,
Com recortes e fitinhas
Na saia de immensa roda;

Andai com ella com geito,
Não seja amor atrevido;
Que se a apertaes contra o peito
Ficará tudo perdido!

Achareis—ninguem duvide—
Quando a bola se desfaça,
Inda menos que a pevide
Em relação á cabaça.»

VERSOS

Á EXC.ma SNR.a BARONEZA DE TAQUARY
NO SEU ANNIVERSARIO
EM 19 DE OUTUBRO DE 1864

Era um pequeno mundo, perfumado
De quanto aroma exhalam meigas flôres.
Respirava-se um ar embalsamado
Pelas candidas rosas, e os amores.
Brilhava *um astro* alli, desassombrado,
Espargindo suaves esplendores.
Era pallida a luz, mas, peregrina,
Tinha quasi o fulgor da luz divina!

Em cuidados a mente distrahida,
Do trabalho diurno os membros lassos,
Aquelle povo, na mundana lida,
Tinha o *astro* por guia de seus passos.
D'elle vinha o calor preciso á vida,
D'elle os gozos, na terra sempre escassos.
Era *o astro,* risonho e tão jucundo,
Sustento, amor e luz d'aquelle mundo!

Sem um instante só d'esquecimento,
Sem já se distinguir noite nem dia,
Alimento da vida, o sentimento
Tornou-se, em vez de amor, idolatria:
Mas dava Deus *ao astro* o luzimento,
Que d'elle adoração ao céo subia,
E se acaso um estranho alli passava
Ao *idolo*, entre o povo, ajoelhava!

Um dia, nuvem negra vem pairando;
D'aquelle *astro* adorado está já perto.
Vai-se o fulgor immenso dissipando,
Em lampejos só fulge o brilho incerto;
D'aquelle mundo a luz vai-se afastando,
Ninguem sabe se é mundo, se é deserto,
E, de pasmo tomado, o povo scisma,
No terror que só vê do cataclysma!

Acorda, cahe nos braços da sciencia,
A sciencia emmudece, o povo é mudo,
Que só póde vencer tal eminencia,
E ir a nuvem romper mais forte escudo.
Resta, apenas, de Deus omnipotencia,
Que é d'homens a sciencia, e Deus é tudo.
Ajoelha, submisso, o triste povo,
E na oração encontra alento novo!

« Um milagre, Senhor! a crença ardente
« Com que o vosso poder sempre aderamos,
« Venha um prodigio, mais, tornal-a ingente,
« Em nosso coração que hoje vos damos.
« Que venha d'*aquelle astro* a luz fulgente

«Quebrar a escuridão em que choramos!
«Um milagre, Senhor! Dai-nos a vida,
«Que sem tão dôce luz será perdida!»

E á terra vem provar divina graça
Que lá chegou ao céo a ardente prece;
A nuvem, pouco a pouco, se adelgaça,
Dos raios o calor já nos aquece;
Deus de novo repete: «A luz se faça»
E *o astro,* á voz de Deus, reapparece!
Vêde-o, fulgindo alli! Hoje é seu dia!
Juremos-lhe, de novo, idolatria!

INTIMAÇÃO

(VERSOS PARA UMA MENINA RECITAR A SEU PAI)

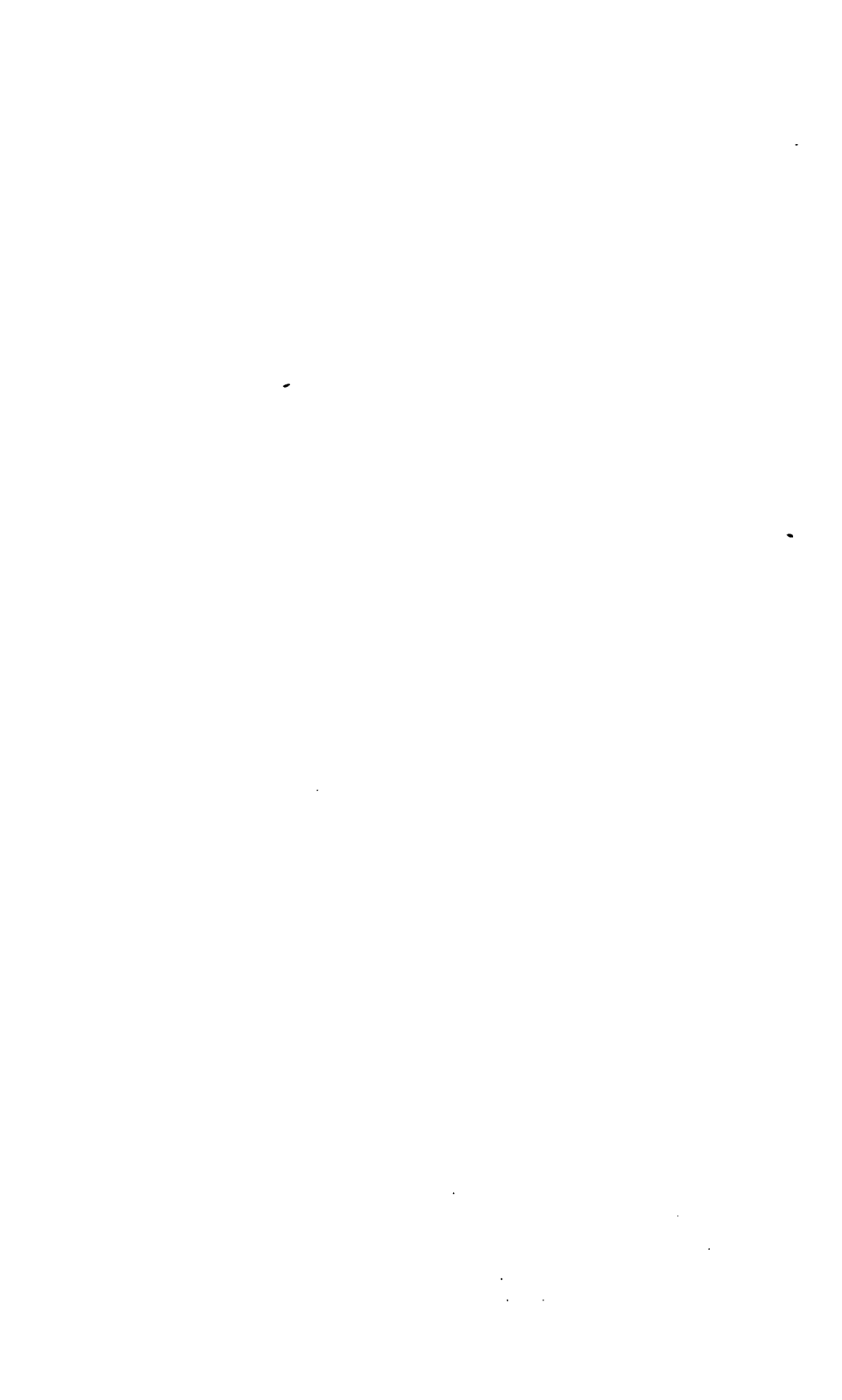
Meu papai, tenha paciencia,
Mande sangrar a algibeira;
Preciso de uma *excellencia,*
Quero ser commendadeira.
Deus não quiz fazer sómente
Do mundo os homens senhores;
Nós apenas somos gente,
E elles são commendadores.

Isto, papai, não tem geito,
Não vai bem o mundo assim;
Tanta falta de respeito
É mister que tenha fim.
Tem papai quatro commendas,
E vejo-o sempre em contendas,
Porque um visinho tem seis.
E a sua filha, coitada,
Não tem commenda, nem nada,
Por causa de trinta reis.

Eu já sei que papai trata
De casar-me, e é bem preciso;
Mas assim, tão lisa e chata,
Só marido chato e liso.
Eu tenho *nobreza*—em saias—
E—nas calças—tenho *renda;*
Faltam no dote as alfaias,
E é rica alfaia a commenda.

Sou cantora de alta monta,
No piano, sem rival,
Canto o *Orpheu* de ponta a ponta,
Toco o hymno nacional.
Sem picar as mãos na agulha,
Na educação faço bulha,
Tudo o que é bello aprendi.
Estudando as linguas vivas,
Domino-as como captivas,
Digo—*yes*—e digo *oui*.

Commendas não se consomem,
Riquezas botam-se fóra,
E commendador—e homem—
São synonymos agora.
De Deus a lei nos ensina
Dos dous sexos a tendencia;
Commenda só masculina
Não póde ter descendencia.

Se um rasgo de bom juizo
Commenda macha nos deu,
Commenda femea é preciso,
Que propaga o que nasceu.
Manda assim a natureza:
O marquez tem a marqueza,
Tem baroneza o barão;
Seja assim na terra inteira;
Quero ser commendadeira
Da *Ordem da Creação.*

AMO-TE MUITO

> **A ventura é ter um seio**
> **A que o nosso, sem receio,**
> **A pender por dôce enleio**
> **Revele as mágoas e a dôr;**
> **A ventura é ter desejos,**
> **E matal-os com mil beijos;**
> **A ventura é ter a vida**
> **Ao dôce affecto rendida:**
> **A ventura é ter amor.**
>
> **A. X. R. Cordeiro. — *A Ventura.***

Amo-te muito! — me disseste, Elvira,
Com voz que a lyra não traduz aqui!
Amo-te muito! — repetiste ainda,
E a face linda descorar-te eu vi!

De puro jaspe vigorosos laços
Eram teus braços, a prender-me então;
Cedendo ao peso de um amor immenso,
Quasi suspenso, quiz fallar-te... em vão!...

Eras a folha, quando sahe viçosa
De arvore annosa, carcomida já,
Sêcca, mirrada, porque a seiva escassa
Na vida passa, que á folhinha dá!

Eras a lua, que de luz nos banha,
Ante a montanha que se eleva ao céo,
Quando, surgindo n'uma tarde estiva,
Não póde altiva fulgurar sem véo!

Eras um anjo na columna preso,
Que estranha ao peso se conserva em pé.
Dir-se-hia, Elvira, se um momento arfavas,
Que ao céo tentavas elevar-me até!

Um ai soltaste de pezar amargo.
D'esse lethargo despertei n'um ai:
E o som, casado, para o céo fugira,
Qual som da lyra, que a gemer se esvai!

Vi-te, meu anjo!—sobre a face bella,
Céo que revela quanto póde um Deus,
Perola pura se gerava... encanto
Do mar de pranto d'esses olhos teus!

Lagrimas tristes, deslisando em fio,
Senti, n'um rio, para o mar correr.
Ai!... quem me dera, n'esse engano d'alma,
Colhida a palma, delirar... morrer!...

Morrer... não quero... porque a vida é pura
Quando a ternura nos eleva assim;
Não quero a morte, que me inspira medo,
Vêr, tarde ou cedo, da ventura o fim!...

Quizera, Elvira, n'este ardor profundo,
Deixar o mundo, terminar a dôr;
Fugir comtigo n'um eterno abraço,
Correr o espaço, repetindo:—amor!...

NOITE ESCURA!

> A muda solidão que me circumda,
> Todo me alheia o espirito, e desterra
> Bulicio insano do inquieto mundo
> Que fujo, e que me enfada.
>
> José Maria da Costa e Silva. — *Ode XXX.*

É triste a noite assim!
Pesada nuvem,
Qual véo, que á virgem bella o rosto occulta,
Encobre o meigo azul do firmamento,
Onde em placida noite os astros fulgem!
Trémula espreita só de espaço a espaço,
Pállida estrella que brilhante fôra
Se livre despàrgisse a luz serena!...

Dorme em somno profundo a natureza.
Tudo repousa em sepulchral silencio;
Só eu, no manto da tristeza envolto,
Ralado o coração de negras mágoas,
Vélo... medito... soluçando apenas,
Que o peito, já cançado, aos ais se nega!...

Parece o mundo magestoso templo,
Quando, forrado de funereos crepes,
Quebrada a escuridão por luz incerta
Que espalha, a crepitar, lampada triste,
Sem vida, inerte e frio, um corpo asyla,

Que involucro já foi d'alma captiva,
Pelo Eterno chamada á liberdade,
E insensivel espera o seu destino
De ir na campa servir de pasto aos vermes!

É triste a noite assim;—mas a tristeza
É grata ao infeliz, da mágoa oppresso!

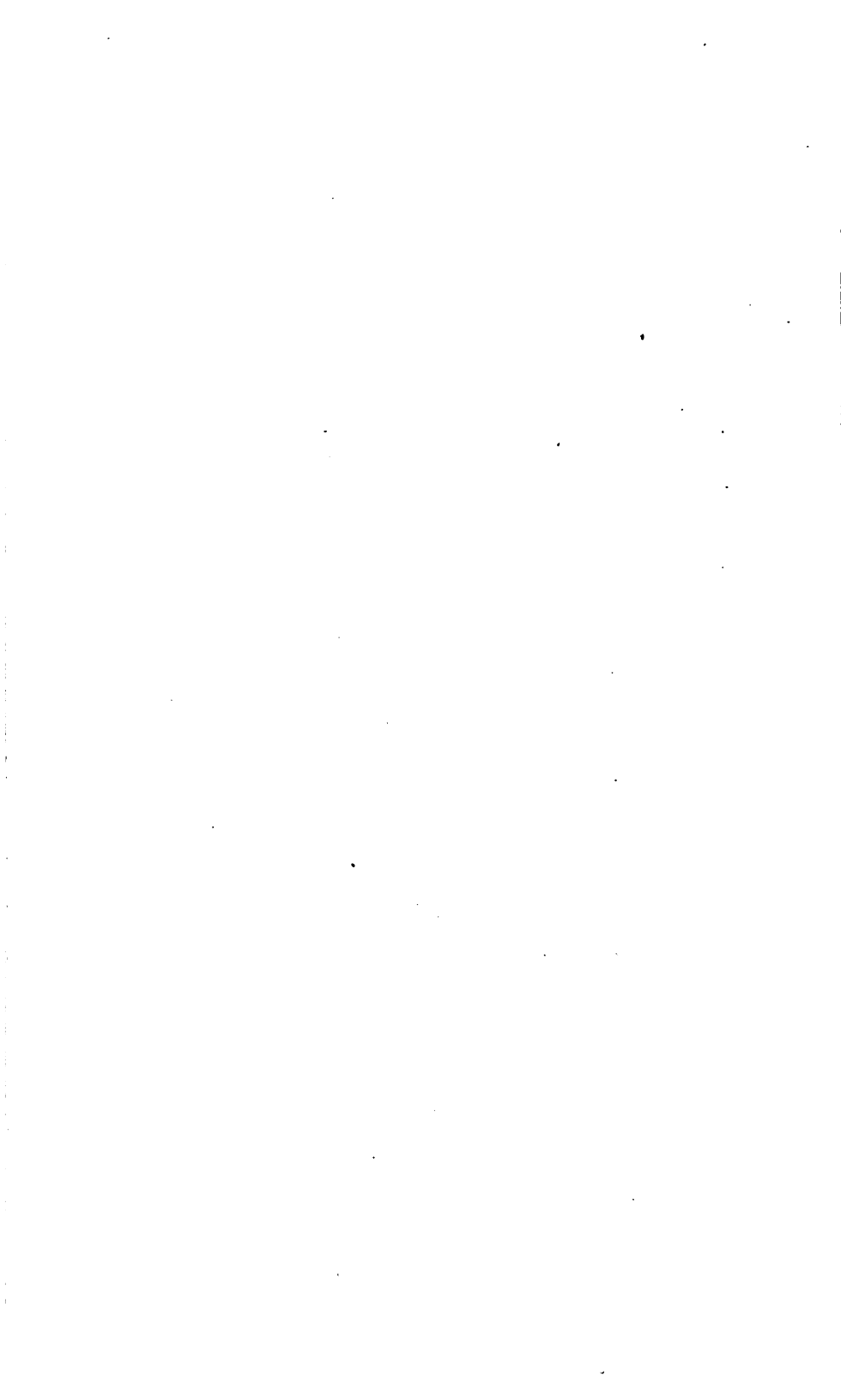
Que importa a luz do sol, brilhante e pura,
Quando a nuvem sombria o peito enluta,
Porque n'alma braveja a tempestade,
Chove na face copioso pranto,
Roucos trovejam ais, e sahe dos olhos
O raio, a fuzilar, do desespero!

Que importa a luz do sol, que o mundo cega,
Ao que triste... abatido... a vista frouxa...
Já farto de gemer, sempre debalde,
Em soluços a dôr sómente exprime?!...

Que importa a luz do sol, vivificante,
Se a vida me não dá, já quasi extincta,
Pelo fogo de amor... pela saudade?...
Se eu não posso, fugindo ao raio ardente,
Buscar a habitação da minha Elvira,
E matar este ardor que me devora,
Sorvendo o pranto seu na face linda!...
Antes a noite assim... triste... sombria...
Negro manto, encobrindo a desventura,
Furtando-a ao motejar da turba insana!...

A meus olhos, sem ti, o mundo em galas
É um cahos de horror, que me entristece...
Faz-me alheio prazer mais desgraçado!...

Não quero vêr-te, na apparencia alegre,
Alvo attrahente da fallaz lisonja,
Da vil adulação causa innocente!...
Não tolero que o mundo te profane,
Julgando-te mulher!... a ti... que és anjo...
E a mim só confiando o teu segredo,
Em plena adoração me vês prostrado!...

Apraz-me a noite assim... porque, sósinho,
Livre do peso de mundanas vistas,
Posso vêr no horisonte a imagem tua,
E adoral-a submisso qual te adoro
Se a meu lado te vejo um só instante!

SONETO

É triste, quando ruge o vento irado,
Vêr dos astros sumir-se a luz formosa;
E do arbusto que ostenta a linda rosa
Vêr o tronco mimoso ao chão curvado.

É triste vêr o mar que, socegado,
Ostentava a luzir face lustrosa,
Erguer-se, e á praia, em vaga furiosa,
O barquinho arrojar despedaçado.

É triste a escuridão, com seus horrores,
Quando, á furtiva luz, sombras errantes,
Negros phantasmas são, aterradores.

Mas dizem-me tormentos incessantes
Que é mais triste morrer por ti d'amores,
Sem ter do teu amor vivido instantes!

SONETO

N'estas faces não vês como a tristeza
Lança o pállido véo, de côr sombria?
N'estes olhos, que o pranto não vencia,
Não vês tão frouxa a luz, morta a viveza?

Não me fez tanto mal a natureza,
Nem de mim o vigor se despedia;
No rosto, diz a côr o que eu sentia,
Morreu a luz ao sopro da incerteza!

Tu, a quem voto adoração tão pura,
Por quem minha ventura é já perdida,
Não acordas aos brados da ternura.

E n'um leito de gelo adormecida,
Vendo aberta a meus pés a sepultura,
Nem me deixas morrer, nem me dás vida!

SONETO

Como a nuvem que assombra o rosto á lua
Enfraquece o valor ao navegante,
Assim turva minha alma, delirante,
A expressão do desdem na face tua.

Como a nuvem, se rapida fluctúa
Traz nova animação ao viajante,
Assim me afrouxa a dôr, se ao teu semblante
Volve a doçura de expressão, que é sua.

Mas se ao homem do mar volta a alegria,
Se o receio fugiu, da tempestade,
E vem, após linda noite, o bello dia:

Fica em meu coração a escuridade,
Que o sorriso que a mágoa me allivia,
Não é nuncio d'amor — diz só piedade!

DELIRIO

Que é o céo a patria nossa;
Que é o mundo exilio breve;
Que o morrer é cousa leve;
Que é principio, não é fim.

Que duas almas que se amaram
Vão lá ter nova existencia,
Confundidas n'uma essencia,
A de um novo cherubim.

A. Herculano. — *Mocidade e Morte.*

Porque me foges, Elvira,
Porque isolado me deixas,
Soltando amargosas queixas,
Filhas d'alma que delira?...
Onde estás, anjo adorado,
Que não vens, com mão piedosa,
D'esta face lacrimosa
Limpar o saudoso pranto,
Por te não vêr, derramado?
Tu não sabes que outro encanto
Não m'o dá ninguem na vida?
Não vês que a razão, perdida,
Mais não volta ao desgraçado
Que uma vez te viu sómente,
Se de ti é separado,
Sem que um teu meigo sorriso,
Revelando um céo interno,
Possa vir suavemente
Transportal-o d'este inferno
Aos gozos do paraiso?

*

E eu, que te vi, carinhosa,
Nos meus braços recostada,
Com a face melindrosa
Por meus labios escaldada,
Denunciando a chamma ardente
Pela côr bella da rosa
Sobre a pallidez pintada...

Eu, que senti dôcemente
Roçar-me pelos ouvidos
A palavra—amor—tremente,
Repetida entre gemidos,
No leve som confundida
Do roçar dos teus vestidos...
Quando a paixão te impellia,
Quando o pudor te afastava,
E a virtude só vencia,
Que a virtude eu adorava
N'um anjo que em ti só via...

Eu, que todos os sentidos
Em ti sómente empregava,
Porque estava a ti rendida
Esta alma, da tua escrava...
Que, cego, nem me lembrava
Que de perto nos ouviam,
E bebia os juramentos
Que os teus labios repetiam,
Quando, em férvidos momentos,
Sentindo, nos meus collados,
O fogo que me accendiam,
E por elles afinados,
Como dôces instrumentos

Uma só nota vibrando,
Amor... amor... só diziam...
Crescendo o som... dilatando
O gozo em que me prendiam...
Eu, que em rapidos instantes
Da terra longe me cria;
— Que enlevos tão palpitantes
Só no céo julguei que havia —
Que soube o que era a ventura
Porque tu, anjo, o disseste,
Quando em languida ternura
Cálido beijo me déste...
Que, á tristeza arrebatado,
Fui tão ditoso comtigo,
Hei-de em lagrimas banhado
Morrer aqui sem abrigo?...

Porque me foges, Elvira?
Porque isolado me deixas,
Soltando amargosas queixas,
Filhas d'alma, que delira?
Ah!... tu foges como a lua
Ao triste que se extasia,
Vendo a luz pállida sua,
Porque o cega a luz do dia,
Brilhante, mas inimiga
Da terna melancolia...
E a lua meiga e saudosa,
Da tristeza dôce amiga,
Só foge a quem a procura
Se negra nuvem teimosa,
Lhe rouba a luz, invejosa
Por não ter tanta doçura...

Perdão, Elvira adorada!
Só contra a sorte me queixo;
És infeliz, não culpada...
Deixas-me... como eu te deixo...
Deixo-te, e fico sósinho,
Em pranto banhado o rosto,
Porque esse mundo, mesquinho,
Apontando-te um caminho,
Me aponta o caminho opposto!
Obedeces... obedeço
Porque te adoro e me adoras;
Padeces, porque eu padeço,
E eu choro porque tu choras!...

Mas... que importa o louco mundo?
Que poder vês tu na terra,
Que a tanto amor faça guerra?...
Como póde, por mais fundo
Que rasgue, o ferro homicida
Em dous corações ligados,
Matar a paixão ardente,
Sem levar com elle a vida
De dous entes malfadados?!...

Embora!... Ao triste, que sente,
A vida assim é martyrio!...
Ai... Elvira!... que delirio
Da minha alma se apodera!...
N'este lance d'amargura,
Nem morrer eu já quizera,
Deixando-te aqui sósinha,
Anjo isolado, e sem culto,

Fechada n'esta clausura,
Onde o que é do céo definha;
Vendo na terra um insulto
Em cada phrase mesquinha,
Em cada acção decantada,
Em cada lei, que tortura
A paixão divinisada!

Sê minha na sepultura,
Já que em vida não és minha!
Se para nós a ventura
É sonho... sonho... e mais nada...
Foge! foge, Elvira amada!
Corre a encontrar-te commigo!
Prende-me em teus dôces braços,
Procuremos novo abrigo...
Sejam eternos os laços
D'este amor tão puro e santo;
Vamos sepultal-o, Elvira,
Lá no abysmo do oceano!
Ai... vamos, se pódes tanto,
Se te cança o desengano,
Se o desespero te inspira
A fuga ao mundo profano!...

Deus é grande, anjo adorado!
Deus perdôa ao suicida,
Se a seus pés não vai manchado,
Se infeliz só foi na vida!...

Vamos vêr se o céo clemente
Mais ameno abrigo encerra
Para este amor, tão ardente,
Tão desgraçado na terra!...

SONETO

Pobre, como nasci, pobre morrera,
Sem julgar-me infeliz pela pobreza;
Que, por alto favor da natureza,
Da ambição ao poder jámais cedera.

Do fastigio a illusão não conhecera,
Nem os sonhos fallazes da grandeza;
E na idade em que amor gera a tristeza,
A paz do coração nunca perdera.

Mas vi-te, e a minha sorte foi mudada,
Que d'amarga paixão senti o travo,
Sem poder-te mostrar se eras amada.

Quizera ser dos bravos o mais bravo,
Ter opulencia, gloria e fama honrada,
Depôr tudo a teus pés, ser teu escravo!

POR TI!...

> Como a abelha corre ao prado,
> Como no céo gira a estrella,
> Como a todo o ente o seu fado
> Por instincto se revela,
> Eu no teu seio divino
> Vim cumprir o meu destino...
> Vim, que em ti só sei viver,
> Só por ti posso morrer.
>
> GARRETT. — *Folhas Cahidas.*

Eu sinto, só por ti, o meu tormento,
Só tenho para ti alma sensivel;
Sem teu amor, Elvira, o sentimento
Dentro em meu coração, fôra impossivel!
Sem ti, á força do pezar amargo
Meu animo cedera, outr'ora forte;
D'esse estado, infeliz, fôra ao lethargo,
Do lethargo á loucura, e d'ella... á morte!...

É por ti que inda vivo, que inda penso;
E o que penso inda digo, ao som da lyra;
É por ti que me inundo em pranto immenso,
É por ti que o suspendo, amada Elvira!...

Por ti, subo, sonhando, ao paraiso,
Desço ao inferno... porque nada espero...
A sorrir... a chorar... sempre indeciso...
Não desejo viver... nem morrer quero!...

Que estado ê este, que a razão condemna,
E o pobre coração inda sustenta?...
Porque matar-me quer agora a pena,
E a esperança, mais tarde, me aviventa?...

A esperança?... A loucura. Que o destino
Meu desditoso fim tem já traçado:
É no mundo vagar, sem luz, sem tino,
Sempre longe de ti, anjo adorado!...

E depois?... ah!... depois... lá quando a vida
Cançada pela dôr, pela amargura,
Ao tormento ceder... deixar a lida,
Ir sem ti repousar na sepultura!...

Embora!... Assim findára o meu delirio,
E eu fugira ao porvir, mais tenebroso:
Viver sem ti, Elvira, é um martyrio...
Morrer por ti, meu anjo, é ser ditoso.

A MEU ANTIGO E PREZADO AMIGO

ANTONIO DE ALMEIDA CAMPOS

Saudades da patria são dôces tristezas
Que as almas tem presas n'um sonho feliz;
Dão gozos, dão penas, dão fel e doçura,
Secreta mistura que a lingua não diz!

Se o pobre exilado desperta risonho,
Foi placido o sonho que em mente passou;
Depois de outra noite, lá surge outra aurora,
E o triste, se chora, tristezas sonhou.

Nas lides da vida, de mágoas tão cheia,
Ha sempre uma idéa que a patria nos traz;
E idéa de origem tão pura, e tão santa,
Se ás vezes encanta, nem sempre dá paz.

Não firma um dominio tão largo, e potente,
Saudade, sómente, da terra natal.
Ai! candida infancia! gentil mocidade!
Daes vós á saudade poder immortal!

Pensamos nas flôres, pensamos nas aves,
Nas noites suaves de meigo luar?
— Tambem estas plagas tem aves e flôres,
E a lua os fulgores que expede além-mar!

Se o solo é bellissimo — os rios possantes —
Os astros brilhantes — o céo tão azul,
Encantos formosos que ao longe deixamos
Tambem os gozamos nas terras do Sul!

É a patria a lembrar-nos! E nunca essa imagem
Sem nossa homenagem um dia se viu!
Mas n'esse tributo, que aos pés se lhe lança,
Vai sempre a lembrança d'um bem que fugiu!

Vai n'elle a saudade da quadra formosa,
Da infancia ditosa, que foge a correr;
De alegres folguedos, de meigos carinhos,
Da ausencia de espinhos, de ameno prazer!

Vai n'elle a saudade, mais funda, mais viva,
Da idade captiva... da idade do amor;
Da quadra em que o peito, que ardente se agita,
Mais brando palpita, mais forte é na dôr!

Em terras estranhas, após longa ausencia,
Se inda ha na existencia doçuras, quaes são?
São estas, que os gozos de outr'ora despertam,
Que os laços apertam de antiga affeição!

São dôces memorias de tempos felizes;
— Na patria as raizes, e os fructos aqui. —
São d'esta amizade lembranças tão bellas!
Vem tudo por ellas, vem tudo por ti!

NO ALBUM

DO MEU AMIGO FRANCISCO JOSÉ CORREIA QUINTELLA

Meu Quintella.
É tempo agora,
Vou cumprir uma promessa:
Condemnarás a demora?...
Cuidado... não cáias n'essa.
Foi de um anno ou anno e meio?
Não é pouco, isso é verdade;
O desleixo era aqui feio
Inda que fosse metade.
Sempre nas leis acha pena
Qualquer crime commettido;
Mas um réo não se condemna
Sem primeiro ser ouvido;
E o juiz que seja recto
Não póde, por indiscreto,
Calcar aos pés a justiça,
Porque de ouvir a defeza,
Por ser longa, tem preguiça.

Mas és tu homem de brio,
E na amizade eu confio
Que me tens provado tanto,
E te confere o direito
De saber, e com certeza,
De certos vai-vens da vida
Que tanto mal me tem feito.
Vou, pois, contar-t'os com geito
Que te não provoque o pranto,
Porque a lagrima vertida,
Quando é longa e intensa a mágoa,
É seiva que vai perdida,
Não é simples gotta d'agua.
D'estas cousas, meu amigo,
Posso fallar de cadeira,
Porque sou n'ellas antigo,
Ou, antes, velho na asneira.
Mas, preambulos deixando,
Que não dão lucro nem gloria,
Entremos na tal historia.

Ia o mundo caminhando,
Ou caminhava eu no mundo
Muito alegre—eis senão quando
Encontro um poço sem fundo,
E lá vou cambaleando,
Qual um ebrio vagabundo,
Couce aqui, acolá quéda,
Quebro pernas, quebro braços,
E se o mundo não se arreda
Desfaço o mundo em pedaços!

Foi o caso, que o juizo
Não era muito abundante
Na bola: — traste preciso
Para mim, que sou chibante;
Pois sabes que um chapéo liso,
Que a escova tornou brilhante,
Sendo na fórma elegante,
Dá-lhe de cabeça o geito,
E quem a tem, velho ou novo,
Ande torto, ande direito,
Que tem siso diz o povo,
Sem meditar que uma bola
Entre os hombros, sobre o peito,
Se lhe não regula a mola,
Não torna um homem perfeito.

O coração... oh! coitado!...
Se pouco vale a cartola
Esse é louco rematado,
Está muitas vezes preso
E quasi sempre amarrado;
Mas gosta, vai pelo veso,
Ora, audaz, ora insensato,
Ora fraco e miseravel,
E eu, no fim do espalhafato,
Como editor responsavel,
Tenho de *pagar o pato!...*
E creio que não tem cura,
Porque a tenho procurado,
E nem a idade madura,
Nem o espelho do passado,
Nem da razão os conselhos,
Nem o exemplo de infelizes

O curam de achaques velhos;
E anda sempre de narizes!...

Foge assim toda a alegria!
É desgraça!... é desconsolo
Ter a cabeça vazia
Quem tem o coração tolo!...
Demais a mais, o destino,
Por brincar, em hora vaga,
Cravou-lhe o dente ferino,
E abriu-lhe profunda chaga.
Safou-se por ella o tino
Que eu tinha, que era já pouco,
E assim, com cara de louco,
Deixei fugir muitos mezes,
Qual criança pequenina,
Chorando, gritando ás vezes!
Quiz tambem a medicina,
Sobre a quéda, dar-me sova;
E se lhe cáio nas unhas
Só me largava na cova.
Não preciso testemunhas
Para provar que a doença,
Apesar de não ser nova,
Não era o que o mundo pensa.
Meu amigo, eu cá me entendo,
Deixa lá fallar quem falla;
Sou teimoso, não me rendo,
Nem o que dizem me abala;
Mas sobre isto ponho ponto,
Senão foge o tempo todo
Sem chegar o fim do conto.

Viste alguma vez no lodo
Patinhar um pobre sapo,
D'aqui levando pedrada,
D'acolá forte sopapo
Sem poder fugir da lama,
Que, por fim vai ser da ossada
Sepultura em vez de cama?...
Pois foi essa a minha sorte!
Não resisti ao desgosto,
Nem pude, intrepido e forte,
Voltar ao destino o rosto,
Como dizem que faziam
Os philosophos d'outr'ora,
Que dos infortunios riam,
E, se instantes padeciam,
Achavam prompta melhora
Na santa philosophia,
Que n'essa feliz idade,
Se no calculo não érro,
Suppria, valha a verdade,
O bom *sulfato de ferro,*
Nossa riqueza hoje em dia.
Que felizes creaturas!
Que *cachimonias* tão duras!...
Que corações de tijolo!...
Mas... foram elles patetas,
Ou, inda agora, eu sou tolo?...

Os philosophos, poetas,
Padres novos e doutores,
Os famosos jornalistas,
Os fidalgos estadistas
E do romance os authores,
São heroes que o tempo nosso

*

Respeita, como eu venero;
Mas ter n'elles confiança,
Tenham paciencia, não posso,
Não me faz conta, não quero.
Podem chamar-me criança,
Que não ha-de haver mudança.

Emfim é grande imprudencia
Bulir com tão alta gente;
Paremos, porque é de urgencia
Ser submisso e reverente,
E ha mesmo conveniencia
N'uma narração singela,
Sem commentarios inuteis.
Não te parece, Quintella,
Que estes desvios são futeis?...
Serei sensato e prudente
Na descripção do passado.
Não succumbi de repente,
Bem devagar fui cahindo,
Á razão inda apegado
Que depois se foi sumindo.
O somno foi-me fugindo,
Passava as noites álerta,
Os olhos fitos no tecto,
Pasmado, de bocca aberta,
Ora manso, ora inquieto;
Nem nas horas de socego
Bons livros, ao menos, lia,
Que allemão, hebraico ou grego
Era o que em letras eu via,
Mesmo em lingua portugueza!
— Nem sempre me enganaria...
Mas era senso, ou rudeza?...

Ninguem sabe o que seria.—
Inda bem que me prendia
Por vezes o pensamento
Um, bem simples, aprazivel
E honesto divertimento:
Era enxotar os mosquitos
Com arrogancia indizivel;
Matar d'uma vez um cento,
Vêr outros fugindo afflictos,
Ouvir no meu aposento
Uma insolita harmonia;
E notando o esquecimento
De males que antes sentia,
Ter uma decisão clara
Sobre assumpto em que eu pensára
Muitas vezes, noite e dia:
—Era por que Deus creára
Tão fecunda bicharia.—
Agora sei com certeza,
E digo-o, sem ceremonia,
Tal creação foi fineza
Aos que padecem de insomnia.

A flauta, namoro antigo,
Que me ajudára em campanhas
Com a dôr, que tive outr'ora,
Desprezada em seu jazigo,
Creava por dentro aranhas,
Só tinha bolor por fóra!
Visitas, nem uma apenas
Por dever ou por convite;
Conversas eram massadas,
Embora fossem amenas,
Jocosas e variadas,

Não tinha a mágoa limite,
E por ella dominado
Fiz de meu quarto um palheiro.
—Era, inda assim, visitado,
Mas nem uma das visitas
Fui pagar. Que caloteiro!...
Até julgava exquisitas
Essas provas d'amizade!
Fugia da sociedade
Como do cão foge o gato,
Sem pensar que por ingrato
Muitas vezes passaria!
Nada, para mim, valia
A promessa ou compromisso;
A reuniões... não ia...
Theatros... quem falla n'isso!...
Para ter vida de monge
Bem pouco, já me faltava;
Não via as moças de longe
Nem de mim as tinha perto,
Pelas contas não rezava,
Nem pelo livro; o que é certo
É que nem comer sabia;
Podia estar no deserto,
Que a fome não a sentia;
O estomago, esse chorava,
Porque já chôcho, encolhido,
Nem do sabor se lembrava
Do que antes tinha comido;
E eu, bem pouco resolvido
A dar-lhe novo alimento,
Deixava o pobre coitado
A morrer de desalento.
Por fim, fraco e estropeado,

O nariz grande, aguçado,
Chupada a face amarella,
Barba e cabellos grisalhos,
Assim andei, meu Quintella,
Deixando a estrada da vida,
Tropeçando por atalhos
E por becos sem sahida!...

O teu album, coitadinho,
Foi o tempo assim passando,
Sem nunca sahir do ninho,
Desprezado; — eis senão quando
Dou segunda cambalhota,
E quasi morri, julgando
Que era mortal a derrota;
Mas ergui-me pouco e pouco,
Fui sacudindo a poeira,
Entendi que era ser louco
Chorar uma vida inteira,
Sem lenço que enxugue o pranto.

Calafetei a torneira
D'onde as lagrimas corriam,
Fui comendo as iguarias
Que outr'ora me pertenciam,
Afastei-me do meu canto,
Comecei gozando os dias,
Que noites me tinham sido.
— Como, bebo, durmo ás vezes,
Trabalho, muito entretido,
(O que não fiz muitos mezes)

Sinto-me animado e forte,
Faço figas ao destino,
E, se não vier a morte,
Outra vez temos Faustino.

1861.

SONETO

Ismenia, o coração não é de ferro;
E o que pulsa em teu seio é tão sensivel,
Que natural não é ser impassivel
Á paixão que, por ti, no peito encerro.

Quanto mais n'isto penso, mais me aterro,
Que a esperança nutrir fôra impossivel!
Vem mostrar-me a razão causa visivel,
Diz-me a tua frieza que não erro!...

Que lá vive em teu seio, comprimido,
O fogo d'outro amor, mal compensado,
Pela dôr, entre cinzas escondido.

Um dia ha-de surgir, mais inflammado,
E o triste que por ti só tem vivido,
Morrerá n'essas chammas abrazado!...

SONETO

Sou bem ditoso, Ismenia, se a teu lado
Me deixas contemplar os teus encantos,
Embora aos olhos meus arranquem prantos
Receios que me fazem desgraçado.

N'um volver de teus olhos, descuidado,
Nos sons da tua voz, de enlevos tantos,
Vem reflexos de luz, vem dôces cantos,
Que me fazem viver n'um céo sonhado.

Mas quando no meu céo não resplandeces,
Meu pobre coração, á dôr propenso,
Os martyrios que soffre, não conheces!

Ardo na chamma d'este amor immenso,
Quando, ausente de mim, de mim te esqueces,
Quando, longe de ti, mais em ti penso!

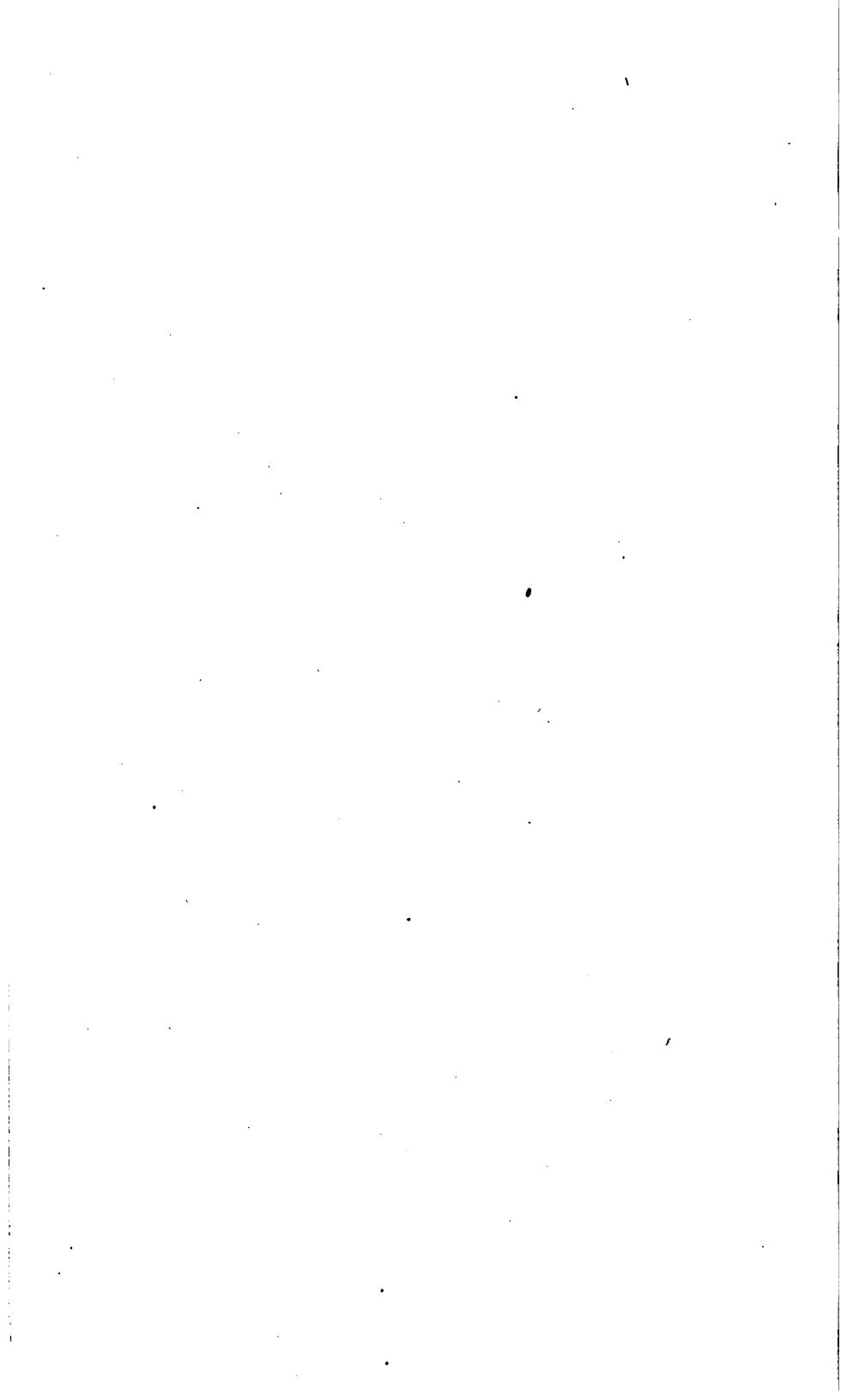
SONETO

Á EXC.ma SNR.a BARONEZA DE TAQUARY
NO DIA DOS SEUS ANNOS
EM 19 DE OUTUBRO DE 1865

Um misero mortal cahira outr'ora
Entre prantos de dôr, no chão da morte;
Christo apparece — chama — e, ao brado forte,
Vê Lazaro da vida a nova aurora!

Tingida pela mágoa que a devora,
Soffrera a minha musa o extremo córte;
Surge este dia — chama — curva a sorte,
E a musa, que morrera, ergue-se agora!

E Lazaro, vertendo alegre pranto,
Inda trémula a voz, sente-a elevada,
De gratidão cumprindo o dever santo.

A musa, d'entre as cinzas levantada
Ao « maternal amor » exalça o canto,
Cumpre a santa missão, e volve ao nada.

MYSTERIO

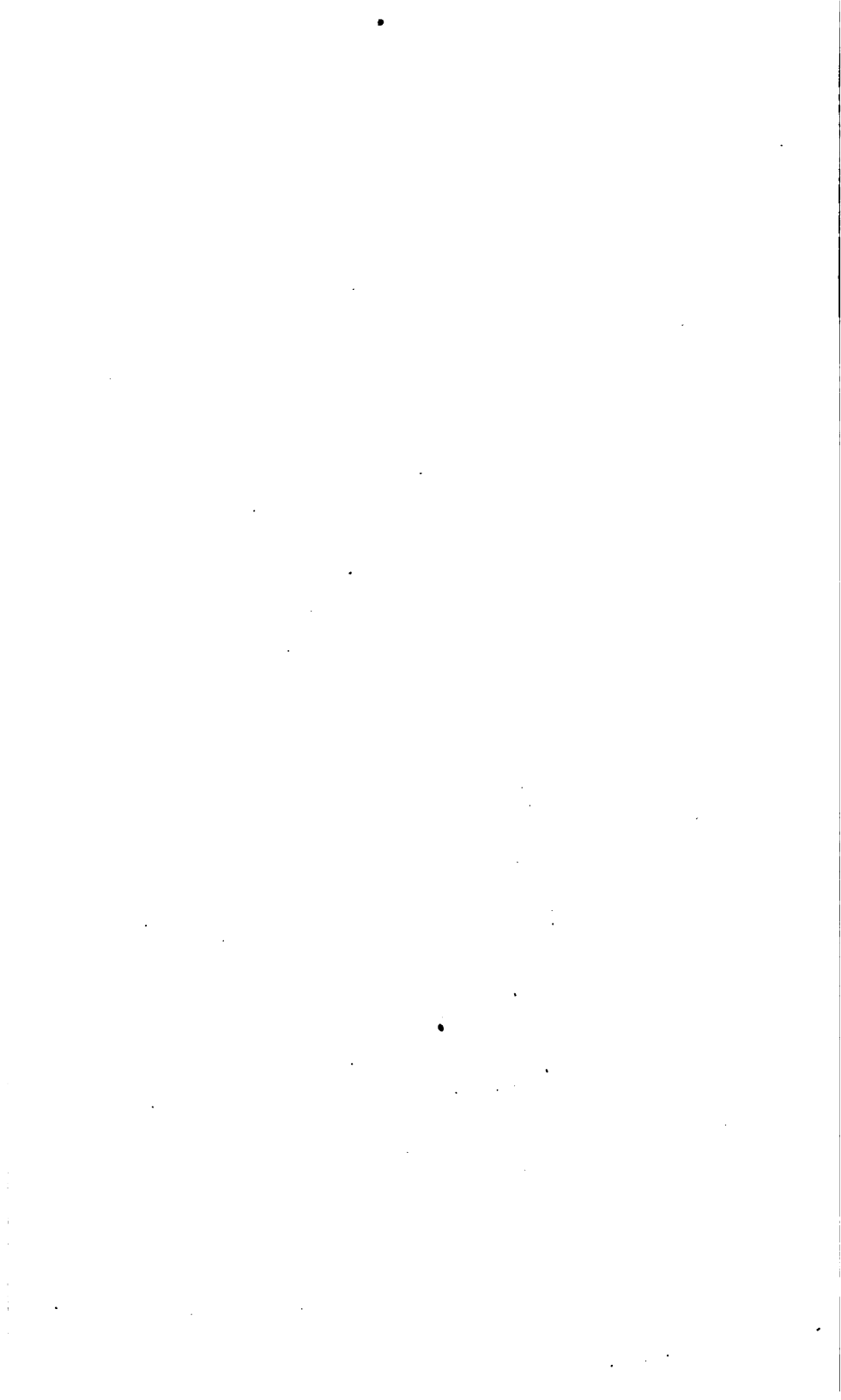
Pensei que amiga, carinhosa fada
Me arrebatava em hora de mysterios
A uma esphera d'amor, mansão d'encantos...

Couto Monteiro. — *Uma noite no Tejo.*

Foi visão?... Seria certo?...
Nem eu sei, candida Elvira;
Mas quem sente o que eu sentira,
Se do céo não vai bem perto,
Já bem longe está da terra,
Theatro d'amargas dôres;
Tanto gozo, não o encerra
Este mundo em que vivemos;
E se o prazer vem d'amores
Como este amor em que ardemos,
Ha n'este fogo um segredo
Que não descobre quem arde;
Qual era, quem sabe?... é cedo!...
E o fogo?... Finou-se... é tarde!...
Só vive a dôce lembrança,
Porque a saudade a sustenta;
Mas é já morta a esperança
Que mata noites e dias,
Que a vida inteira alimenta
Com risonhas alegrias:

Resta chamar á memoria,
Por debellar agonias,
Esses instantes de gloria.

Eu pensei que me prendiam
Dôces, apertados laços,
E que, ao vêr d'onde viriam,
Me encontrava nos teus braços.
Julgava que me accendiam
Nos labios chammas ardentes,
E que essas chammas fugiam
Se os teus labios, inda quentes,
Dos meus labios se afastavam.
Suppunha que me levavam,
Pouco a pouco, a dôce vida;
Mas tão suave era a morte,
Que a quizera repetida
Por morrer d'aquella sorte!...
Que a razão ia perdida,
Nas azas d'amor voando...
Que esse gozo tão intenso
O não tem ninguem pensando,
Has-de crêl-o, como eu creio;
Mas agora, porque penso,
Em ti só preso o sentido,
Mais na duvida me enleio,
De novo fico perdido!...
Dize, Elvira, o que seria?...
Tanto enlevo d'onde veio?...
Scismo de noite e de dia,
E ás vezes tenho receio
De perder, scismando, o tino;
Mas se o gozo foi divino,

Tu, que és um anjo, podéras
Levar-me á esphera celeste —
Pois tens lá n'essas espheras
A patria d'onde vieste —
Dar-me um sorriso mimoso
Como tantos que me deras,
E, por fazer-me ditoso,
Mostrar-me de novo o gozo
Tão dôce, tão desejado,
Que eu senti n'esse delirio...
Morresse, embora, a teu lado,
Porque a vida é um martyrio
Quando se chora o passado
N'um céo d'amor tão risonho...
Ou fosse o gozo sonhado,
Ou real, em vez de sonho.

SONETO

Ismenia! Esta tristeza, esta amargura,
Vem só de ti, por ti, porque te adoro,
E amor, que anceio, compaixão que imploro,
Nada quer conceder-me a desventura!

E tu, sei que não tens alma tão dura
Que estranha seja ás mágoas que deploro;
Vês que soffro por ti, sabes que choro,
Que marcho á dôce paz da sepultura!

E pódes vêr-me assim, quasi perdido,
Arrastando uma vida tormentosa,
Sem que o teu coração tenha soffrido?...

Ismenia! Cede, emfim! Sê generosa!
Surja o punhal que trazes escondido...
Vem matar-me... e depois... serás ditosa!

18

SONETO

O mar, que a mão de Deus fez tão potente,
Do celeste poder por mago effeito,
Repousa em somno placido, em seu leito,
Como debil infante, inda innocente.

Meu pobre coração, fraco, impotente,
Collocado por Deus em fraco peito,
Rompe os limites do recinto estreito,
Debatendo-se louco em lucta ardente!

É que o mar em seu leito socegado,
Vê nos plainos do céo sorrir-se a lua,
Recebe-lhe o fulgor, dôce, encantado.

Meu coração agita-se, e fluctúa,
Que, triste, por não ser d'Ismenia amado,
Falta-lhe a encantadora imagem sua!

LUAR

> Embalde aos céos erguendo os olhos turvos
> Meu astro procurei entre os mais astros
> Que outr'ora amiga sina me fadára!
> Com brilho embaciando a luz incerta
> Nos ares se perdeu antes do occaso,
> Deixando-me sem norte, em mar de angustias.
>
> A. GONÇALVES DIAS. — *Sempre Ella!*

Era uma noite de inverno,
Mas inverno dôce e ameno,
Quando a natureza calma,
Repousando aos pés do Eterno
Em somno brando e sereno,
Dôcemente imprime n'alma
Saudosa melancolia.
A lua, perola immensa,
Sobre esmalte azul cravada,
Ostentava a luz intensa
Que da face prateada
Á terra, ao mar transmittia;
E da mente arrebatada
Nem a decisão partia
Se era tarde, ou madrugada,
Se era noite, ou se era dia!

*

Da immensa perola em torno
Luziam, como brilhantes,
Sobre o esmalte bello adorno,
Mil estrellas rutilantes,
Rivaes todas em belleza;
E os meus olhos encantados,
Ao firmamento elevados,
Pelo espaço divagavam,
E, contemplando a riqueza,
Já quasi cegos pasmavam
Das joias da natureza!

De tanta luz fatigados,
Fui repousal-os na praia,
Já sem brilho, amortecidos,
Como a virgem que desmaia,
N'esse enlevo dos sentidos,
Gozando o céo n'um instante,
Quando em amoroso enleio
Junta, presa ao dôce amante,
Peito casto ao casto seio!

E fui sentar-me sósinho
Do mar á beira, pensando;
E o mar, a face agitando,
Vinha em dôce murmurinho,
Ao quebrar na pedra escura
Orlar-se de branco arminho,
E, fugindo á rocha dura,
Já desfeito, em desalinho,
Furtar-me aos olhos a alvura.
E no topo do rochedo,

Sobranceiro ao mar e á terra,
Vendo a fulva areia perto,
Ao longe o cume da serra,
E em tudo o fundo segredo
Em que o pensamento incerto
Divaga louco, perdido,
Julguei-me preso d'um sonho,
Contemplando embebecido,
O quadro grande e risonho!

E abrir-me os olhos ao mundo
Que extasiado eu não via,
Só, n'um abalo profundo,
Milagre do céo podia.

Assim foi;—que a branda aragem
D'esse enlevo me arrancára,
Mostrando-me a tua imagem,
Que alli mesmo eu adorára!

E esqueceu-me a casta lua,
Nem vi mais seu rosto brando,
Trémula a vista fitando
Na face pallida tua;
E dos astros luminosos
Não gozava o brilho ameno,
Vendo em teus olhos formosos
Esse fulgor tão sereno;
Nas ondas leves fugindo
Não achei suave encanto,
Ao vêr no teu rosto lindo

Mais lindas ondas de pranto;
E da natureza inteira
Toda a belleza fugira,
Que a meus olhos, sobranceira
Brilhavas tu, minha Elvira!

Lembrei-me então do passado,
E, chorando as minhas mágoas,
Era este pranto abafado
No rumor das mansas aguas.

Em mago enlevo, a teu lado,
N'aquella rocha assentado,
Já fui outr'ora ditoso.
Como agora, o mar undoso,
Tremendo, gemia apenas,
E o astro, meigo e saudoso,
Derramando n'estas scenas
Esse encanto mavioso
Que da luz pállida esplende;
E o triste cantor plumoso,
Que os queixumes não desprende
Quando o raio luminoso
Do sol, em fogo se accende;
E do sino a voz sentida
Que, d'echo em echo voando,
Sóbe aos espaços perdida,
Na terra a mágoa deixando;
E este silencio profundo,
Da vida magico somno,
Que roubando-nos á vida
Nos arrebata do mundo,

E de Deus o ethereo throno,
Em sonhos embriagantes,
Na sonhada despedida
Nos deixa vêr por instantes;
—Tudo em minha alma côava
Dôce, languida ternura,
Gozo que me aproximava
D'essa tua alma tão pura!

Elvira!... Como eu te amava
No encantado paraiso
Que eu só comtigo habitava,
Enlevado no sorriso
Que nos teus labios pairava!

Nem a maligna serpente
Que a vida nos fez escrava,
Quiz vêr, na paixão ardente
Se o poder seu triumphava;
Que amor tão puro e tão casto,
Na terra nascido, embora,
Tem no céo dominio vasto,
Aos pés do Eterno só mora,
Não quer do mundo mais nada!

E era noite, como agora,
Noite d'amor e mysterio,
Com esta luz encantada,
Tão seductora e tão calma,
Dando meigo refrigerio
Aos negros tormentos d'alma!

Então... amor e ventura...
Paixão agora, e tristeza...
Longe de ti, alma pura!
Aos olhos tanta belleza,
No coração noite escura!

Vem... oh! vem, candida Elvira,
Vem matar esta saudade!
Vem afinar esta lyra,
Que em vez de cantar, suspira
Por cantar-te a divindade!

Vem dizer-me que estás viva,
Que d'este amor és captiva;
Que no mundo, expatriada
Lá das celestes espheras
Vives, porque és adorada,
Tens crenças, em Deus esperas!

SONETO

Camões cantava outr'ora os altos feitos
Dos famosos heroes conquistadores;
E, cercado o seu nome de esplendores,
Os limites do mundo achava estreitos.

Bocage dominou altivos peitos,
Com a lyra immortal, cantando amores;
E, triste, succumbindo a acerbas dôres,
Obrigára o universo a eternos preitos.

Filinto, desditoso, em terra alheia,
O seu corpo arrojou á sepultura,
Mas deixou, com seu nome, a patria cheia.

Eu, Ismenia, não subo a tal altura,
E sem o teu amor, que esta alma anceia,
Não canto... choro a propria desventura!

SONETO

Existem nos jardins mimosas flôres,
Tão sombrias, tão dadas á tristeza,
Que só do rei dos astros a viveza
Lhes faz abrir o seio aos seus fulgores.

Á tarde, aos menos calidos ardores,
Dão em troco, tambem, menos belleza;
Á noite, quando é muda a natureza,
Fecham seu calix, escondendo as côres.

E, embora o que é da terra ao céo pertença,
Não tem n'ellas poder a meiga lua,
Nem nas estrellas ha fulgor que as vença.

Eu sou, n'esta isenção, a imagem sua:
É dia, para mim, tua presença,
É noite, para mim, a ausencia tua!

SONETO

Como pódes, Ismenia, ser tão dura,
Que ao fogo d'este, amor fria resistes?
Como pódes, se vês lagrimas tristes,
No semblante mostrar dôce brandura?

Já não me illudem sonhos de ventura;
Em prometter amor debalde insistes,
Se compassiva á minha dôr assistes,
Não sabes, se me afasto, o que é ternura!...

Não me prova um sorriso o sentimento,
Que na masmorra ao triste encarcerado,
Sem que o ame ninguem, dá-se alimento.

Vês-me pela paixão allucinado,
Sabes que d'este amor só me sustento,
Não me deixar morrer, é teu cuidado.

SONETO

Ou da fraca razão sensivel falta,
Ou triste condição do peito humano,
Mais do teu desamor me desengano,
Mais a ardente paixão por ti se exalta.

Que vale a intelligencia, que tão alta
Pretende levantar o vulgo insano,
Se cahe na lucta com o amor tyranno,
Victima fragil do poder que a assalta?...

Não dissipa a razão mágoas de amantes;
Dil-o a historia fatal do mundo inteiro,
Dizem-no as minhas lagrimas constantes.

Despreza, embora, amor tão verdadeiro;
Serão teus os meus ultimos instantes,
Será teu meu suspiro derradeiro!

A UM AMIGO

Amigo, tu amas? prendeu-te a belleza
De um anjo, que a vida te veio dourar?
E soffres, por vêr que o amor, a tristeza
Não pódes em verso sentido expressar?

Nem só é poeta quem sabe na lyra
Soltar os seus cantos d'amarga paixão;
Poeta é quem ama, quem triste suspira,
Poeta é quem sente... quem tem coração!

Se ao pé do teu anjo, tua alma incendida
As faces te escalda, com férvido ardor,
Bem mais que uma estrophe, d'enfeites vestida,
Não diz em teus olhos, o fogo d'amor?

Se após uma ausencia, bem farta de pranto,
A *bella* contemplas, nadando em prazer,
Não falla um suspiro mais alto, que o canto
Que um vate divino podesse tecer?

Se olhando o futuro te punge a lembrança
Do tempo que foge, deixando-te a dôr,
E escutas dos labios da *bella* uma esp'rança —
Não vale este som, mil poemas d'amor?

Não foi n'uma estrophe, n'um canto sentido,
Não foi n'um poema, que esse anjo fallou?!
Mostrando-te as chammas do peito incendido,
Tambem no teu peito seu fogo ateou!

Nem só é poeta quem sabe na lyra
Soltar os seus cantos d'amarga paixão;
Poeta é quem ama, quem triste suspira,
Poeta é quem sente... quem tem coração!

AUSENCIA

> **Isenta do laço que ao mundo nos prende,**
> **A vida que val?**
> **A vida é só vida se o amor n'ella accende**
> **Seu dôce fanal.**
> **Aos mundos que eu sonho podesse eu comtigo,**
> **Voando, subir;**
> **Depois, que importava? depois no jazigo**
> **Sorrira ao cahir.**
>
> **A. A. Soares de Passos. — *Desejo.***

Tres dias sem te vêr, é muito, Elvira;
Vêr-te agora, e fugir, meu anjo, é pouco!
Inda me punge a dôr que me pungira
Buscando-te, debalde, errante e louco!
Ao naufrago infeliz não é bastante
De longe vêr a terra appetecida;
Se lhe surge, viçosa e radiante,
A esperança que viu murcha, perdida,
Quer ás praias chegar, e em liberdade
Afogar em seus prantos a saudade
Que sentira no mar, quasi sem vida!...

Quero um sorriso teu, que ao fundo d'alma,
Onde reina o temor, traga esperança,
Qual iris bello, que a tormenta acalma,
Promettendo após si longa bonança.
Quero vêr em teus olhos da ternura

A suave expressão, quasi divina;
Quero escutar-te a voz, melliflua e pura,
Que por vozes terrestres não se afina;
—Mais dôce e amena se, a chorar, me dizes
Que no teu coração fundas raizes
Tem este ardente amor que me domina.

Quero a teu lado, em amoroso enleio,
Fria, trémula a mão presa na tua,
Vêr em teu rosto, de candura cheio,
A meiga pallidez da meiga lua;
Sentir na face, em lagrimas banhada,
Teu halito roçar, qual vento brando,
Que enxuga a flôr, do orvalho rociada,
Abrindo-a á vida que lhe dá, passando;
Ouvir-te, uma vez mais, o juramento
De que és qual eras, no feliz momento
Em que a teus pés me viste soluçando.

N'esse gozo embebido, eu quero ainda,
Sem no teu rosto vêr a côr do pejo,
Teu cabello afastar da fronte linda,
Imprimir-lhe, por culto, um casto beijo;
Quero que de teus olhos a luz clara
Séque o pranto saudoso em que me inundo,
Que ao coração fugindo, alli deixára
O fogo da paixão lavrar tão fundo;
Ouro, gloria, poder, penas e dôres,
Tudo esquecer por ti, por teus amores;
Sonhar que o mundo és tu, e eu rei do mundo.

TRISTEZA

> **Comtigo tudo vejo estar mudado;**
> **Nem claras as estrellas'me parecem,**
> **Nem o sol, como d'antes, tão dourado.**
>
> **QUITA. — *Ecloga XIII.***

São-me hoje os dias noite de inverno,
Longos e frios, sem sol, sem luz;
Só sinto a vida no amor eterno
Que tantas mágoas em mim produz.

Se o roseo manto da bella aurora
Da noite envolve tumido véo,
Não vem o alento, que a dôr minora,
Na dôce brisa, na côr do céo.

Se o rei dos astros surge brilhante,
Nem me alumia, nem dá calor;
Diz-me a tristeza, sempre constante,
Que a luz e a vida só vem do amor.

Vem só de uns olhos que amor inspira
Quando refulgem, fitos em mim;
Vem d'um poema que a linda Elvira
Solta dos labios, n'um meigo «sim».

Vem do mimoso, terno sorriso,
Que eu não traduzo, se amor não é;
Que imprime n'alma celeste aviso,
Que anima a crença, que augmenta a fé.

Mas esses olhos, que a luz da lua
Na expressão terna vencer já vi,
Languidos, tristes, a luz que é sua
Perdem, chorando, longe d'aqui.

Mas esses labios que eu vi, sorrindo,
Vencerem, castos, a rosa a abrir,
Dôce tristeza do rosto lindo
Já não desmentem com seu sorrir.

Mas a voz dôce, que na harmonia
Celeste canto vencêra já,
Sem a ternura que a desprendia
Longos gemidos apenas dá.

E ao triste ausente que importa a vida
Longe d'um anjo que amou, que é seu,
Se d'alma errante, que viu perdida,
Só sabe o rumo que amor lhe deu?...

Se viu fugir-lhe toda a ventura
Sobre essas aguas do immenso mar,
Se a vista alonga, quando a procura,
Debalde sempre, sempre a chorar?...

Morto já fôra n'este desterro,
Se atroz saudade soffrêra só;
Se fôra tudo mundano encerro,
Se além da vida só visse o pó.

Mas não, Elvira, que inda confio
Nos votos, firmes, porque são teus;
Na prece ardente que aos céos envio,
Nas minhas crenças, em ti, em Deus.

*

SONETO

> Pede!... confia!... crê! — serás ditosa;
> Serás do eterno esposo, eterna esposa.
>
> SÁ DE MENEZES.—*Malaca conquistada.*

Sobre encrespado mar, exposto ao vento,
Das vagas pela furia arremessado,
Balouça, aqui e alli, baixel ousado,
Da perda receando o atroz momento.

Cerca-se todo, agora, o firmamento,
Quer logo o sol romper, cede abafado;
A terra, a salvação, vê-se d'um lado,
Vê-se d'outro, no abysmo, um fim cruento!

Assim, louco d'amor, sempre indeciso,
Vejo negra e risonha a minha sorte,
Misturo, quando penso, o pranto ao riso:

Elvira! Só tu és hoje o meu norte:
Ou te encontro, e comtigo o paraiso,
Ou te perco, meu anjo, e é certa a morte.

DOUS ANNOS!

> Nenhum amou primeiro: em nós o affecto
> Foi uma idéa innata, um sentimento
> Que não póde ter fim não tendo origem.
>
> A. F. DE CASTILHO. — *Os Ciumes do Bardo.*

Já dous annos lá vão, candida Elvira,
Desde o dia feliz em que a teu lado,
N'aquella indecisão que o medo inspira,
Por teus dôces encantos fascinado,
Presa a falla, que aos labios me subira,
Pelo ardor da paixão reanimado,
Pude mostrar-te o coração que arfava,
Que batia por ti, porque te amava!

O que disse não sei... sei que tremia,
Que era quasi infantil o meu receio;
Se tentava fallar-te, succumbia...
Erguia-me depois de animo cheio,
Mas dos labios á flôr a voz morria,
Porque vinha abafal-a o teu enleio...
E ardente e gelido, eloquente e mudo,
Em silencio ou fallando... eu disse tudo!...

E tu como ficaste? — anjo mimoso —
Fugiu-te a leve côr da face bella,
E mais bella a deixou, que é mais formoso
Esse alvor da cecem pura e singela,
Quando o raio do sol, menos fogoso
Porque a noite lá vem, se afasta d'ella;
E n'um longo suspiro que soltaste,
Um poema d'amor desenrolaste!

Fitos em mim, teus olhos espargiam
Em torrentes a luz suave e pura;
As chammas que soltavam me accendiam
A que vinha de ti, dôce ternura,
E as horas n'este enlevo fugiriam,
Que breves sempre são quando ha ventura,
Se frias nossas mãos, de amor guiadas,
Não se encontrassem juntas e apertadas!

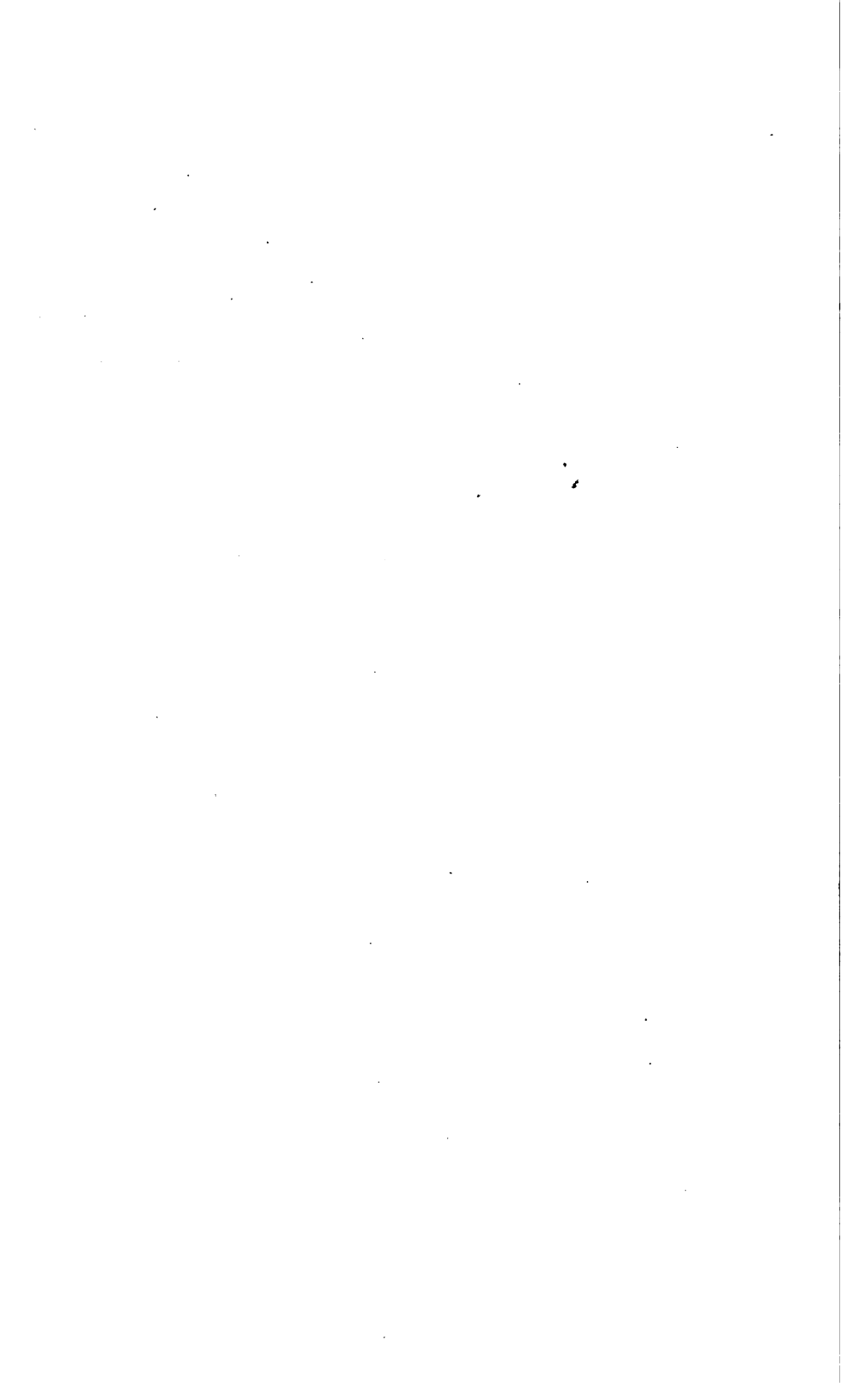
Despertamos assim, e o pranto ardente
Inda a voz te prendeu por um instante;
Mas a palavra — amor — presa innocente,
Dos labios te fugiu, forte, vibrante;
E asylo eterno achou, que de repente
Aberto lh'o offertou meu peito amante...
Desde então nem eu sei, nem tu me dizes
Se desgraçados somos, se felizes!...

Desgraçados!... ai... não, que á desventura
Opponho o teu amor puro, celeste;
Um dôce olhar dos teus, todo ternura,
Um dos meigos sorrisos que me déste;

Desgraçados!... ai... não... que d'essa altura
D'onde buscar a adoração vieste,
De joelhos me vias d'esta sorte,
Como vês, e verás até á morte!

Felizes!... nem eu sei... porque a esperança
Não desce lá do céo, entre esplendores,
Qual iris bello a prometter bonança,
A espargir-me na estrada amenas flôres;
Mostrar-me no porvir dôce mudança
No prisma encantador dos teus amores.
Felizes!... só se eu fôra em dôces laços,
Cahir nos braços teus... tu nos meus braços!

Para sempre ligadas nossas almas,
Uma existencia só ambos formando,
Pela fé, que as domina, então já calmas,
Elevando-se a Deus, e a Deus orando,
Poderamos colher viçosas palmas,
Guardar-lhes o verdor, vivendo, amando;
Nem póde, quem a crença n'alma encerra,
Dar aos anjos do céo amor da terra.

Deixa, Elvira, correr o meigo pranto
Que teus olhos divinos amortece;
Solta a voz que te dá celeste encanto,
Eleva ao céo piedoso ardente prece;
Não deixes esfriar amor tão santo,
Que no meu coração não arrefece;
Conserva firme a crença por escudo,
Minha vida serás, meu bem, meu tudo!

NÃO PENSES!

Dobra-se-me a phantasia
Em mil castellos de vento;
Coitado do pensamento,
Que está de noite e de dia
Entre tormento, e tormento.

BERNARDIM RIBEIRO. — *Egloga III.*

Porque tens, mimosa Elvira,
Teus olhos fitos no chão?
Pensas no bem? — É mentira.
Na ventura? — É illusão.
O bem — todo — o céo o encerra;
Ventura, se a tem a terra
Que t'o diga o coração.

Diz-te que não. Tu não sentes
Os dôces effluvios seus?
Esses dons, tão eminentes,
São do céo, e não são teus? —
É porque á terra não descem;
Não, meu anjo; e se viessem
A quem os daria Deus?

Levantando o véo escuro
Do destino, hoje tão cru,
Lêr no livro do futuro
Tentarás acaso tu?....
— Vem vêr commigo! — Ergue a fronte!
No fim de largo horisonte
Que vemos? — Um ermo nu!...

Da roupagem matizada
Que a esperança empresta á dôr,
Que vês n'essa longa estrada
Que nos mostre a verde côr?...
Tudo negro, em céo e terra;
Na campa o termo da guerra
Que em vida nos move o amor.

Como tu, cego, illudido,
No porvir eu já pensei,
E em delicias embebido
Que senti... que vi... nem sei!...
Sei que tudo era risonho...
Mentira!... no fim do sonho
Tremi de susto... chorei!...

Tu já viste, quando a aurora
Principia a despontar,
E o negro véo que descora
Pretende a custo rasgar,
Como tudo se transforma,
Como d'uma e d'outra fórma
Nos faz a sombra scismar?...

Não vês perto immenso vulto,
Firme como estatua alli?
Não vês outro, ao longe occulto,
Surgindo, correr a ti?
Não vês como, á luz do dia,
É medonho o que sorria,
E o que era triste, sorri?...

Assim nos dourados sonhos
Eu não sinto o peso á dôr:
Tudo são quadros risonhos,
Tudo são ficções d'amor;
Vejo em tudo a tua imagem,
Sem que a nuvem, de passagem,
Venha empanar-lhe o fulgor.

Vejo-te meiga a meu lado,
Tudo o que é teu me seduz,
E assim te adoro, curvado,
Como o crente adora a cruz.
Desperto emfim!... Que futuro!
Mostra-se o destino escuro
Se ás trevas succede a luz.

Não penses, anjo; se pensas,
Como eu chorei, chorarás;
As meigas, solidas crenças,
Como eu perdi, perderás;
E um refrigerio na morte,
Contra os revezes da sorte,
Como eu peço, pedirás.

Não penses! Deixa o destino
Envolto em seu denso véo,
Que um sentimento divino
Não ganha aqui um trophéo.
— Seja a vida um mar de pranto,
Que este amor, tão puro e santo,
Não é da terra, é do céo!

UM BEIJO

> **Tão modesta commigo aqui passava**
> **A bella Nympha em pratica amorosa,**
> **Que quando respeitoso lhe beijava**
> **A delicada mão, branca e formosa,**
> **Vergonhosa ficava em breve espaço**
> **Com os olhos cahidos no regaço...**
> **Quantas vezes dizendo que me amava,**
> **No seu formoso rosto eu conhecia**
> **Que cheia de ternura desejava**
> **Inda dizer-me mais do que dizia?**
> **Porém não lhe deixava o honesto pejo**
> **De todo declarar o seu desejo...**
> **QUITA. — *Egloga XI.***

Dizem que um beijo,
Mimosa Elvira,
Se d'um desejo
Que amor inspira
Sómente nasce,
Vai de repente
Rosado pejo
Pintar na face,
Pállida e linda,
Que os labios sente
De fogo cheios;

—Mais quentes inda
Porque os receios
Borbulham n'alma,
Que em taes enleios
Não póde, calma,
Votar-se ao gozo.

Que de innocente
Não tem a essencia
Beijo amoroso;
—Seja pedido
Com impaciencia,
Roubado seja
Pelo atrevido,
Que da peleja
Na effervescencia,
Por ser ousado
Não é vencido;
—Seja, indolente,
Sem ser pensado,
Quasi cahido
Da bocca ardente
No rosto amado.

Por ser nascido
De uma vertigem,
Julgam, de certo,
D'um beijo a origem
Menos honesta;
Pois chama perto
Do peito amante,
Da amada o peito

Que, palpitante,
Jámais contesta
Dôce direito.
De tal contacto
Magico effeito,
Sustenta o mundo
Que no recato
Dá golpe fundo...
Que um beijo ateia
Fogosa chamma,
Que se incendeia
N'um fogo activo
Que amor inflamma;
Sendo, portanto,
Prologo vivo
De longo drama,
Com varias scenas,
Muitas de pranto,
Poucas amenas;
Mil peripecias,
Todas d'encanto,
Tragam facecias,
Promovam penas;
Drama terrivel
D'incerto entrecho,
Que no desfecho
Só tem certeza;
Pois é visivel
Que tal empresa,
Sendo a estructura
Da natureza,
Por mal segura,
Cede á fraqueza...
Não reina o siso

Que o mal conjura,
Morre a pureza...
Vence a ternura!...

Falso juizo
Do mundo louco!...
Mas, se d'um riso
Que nada exprime,
Que diz tão pouco,
Se fórma um crime,
Não causa espanto
Que haja quem diga
D'um beijo... tanto!...

No beijo... eu creio,
Se n'isso attento,
Que ha fundamento
Para essa briga;
Mesmo receio
Que até consiga
Juiz sincero,
Sem malquerença,
Só por austero,
Lavrar sentença.
—Que eu sei de beijos
Dados a furto,
Que em prazo curto
Movem cuidados...
Quando os desejos
N'elles creados
Não acham guerra

N'um peito casto,
São beijos dados
Fatal semente
Lançada á terra,
N'um campo vasto,
Que ao sol ardente
Só gera amores;
Mas... sem resguardos
Contra os ardores...
Produz mil cardos...
Dá poucas flôres...

Mas beijos d'esses,
Formosa amada,
Se tu soffresses
Que a tez manchada
Te fosse um dia,
Não t'os daria
Bocca ditosa
Que fôra outr'ora
Por ti beijada;
Não; que essa, agora,
Se viciosa
Foi, por fraqueza,
Já não tem nada
Que a natureza
Dar-lhe podéra;
Pois foi tocada
Por labios puros,
Que alguem dissera
Quasi divinos,
Quando, seguros,
Se vão abrindo

Nos dóces hymnos.
Que ao céo subindo
Mostram a essencia
Do sér mimoso
Que a Providencia
Sábia me aponta,
Bradando forte
Que negra affronta
Faço ao destino,
Não tendo em conta,
Na terra, o gozo
D'amor divino.

Já distinguiste
Porque motivo
Da bocca antiga
Só fórma existe?
Já viste, bella,
Pintada ao vivo,
Dôce mudança,
Ventura d'ella?
Tudo que eu diga
Que a mente alcança,
Mostra sómente
Que hoje, tão pura
Como a tornaste,
Não só não mente,
Porque a ensinaste,
Mas da doçura
Que lhe infiltraste
Revela as provas
Meigas, amenas,
Soltando trovas,

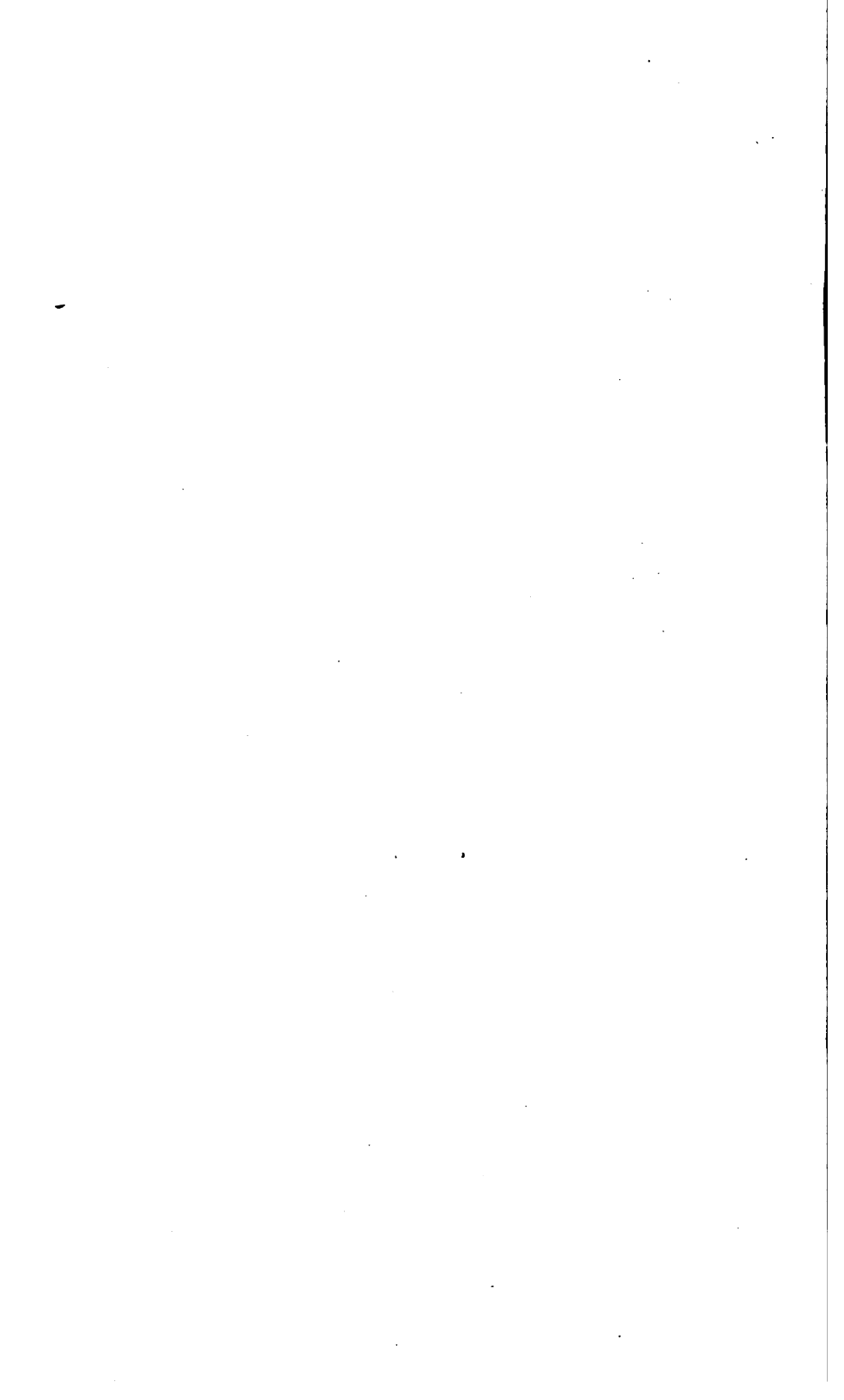
Fallando apenas;
Que em si resume
Doçura lenta,
Que até exhala
Grato perfume,
Se de ti falla,
Se o nome canta
Gravado n'alma!

Beijo que imprime
Bocca tão calma,
Se amor exprime,
Que altivo impera,
Nem vicio o gera,
Nem gera o crime.

Na linguagem
D'um beijo casto,
Vai pensamento
Profundo, e vasto,
Que o sentimento
Dá como exemplo:
Beija-se a imagem
No sacro templo,
Sem que a bafagem
Creste de leve
Labios de rosa,
Faces da neve.
No beijo ardente
D'alma piedosa
Sincera e crente,
Puro respeito
Não vai sómente;
Pois sahe do peito

D'affecto immenso
Prova evidente,
No fogo intenso
D'amor vehemente,
Sem que uma ideia
Passe na mente
Do mundo alheia,
Que, só passando,
Quebre a pureza
Do beijo brando,
Casto, piedoso,
Que n'alma presa
Deixa reinando
Celeste gozo;
Tal, como o sinto,
Se um beijo dando
Na face tua,
Com outro pagas,
Que me insinúa
D'amor distincto,
Que dôce afagas,
Toda a candura!
Vês como és pura,
Candida Elvira?...
Como a ternura,
Quando se inspira
D'amor tão santo
Que ao céo convida,
Nem perde o gozo,
Nem quebra o encanto,
Nem é profana?...

Se sou ditoso,
Quando esta vida

Me custa dôres,
De ti dimana
Tanta ventura;
Que os teus amores,
Sendo um prodigio
Na terra ingrata,
Nem um vestigio
Da dôr, que mata,
Deixam patente.
Se essa existencia,
Pela pureza,
Quasi desmente
Da natureza
Força potente,
Da tua essencia
Mysterio fundo,
(Se algum encerra,
Vedado ao mundo)
Julgo que abranjo:
— Vives na terra,
Mas és um anjo.

UM SONHO

Escuta, Elvira!... Vou contar-te um sonho,
Bello, risonho, que uma vez sonhei;
Inda, ao lembrar-me d'esse gozo brando,
Se estou sonhando, se a pensar... não sei!...

No véo da noite, que a voar fugia,
Raios do dia penetrando eu vi;
E a luz que d'arte seu fulgor mantinha,
Da luz que vinha já tremia alli!

Fugia o somno, dos mortaes regalo,
Breve intervallo de fadiga atroz;
Que a branca aurora negro véo rasgava,
Longe bradava do tambor a voz.

Ia o campino, da cabana pobre
Que ao mundo encobre tão feliz viver,
Com prazer n'alma, de socego cheia,
Na terra alheia seu suor verter.

Cantos suaves, divinaes gorgeios,
D'enlevo cheios, a subir ao ar,
Vinham ás mágoas que me andavam n'alma,
Repouso, e calma, por momentos dar.

O novo dia, como o dia findo,
Surgia ouvindo matinal canção;
Chamando os homens ao trabalho, á vida,
Diurna lida começava então.

Ai!... minha Elvira!... como foi risonho,
Suave, o sonho que eu então sonhei!
Olha... inda agora, que t'o vou contando,
Se estou sonhando, se a pensar... não sei!

Á luz nascente levantando a fronte,
Lá no horisonte nuvem branca eu vi:
Candida neve, no rigor da alvura,
Seria escura collocada alli.

Já viste o cysne, que do lago perto
N'um vôo incerto quer voar além,
E abrindo as azas, no bater serenas,
Mais niveas pennas amostrar-nos vem?

Assim a nuvem, que se abrira ao meio,
Rasgando o seio, novo sêr mostrou;
Candido vulto, magestoso, lindo,
Meigo, sorrindo, que do céo baixou.

Alva roupagem, vaporosa e leve,
Rival da neve, qual virgineo véo
Deixava aos olhos, que inundavam prantos,
Prevêr encantos que só ha no céo!

Dos ternos olhos, onde amor fallava,
Pura emanava seductora luz,
Pallida e bella, como a luz da lua,
Se em noite sua com fulgor seduz.

Mostrava a face divinal candura!
Leve tintura lhe animava a côr;
Era a açucena do jardim, mimosa,
Ligada á rosa, n'um festim de amor.

Como a florinha na estação d'estio
Abre ao rocio que do céo lhe vem,
Abria os labios um sorriso ameno,
Puro, sereno, que a mulher não tem!

Mal podem cantos de sentida lyra
Dizer-te, Elvira, como ao céo subi,
Nas azas leves do prazer levado,
Quando a meu lado voz celeste ouvi!

Som deleitoso que o meu sêr prendia,
Quando eu ouvia que a feliz missão
Era jurar-me que lá d'alto vinha
Prender na minha, a delicada mão!...

Ouvi-lhe em phrases, como o som cadentes,
Votos ardentes d'um amor sem fim;
Deus ordenára que este amor profundo,
Fosse no mundo premiado assim!

Alli colhiam da victoria as palmas
Ditosas almas que a paixão ligou;
E um dôce canto, d'harmonia immensa,
Filho da crença, para o céo voou!

Voz tão sonora, locução tão pura,
Tanta candura, quem podia ter?
Esse anjo, vindo d'eternaes espheras,
Se tu não eras, quem podéra ser?...

Eras, Elvira, que eu te vi chorando;
Mas... acordando n'esses gozos meus,
Cederam sonhos á cruel verdade!
Resta a saudade, teu amor e Deus!...

NOTAS

DINHEIRO!

Pag. 14

Um prologo, por fim, é sempre asneira.

Quando a necessidade entra pela porta, sahe a virtude pela janella — diz o proverbio.

Eu nunca tive a porta fechada; a janella, porém, abre-se agora, para sahir esse maldito verso, que tive a imprudencia de escrever em hora aziaga. Ponderando eu a urgencia de apresentar aos meus leitores algumas linhas de introducção ás oitavas que se seguem, disparou-me um amigo esse verso, esperando, talvez, que eu cahisse a seus pés, ferido mortalmente na parte mais sensivel do meu orgulho.

Enganou-se. Eu disse que — *Um prologo, por fim, é sempre asneira* —; mas não ousei sustentar que existisse um abysmo entre a asneira e esta sua innocente victima. O caso foi assim. Metti-me em uma empresa litteraria, cuja difficuldade reconheço agora que é muito superior ás minhas forças; mas o Camões, associado commigo n'isto, brada-me lá de cima:

«Não tornes para traz, pois é fraqueza
«Desistir-se da cousa começada.»

Era forçoso obedecer-lhe. Recitei, na presença de algumas pessoas, uma pequena amostra do meu trabalho: applaudiram-no, encheram-me de basofia, e foram dizer, depois, que eu estava fazendo uma parodia aos *Lusiadas!* E não só o disseram; houve até quem o escrevesse!

Que blasphemia, meu Deus! Eu, que sou eu, parodiar Camões!

Não creio em almas do outro mundo, mas julgaria mais facil vir Camões parodiar-me, se entendesse que valia a pena.

Não é uma parodia, uma paraphrase, nem cousa que o valha, o que intentei fazer. Abri a edição dos *Lusiadas,* por Jo-

sé da Fonseca, impressa em Paris em 1846, e lembrei-me de escrever dez satyras, que tantos são os cantos do inimitavel poema, dando a cada uma d'ellas o numero de versos que contém cada canto, servindo-me de todas as suas rimas, de versos inteiros todas as vezes que o permittisse o assumpto, aproximando-me, finalmente, o mais que podesse do poema.

Dando principio ao trabalho, comecei a suar em bica, e ainda hoje não posso decidir se era devida ao calor essa distillação, ou ao phrenesi que me causava a difficuldade da empresa. Ouso dar publicidade á primeira satyra, se tal nome merece, e na qual sigo o primeiro canto dos *Lusiadas*. Como Lope da Vega,

«Sustento en fin lo que escribi y conozco
«Que aunque fuera mejor de otra manera,
«No tuvieran el justo que han tenido.
«Porque á veces lo que es contra el justo
«Por la misma razon deleita el gusto.»

Cada uma das satyras terá um titulo seu, e tratará de assumpto diverso: dando esse titulo á primeira, sinto amargamente desmentir o adagio: — *Cada qual dá o que tem.*

Não exalto o merecimento do meu trabalho, nem peço indulgencia para as faltas. Promettendo aos leitores do *Futuro* a primeira satyra, como amostra, recommendo aos poetas que se dediquem a fazer alguns ensaios n'este genero, na certeza de que a superioridade dos seus trabalhos só lhes attrahirá o meu respeito, e jámais a inveja. Aos que não forem poetas... dou-lhes os meus sinceros parabens.

(*Nota do author*).

AO BRAZIL

PAG. 57

Estes versos foram escriptos por occasião do conflicto Christie que tanto e tão nobremente abalou a população do Rio de Janeiro.

PAG. 67

Se ao papagaio mandado,
Por que és bom, não me condemnas.

Em Portugal, especialmente no Porto, é muito usado o gracejo de pedir um papagaio ás pessoas conhecidas que partem para o Brazil. Isto é sabido por meio mundo. Faz-se esta nota para o outro meio.

(*Nota do author*).

UM PASSEIO

Pag. 91

Não se encontrou, entre os papeis do poeta, o resto d'esta composição.

AMOR SEM FIM

Pag. 131

Esta poesia foi publicada no *Futuro* (revista que o author redigiu em 1862 e 63) com o pseudonymo de M. Reis Fojo Seabra. Trazia então esta nota:

«Estes versos foram inspirados pela leitura da seguinte noticia, publicada no *Correio Mercantil* de 24 de fevereiro de 1869.

«Hontem de manhã surprehendiam a população pelos logares em que passavam dous coches, conduzindo dous cadaveres ao cemiterio de S. Francisco Xavier. E o povo ignorava que eram dous noivos que, no fim de seis mezes de uma existencia feliz, iam procurar no céo a bemaventurança que na terra não poderiam encontrar. Eram o snr. Pedro José de Araujo Pamplona Corte Real, pharmaceutico estabelecido á rua do Hospicio n.º 117, e sua digna e exemplar esposa a snr.ª D. Joaquina Alves de Sousa Pamplona Corte Real. Vendo adoecer seu esposo de uma molestia grave, apoderou-se de grande dôr, contentando-se com fraca alimentação, velando noites inteiras á sua cabeceira e procurando exceder em dedicação a todos aquelles que cercavam o doente. Quando viu perdidas as ultimas esperanças, foi tão profunda a mágoa, que cahiu como ferida de um raio, cinco horas antes do esposo moribundo que perguntava por ella, acreditando deixal-a n'este mundo!

«Foi uma scena pungente! Ambos morreram. Ambos jazem

unidos na derradeira morada; ambos gozarão no céo a felicidade eterna.

«D. Joaquina Alves de Sousa Pamplona Corte Real foi uma esposa modêlo, e o seu coche mortuario, seguindo após o de seu marido era um verdadeiro carro de triumpho, provando que em um seculo em que vão apagados os mais puros sentimentos da alma, póde haver uma interprete sublime do mais puro e elevado amor conjugal.»

A ABELHA

Pag. 135

Sahiram estes versos pela primeira vez no *Futuro* com o pseudonymo de M. Reis Fojo Seabra.

ESPERA

Pag. 139

Tambem foram publicados no *Futuro* com igual pseudonymo.

A MANOEL DE MELLO

Pag. 179

N'um sarau litterario e musical dado no *Club Fluminense*, na noite de 4 de abril de 1864, leu o snr. Manoel de Mello, erudito tão modesto quanto competente, um estudo intitulado — Camões, honras posthumas. — Depois de ouvir attentamente a leitura d'esse trabalho, recolheu-se o poeta a uma sala interior, e de um jacto escreveu estes versos, que d'ahi a pouco leu, entre os applausos do auditorio, que o obrigou a repetil-os.

PERDÃO

Pag. 185

Sahiram estes versos no *Futuro* com o pseudonymo de J. de B. Pinto.

INDICE

Porto: 1877 — Typ. de Antonio José da Silva Teixeira, Cancella Velha, 62